SHOWBIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

www.uol.com.br/showbizz

15 anos

História do rock de Brasília – última parte

O show mais tenso da Legião

Quem conquistou o Brasil e quem ficou pelo caminho

Axl Rose fala:

"Chorei lágrimas de ódio por causa de Slash"

"O Guns N'Roses não conseguia encarar o público sem as drogas"

R$ 5,00 5561/1
EDIÇÃO 176 ANO 15 Nº 3 MARÇO 2000

ISSN 0104-1649

Prêmio Bizz

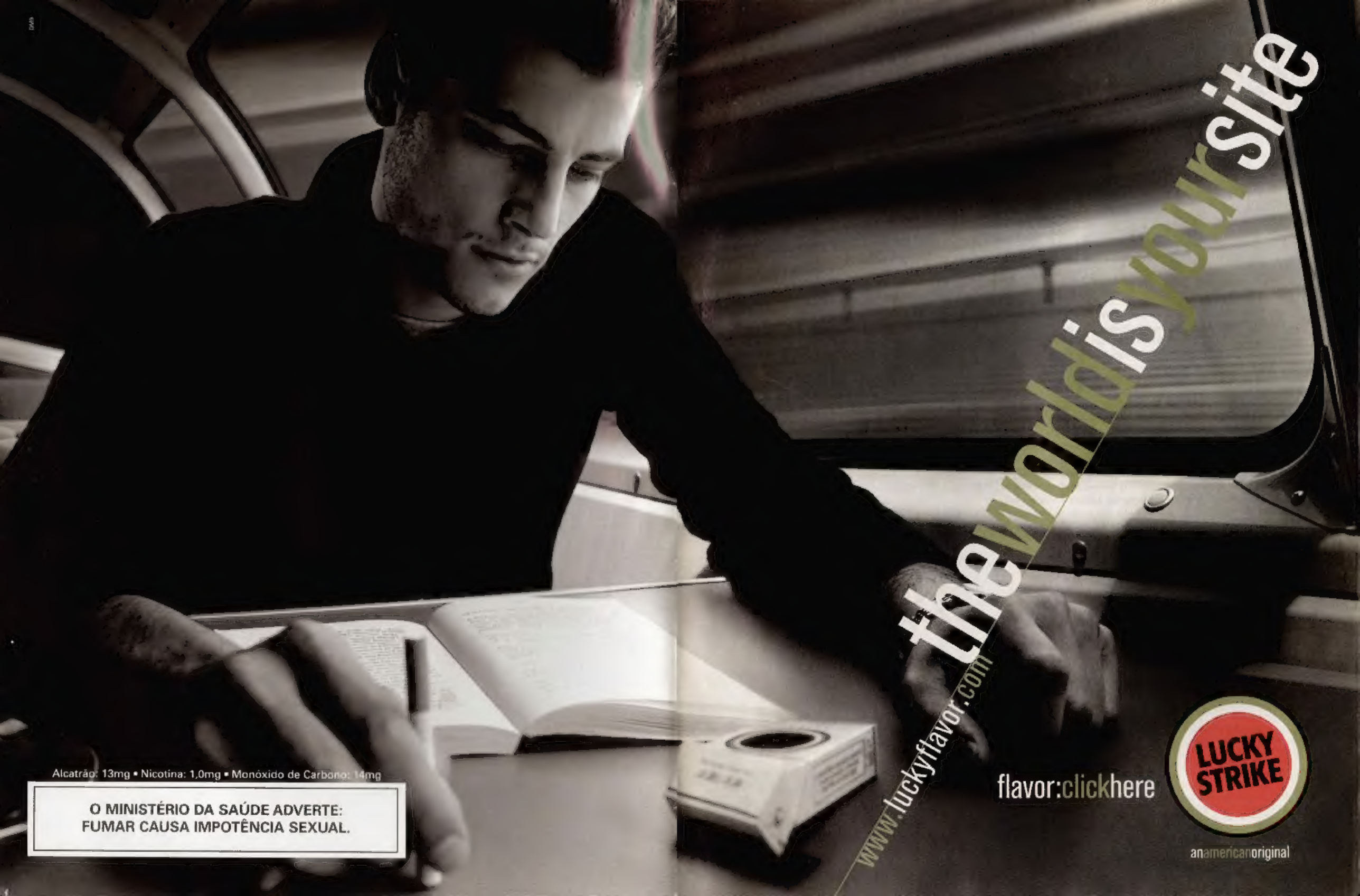
Chili Peppers

a banda do ano

Pearl Jam • Charlie Brown Jr. Beck • Raimundos • Los Hermanos

Saiba quem venceu na eleição dos melhores da música

Abril


theworldisyoursite
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
anamericanoriginal
Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR CAUSA IMPOTÊNCIA SEXUAL.

Editorial&Sumário

Charlie Brown Jr., a banda brasileira mais votada pelos leitores

Shin Shikuma/Divulgação

1) Red Hot Chili Peppers/Retna
2)Legião Urbana/ Divulgação/Fábio Cohen
3)Axl Rose/ Stills/All Action

Você elegeu e a gente constatou, feliz, uma bela oxigenada na relação dos vencedores do Prêmio BIZZ. Nada contra os papões, mas é sempre bom ver nomes diferentes (não necessariamente surpresas) entre os favoritos dos leitores. Depois das vitórias de Titãs e Aerosmith como artistas do ano em 1997 e 1998, não seria uma ironia injusta dizer que, em 1999, com os prêmios indo parar nas mãos de Red Hot Chili Peppers e Charlie Brown Jr., a opinião da maioria finalmente chegou aos anos 90.

Para invalidar esse comentário, basta um conferida no histórico do prêmio: em 1992, os vencedores haviam sido os mesmos Peppers e o Sepultura. Em 1994, os Raimundos ganharam, junto com os... Rolling Stones, que naquele ano nos tinham dado a honra de uma visita. Pois é, na música – e no gosto – popular vale aquela história de "o tempo passado e o tempo presente / estão ambos talvez presentes no tempo futuro / e o tempo futuro contido no tempo passado". Mas desconfio que é cretino demais vir com poesia ("Burnt Norton", dos Quatro Quartetos, de T.S. Eliot) numa hora dessas.

Aquele abraço,
Pedro Só

28 Axl fala
Todo a amargura e o veneno destilados pelo líder do Guns N'Roses ao dar a primeira entrevista em seis anos

30 Prêmio BIZZ
Red Hot Chili Peppers, Charlie Brown Jr., Raimundos, Pearl Jam, Los Hermanos, Beck... Os melhores de 1999, segundo o público e a crítica

46 Los Hermanos: uma banda para casar
Depois de "Anna Júlia" e de "Primavera", eles oferecem a outra face

50 A história do rock de Brasília
Terceira e última parte da reportagem: a vida das bandas longe do Planalto

sempre em showbizz

10 CARTAS
Uma polêmica genital envolvendo Offspring e Sugar Ray; declaração de amor a Paul McCartney

12 SHOWBIZZ RESPONDE
Ficha do Green Day; discografia do Screaming Trees

14 BIZZES
A doce vingança de Lobão; o disco de Marcelo Bonfá

62 DEMOCRACIA
O som do Sul: Grenade, de Londrina, e Video Hits, de Porto Alegre

65 CRÍTICA
Os novos de Smashing Pumpkins e Primal Scream; a volta do Steely Dan

76 TESTE
De quem é a música, Pablo?

77 LETRA TRADUZIDA
"Go Let It Out", a nova do Oasis

80 PARADA SHOWBIZZ
A hora e a vez de Lou Bega e Gabriel O Pensador

81 ENTRE LEITORES
Fãs dos Ramones procuram almas gêmeas

82 DISCOTECA BÁSICA
Fresh Fruit For Rotten Vegetables, dos Dead Kennedys

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Shack – H.M.S Fable
Iguaria importada do Reino Unido. Os irmãos Mick e John Head fazem boa música há 17 anos, mas só com o terceiro disco do Shack emergiram. Folk rock pungente.

Spearhead – Home
2Pac e B.I.G. precisariam viver e morrer mais umas dez vezes para conseguir o requinte do primeiro disco do Spearhead, um cara mellow do rap.

The Jam – Beat Surrender
Nada como uma seleção de rock da banda mod do guitarrista Paul Weller para aliviar a dor de viver num mundo tão moderneticozinho.

Miguel De Deus – Black Soul Brothers
Uma pérola esquecida do funk brasileiro, gravada em 1977. A canção-título prova que Fatboy Slim estava 21 anos atrasado quando criou seu bordão hipnotizante.

Música do BRASIL

Estréia na MTV o programa musical que levou 500 anos para ficar pronto.

Em março, estréia na MTV a série MÚSICA DO BRASIL, o mais belo e revelador painel da musicalidade brasileira jamais produzido. São 15 programas semanais para você ver, ouvir e aplaudir. Você vai se surpreender com a criatividade de um povo que vai sacudir o seu vídeo fazendo misturas improváveis como reggae com bumba-meu-boi, índio com heavy metal, funk com pagode, só para citar alguns. Comandado por Gilberto Gil, MÚSICA DO BRASIL vai trazer também convidados ilustres como Caetano Veloso, Milton Nascimento, É o Tchan, Carlinhos Brown e Fernanda Abreu. Nem pense em perder. A menos que você queira esperar mais 500 anos e sem a garantia de que vai ver algo parecido.

130 performances musicais

80.000 km
80 cidades

patrocínio: gradiente

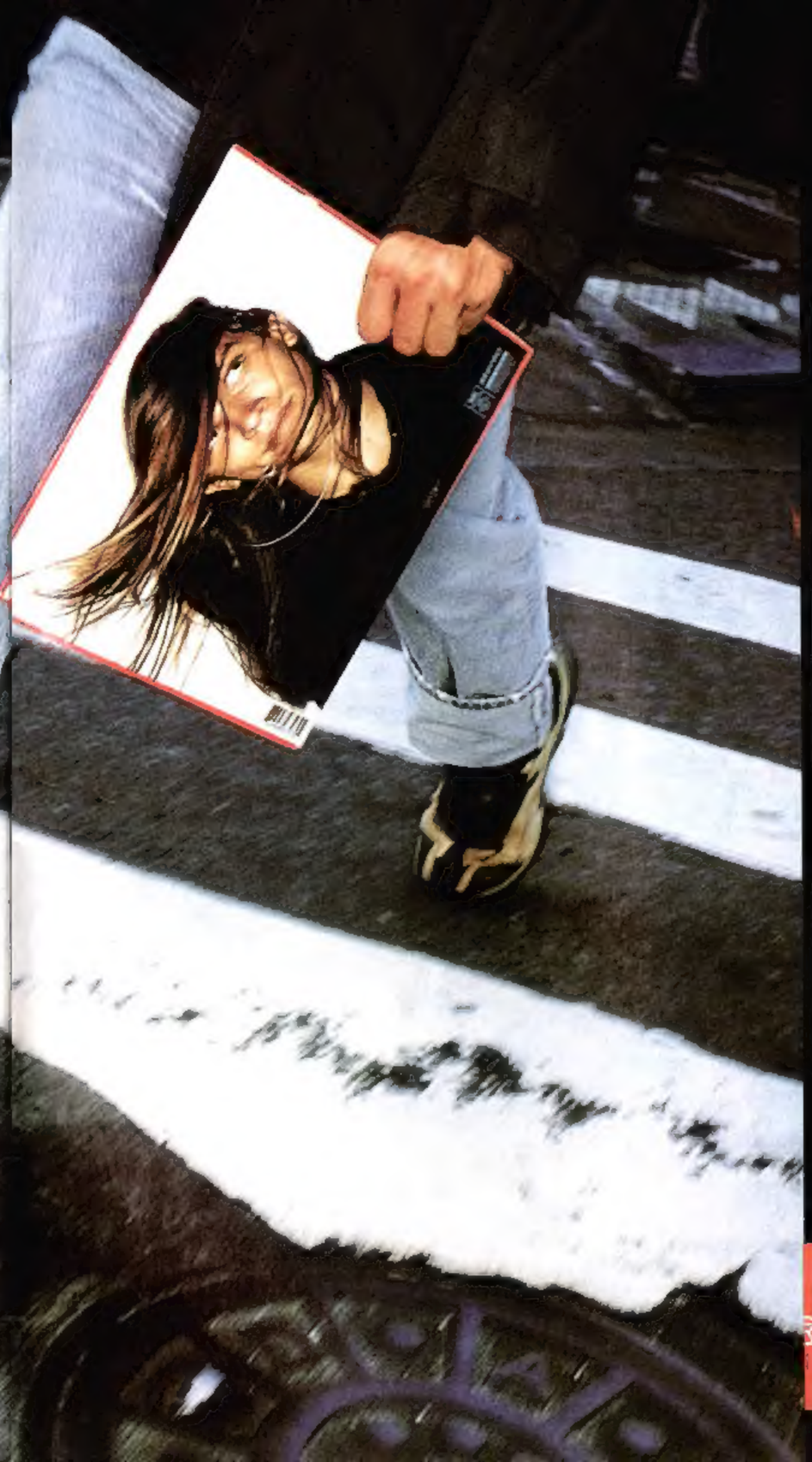
zip
zip.net

www.musicabr.com.br
ESTRÉIA 24 DE MARÇO, às 22h00
REPRISE DOMINGOS 13h00 e TERÇAS 11h00

realização: Abril ENTRETENIMENTO

Levi's Players

www.levi.com



Levi's

Original jeans. Original people.

(c)fam

Patrocinador Oficial da Moçada.

Com o cartão da Conta Universidade Banespa, você vai ver que valeu mesmo a pena ter estudado tanto. É só apresentar seu comprovante de matrícula da faculdade e abrir a sua conta. Você vai ter 100% de desconto nas tarifas bancárias(*) e mais um mundo de vantagens: limite de crédito, Cheque Eletrônico, além de acesso ao mais moderno atendimento bancário: Home Banking, Telebanespa, Netbanking, Rede Especial Banespa, Banco24Horas e até abertura de conta pela Internet. Na faculdade você já entrou. Agora entre na vida ao lado do Banespa.

(*) Pelo período de 1 ano, na mensalidade da Conta Combinada Banespa - modalidade 3 - Promoção por tempo limitado.

Conta banespa jovem

www.banespa.com.br

Cartas

Será que ele é?

Sou assinante da SHOWBIZZ e quando li a seção de frases da edição de fevereiro me assustei. Quando ouço uma música com uma letra decente e consciente, gosto de louvar o autor, penso que a pessoa deve ser esclarecida para poder exprimir coisas interessantes e, muitas vezes, gritar verdades por aí. Sendo assim, me decepciono com muitos artistas. Como aquele cara pode ter escrito aquela música e ser assim?! OK, todo esse drama é por aquela frase dita por Dexter Holland, do Offspring: "Mark McGrath, do Sugar Ray, me mostrou seu pênis", lembrando à revista *Kerrang!* qual foi o ponto alto de 1999. Peço que vocês me esclareçam a piada. Não entendi!!! Não conheço a revista *Kerrang!* e não sei em que contexto foi dita a frase. Pô, não sabia que o Dexter tinha contato com o pessoal do Sugar Ray. Muito menos que tinha um contato tão grande! Aguardo o esclarecimento de vocês. Afinal, foi uma grande tiração de sarro, não é?

Carolina C. Moreira – Curitiba, PR

A Kerrang! é uma revista semanal britânica especializada em som pesado, Carolina. Não foi tiração de sarro nossa. O momento peniano aconteceu no backstage de um show em que o Sugar Ray abria para o Offspring, conhecidos fanfarrões. Você não deveria ficar tão encanada com o assunto, afinal, é apenas rock'n'roll. E Dexter, casado e pai de família, provavelmente estava brincando. Provavelmente...

Dexter Holland, do Offspring: "Nossa, que polêmica enorme!"

Divulgação

Provocador, hein!?

Já que o pessoal anda escrevendo para a revista para descer o pau na Legião Urbana, aproveito para externar o meu descontentamento com a revista devido ao puxa-saquismo e extrema atenção que a revista dá ao Nirvana e seu "grande" líder Kurt Cobain. O cara nem sabia assinar o nome e, segundo o Kid Vinil, a força da banda estava nas melodias (?) e não nas letras. Portanto, não me venham com aporrinhações e idéias tentando me provar o contrário. Eu odeio o Nirvana! Ah, querem mais um bom motivo para odiar esse "herói"? Nada mais, nada menos do que ter que aturar a chata da Courtney Love e seu "glorioso" Hole. Ah, vocês estão pensando que sou da geração anos 80, que odeia os anos 90, não é? Cairam do cavalo! Tenho 19 anos. Quero ver se a revista tem peito de publicar essa mensagem, pois a irritação que vou causar nas viúvas do ídolo será grande. Abraço a todos.

Rigoberto José da Silva – São Paulo, SP

Puxa, Rigoberto, você é mesmo audacioso. A partir do próximo mês, teremos mudanças na seção de cartas. Você não perde por esperar.

Indignado

Costumo começar minha leitura da SHOWBIZZ pela seção de críticas de discos. Porém, na edição de janeiro, o jornalista José Flávio Júnior foi extremamente infeliz (a ponto de me incomodar) na crítica do CD *Nº 4* do Stone Temple Pilots. Não vou nem perder tempo comentando o pífio título: "Pós-grunge chinfrim a caminho da segunda divisão". Fala sério, brother. No texto, logo de cara, o sujeito classifica o Stone Temple Pilots de "bandinha". Primeiro: desrespeito com os fãs da banda que lêem a revista. Segundo: chamar a banda responsável por *Core* dessa forma depreciativa é, no mínimo, burrice. A partir daí, o gênio em questão tenta elaborar um texto um pouco mais interessante, até que vem o absurdo maior: o cara cita a "ironia da capa" do disco e compara a estrela solitária com o símbolo do Botafogo, dizendo que ambos brigam pra ficar na primeira divisão. Que coisa mais medíocre. Tudo isso para finalizar dizendo que "se continuar fazendo discos como este, é rebaixamento na certa". Acho que um cara que precisa se valer desse tipo de analogia pra encerrar a sua crítica não está em condições sequer de entender o CD. Como é de costume de vocês, este e-mail não será publicado. Mas isso não importa. Se o José Flávio Júnior tiver disposição e cérebro pra me responder já está mais do que bom.

Marcos Vicca – São Paulo, SP

Com a palavra, José Flávio Júnior: "Caro Marcos, bandinha pode ser um jeito carinhoso de se referir a um coletivo de músicos. Em português, o diminutivo tem essa conotação afetuosa. Sobre os Stone Temple Pilots, confesso que gosto muito dos álbuns Purple *e* Tiny Music – Songs From The Vatican Gift Shop, *mas o disco novo está muito aquém do potencial da banda – e fico chateado com isso. A comparação com o Botafogo foi irresistível, e a semelhança entre a capa e o escudo do clube está na cara".*

Ecleticomaníaco

Posso ser considerado um louco, um alucinado beatlemaníaco, pois tenho tudo, na medida do possível e do impossível, dos quatro caras de Liverpool. Mas, além do Fab Four, gosto de inúmeras bandas. Adoro Police, Queen, Duran Duran, Earth Wind & Fire, Led Zeppelin, Roxy Music, Blondie, Byrds, Beach Boys, Kraftwerk, Depeche Mode, Smiths, R.E.M., Iron Maiden, U2, B-52's, New Order, Pink Floyd, Mutantes etc. Enfim, me considero uma pessoa muito eclética. Sou daquele tipo de leitor esporádico, que compra a revista quando encontra uma matéria que é do seu interesse. Mas acho que a SHOWBIZZ deve ter o papel de enfocar todos os gêneros musicais: do jazz ao axé, do heavy metal ao sertanejo. Sem discriminação, sem preconceitos. Vocês estão no caminho certo. Em homenagem à revista, estou mandando este desenho que fiz de Paul McCartney, aproveitando para celebrar seus dois novos trabalhos, *Run Devil Run* e *Working Classical*. Parabéns por produzirem uma revista com muita informação e diversificação.

Macca, no belo traço do leitor

Francisco Soza – Salvador, BA

Correções

• O nome do disco do Rappa, *EufoB EufoA*, saiu errado na seção Ao Vivo, pág. 77, da edição de fevereiro.

• Na segunda parte da matéria sobre a história do rock de Brasília, pág. 45, boxe "Manifesto de uma geração", ocorreu uma pisadinha na bola. No segundo parágrafo, onde se lê o nome de Elis Regina associado à música "Cordilheira", deveria estar escrito o nome da cantora Simone, que gravou o referido sucesso.

• Em SHOWBIZZ Responde de fevereiro ficou faltando a informação de que o projeto The Other Two (de Gillian Gilbert e Stephen Morris, do New Order) possui outro álbum em sua discografia: *Super Highways*. Os singles citados na matéria são os que estão disponíveis para compra em sites da Internet.

• A pág. 51 da edição de janeiro diz que a banda Gong é alemã. Mas o líder Daevid Allen é australiano e o grupo foi fundado em Paris.

• Quanto a um tópico da entrevista do compositor Randy Newman, edição 175, que falava da música "Suzanne": Leonard Cohen compôs e gravou "Suzanne" em seu primeiro disco, *Songs Of Leonard Cohen*, de 1967. Três anos depois, Randy Newman escreveu e gravou uma outra "Suzanne", satirizando a canção de Cohen. Daí o fato de Newman ter dito na entrevista que a música havia sido feita "para um cara meio chato, como o Leonard".

• *71 6* é o nome do disco do Rumbora, diferentemente do que saiu na edição 174, pág. 16.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fã-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0__11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(outras cidades)*
Fax: (0__11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0__11) 3990-2200
Fax: (0__11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0__11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0__11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE E EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES E CONTROLE: Gilberto Fischel

DIRETOR DE PUBLICIDADE: Celso Marche
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE DE GESTÃO: Maurício Dabul

SHOWBIZZ

DIRETOR DE REDAÇÃO: Felipe Zobaran
REDATOR-CHEFE: Pedro Só
EDITORES: Emerson Gasperin e Toninho Spessoto
REPÓRTER: Andrea Estevam
EDITOR DE ARTE: Rodolpho Vasconcellos
EDITORA ASSISTENTE DE ARTE: Maria Marta Teixeira
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula F. Moreira Santos
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) Abonico R. Smith, André Barcinski, Ayrton Mugnaini Jr., Bernardo Araújo, Carlos Marcelo, Celso Pucci, César Garcia, Hagamenon Britto, José Flávio Júnior, Luciano Vianna, Lúcio Ribeiro, Marcel Plasse, Marcos Bragatto, Sérgio Barbo, Sérgio Martins, Valéria Rossi, Wagner Filho (ARTE) Simone Zupardo Dias (FOTOS) Alex Silveira, Anderson Schneider, Marcos Bragatto, Rui Mendes (ILUSTRAÇÃO) Carvall, Felix Reiners, Milton Trajano (REVISÃO) Kiel Pimenta

APOIO EDITORIAL
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
ABRIL PRESS: José Carlos Augusto
NOVA YORK: Grace de Souza
PARIS: Pedro de Souza
RIO DE JANEIRO: Débora Chaves

PUBLICIDADE
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Moacyr Guimarães
EXECUTIVA DE CONTA: Márcia Regina Braga
MARKETING
GERENTE DE PRODUTO E PROMOÇÃO: André Felipe D'Amato
ASSISTENTE DE PRODUTO: Fernando Euzébio dos Santos

RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RH: Marcio Ogliara
PLANEJAMENTO E CONTROLE
GERENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Aluto Luís de Iasi

ASSINATURAS
DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Lídia Colavitti
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira
DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Luiz Edgar P. Tostes
DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL: Jacques Ricardo
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Renato Simões

Abril
PRESIDÊNCIA
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

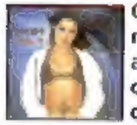
VICE-PRESIDENTES
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald
www.abril.com.br

ShowbizzResponde

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Só pala o Japón



O CD do Toyshop leva o nome de *Party Up* e tem a vocalista Natasha na capa, certo? E aquele CD que saiu na seção de discos da SHOWBIZZ de abril de 1999 (ed. 165) e tem a banda inteira em cima de um carro na capa? Também é *Party Up*?
Ana Camila Carrari – Pedreira, SP
O negócio é o seguinte, Ana: o Toyshop só lançou um disco, intitulado *Party Up* (nome que já batizou a banda). A capinha que foi publicada na edição 165 é a do CD japonês. No resto do mundo, foi lançado com a capa ilustrada acima.

Criador e criatura

Gostaria de obter as discografias de Pearl Jam e Stone Temple Pilots.
Clayton Pereira – Taboão da Serra, SP
Pearl Jam: *Ten* (1991); *Vs.* (1993); *Vitalogy* (1994); *No Code* (1996); *Yield* (1998); *Live On Two Legs* (1998). STP: *Core* (1992); *Purple* (1994); *Tiny Music – Songs From The Vatican Gift Shop* (1996); *Nº 4* (1999).

Doce esquecimento

Quero saber a discografia de uma banda esquecida por vocês entre os 100 melhores discos da década: Screaming Trees. *Sweet Oblivion* estaria na minha lista dos melhores do século.
Tiago Gomes – Rio de Janeiro, RJ
Reivindicação justa, Tiago. Segura a discografia: *Other Worlds EP* (1985); *Clairvoyance* (1986); *Even If & Especially When* (1987); *Invisible Lantern* (1988); *Buzz Factory* (1989); *Change Has Come EP* (1989); *Something About Today EP* (1990); *Anthology: SST Years 1985-1989* (1991); *Uncle Anesthesia* (1991); *Sweet Oblivion* (1992); *Dust* (1996). Só os dois últimos saíram no Brasil.

Cantora boa

Comprei a trilha sonora do filme *Jovens Bruxas* e gostei muito da música "I Have The Touch", do grupo Heather Nova. Queria saber mais sobre eles.
Leonardo de Barros – Guarulhos, SP
Ôpa, Leonardo: Heather Nova é uma cantora. Nascida em Bermuda, no Caribe, começou a ser reconhecida em 1993, com o EP *Spirit In You*, fazendo pop rock com guitarra e violoncelo. Com uma voz que lembra Kate Bush, cantando letras sobre sexo, na mesma praia de Tori Amos e Fiona Apple, Nova aumentou seu prestígio com *Glow Stars* (1993), *Blow* (1993), *Live From The Milky Way EP* (1995) e *Siren* (1998). Músicas dela podem ser encontradas nas trilhas dos seriados *Dawson's Creek* e *Felicity*. E há uma parceria com Moby no tributo ao Clash, *Burning London* (1999).

Mmm, mmm...

Gostaria de saber a discografia da banda canadense Crash Test Dummies.
Cristiano Ribeiro – Nanuque, MG
Ghosts That Haunt Me (1991); *God Shuffled His Feet* (1993); *A Worm's Life* (1996); *Give Yourself A Hand* (1999).

Importados que valem

Gostaria de saber a discografia de Massive Attack e Mark Lanegan. Quais sairam no Brasil?
Iury Luiz Baretta – Belém, PA
Massive Attack: *Blue Lines* (1991); *Protection* (1994); *Mezzanine* (1998); *Singles Collection* (caixa com 11 singles – 1999). Mark Lanegan: *Winding Sheet* (1990); *Whiskey For The Holy Ghost* (1994); *Scraps At Midnight* (1998); *I'll Take Care Of You* (1999). Infelizmente, Iury, de todos esses discos, apenas *Mezzanine*, do Massive Attack, teve edição no Brasil.

"Te cuida, Madonna"

Quais são os novos projetos, se existem, da gatíssima cantora Patsy Kensit?
Eduardo Rutemberg – Xaxim, SC
Patsy nunca abandonou sua carreira de atriz. Estrela em vários telefilmes da TV britânica, a atual mulher de Liam Gallagher emplaca ocasionais papéis na telona. Um dos últimos foi em *A Voz Do Meu Coração*, uma espécie de biografia disfarçada da cantora americana Carole King. Não entrou em cartaz no Brasil, mas saiu em vídeo. Em 13 de setembro de 1999, Patsy deu a luz a Lennon Francis Gallagher, fruto de seu amor com o vocalista do Oasis. Atualmente sua prioridade é cuidar da nova cria. A atriz já foi casada com o líder do Simple Minds, Jim Kerr, com quem teve seu primeiro filho. Em meados dos anos 80, além de atuar, Kensit gravou com o grupo pop Eighth Wonder e conseguiu até emplacar uma capa na querida BIZZ,

A visionária capa da BIZZ de julho de 1986

em julho de 1986, com a profética manchete "Te cuida, Madonna – Patsy vem aí". Um dos ganchos da matéria era a participação da garota no filme *Absolute Beginners*, que nem chegou a entrar em cartaz no Brasil. Ou seja, um mico absoluto do qual hoje, passados quase 14 anos, nos damos o direito de morrer de rir.

Ficha: GREEN DAY

A pedido da leitora **Giselle Izzo**, de São Paulo, SP

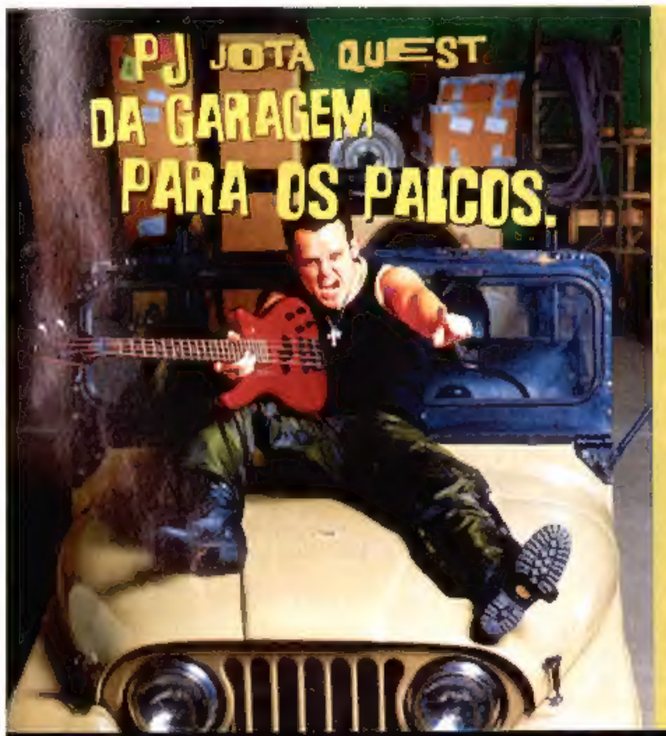
Importância
O trio californiano foi um dos responsáveis por um revival punk que tomou a música pop em meados dos anos 90, após a morte de Kurt Cobain e da febre grunge. Bandas como Offspring e Rancid emergiram em seguida, apresentando um som simples, melódico e energético a toda uma nova geração de adolescentes. Durante a carreira, o Green Day mostrou vontade de evoluir, enxertando novos elementos no punk pop de três acordes que o consagrou. Seu próximo disco é muito aguardado.

Biografia
A dupla Billie Joe Armstrong (guitarra e vocal) e Mike Dirnt (baixo) começou a agitar a ceninha punk de São Francisco no final dos anos 80. Os EPs do início da carreira não contaram com a participação do baterista Tré Cool (Frank Wright III), que virou Green Day na gravação de *Kerplunk!*, primeiro long-play da banda.

"Welcome To Paradise", que futuramente daria um single de sucesso, está no repertório do disco de estréia. A banda estava se saindo muito bem no circuito independente até que o grande salto aconteceu. Com *Dookie*, o Green Day chegou à marca dos 10 milhões de álbuns vendidos. As duas músicas que deram o grande impulso inicial ao disco foram "Longview" (em que Billie Joe versava sobre masturbação) e "Basket Case". Os videoclipes engraçados, com a banda tocando em hospício ou destruindo uma sala de estar, foram grandes aliados nessa fase. O registro ao vivo de "When I Come Around" na segunda edição do Woodstock ficará marcado como um retrato do que foi o festival. Produzido pelo hitmaker alternativo Rob Cavallo e pelo trio, *Dookie* ainda emplacou outros sucessos, como "She". "Geek Stink Breath", que rendeu um videoclipe com extrações dentárias nojentas, é a grande música do sucessor *Insomniac*. "Brain Stew", "Jaded" e "Walkin' Catastrophe" mantiveram *Insomniac* nas paradas, mas não o fizeram repetir as vendas de *Dookie*. Em *Nimrod*, mudanças vieram. "Hitchin' A Ride", com clima Stray Cats, e a balada country que marcou o último episódio do seriado Seinfeld, "Time Of Your Life", fizeram o Green Day marcar alguns pontos. Passaram pelo Brasil em 1998 e devem soltar o trabalho novo ainda neste semestre.

Tré, Billie Joe e Mike Dirnt: trio ternura

Discografia
1,000 Hours EP (1989); *39/Smooth* (1990); *Slappy EP* (1990); *Sweet Children EP7* (1990); *1,039/Smoothed Out Slappy Hours* (1991); *Kerplunk!* (1992); *Dookie* (1994); *Insomniac* (1995); *Nimrod* (1997).



Mensageiro Musical Florianópolis SC (48) 222-4418
Gang Music São Paulo SP (11) 3061-5000
A Serenata Belo Horizonte MG (31) 271-1313
Solicite catálogos. Caixa Postal 4704
Belo Horizonte MG CEP 31270-900
www.michael.com.br 0800 30 30 77
MICHAEL Basses

Bizzes

A vingança é doce

Lobão comemora o sucesso de seu disco independente e avisa: quer fazer parceria com banqueiro, *"heavy business*, mesmo!"

"Se tudo der certo, no final do ano, pra comemorar as 100 mil cópias vendidas – se vendermos 100 mil –, a gente vai ter bala para fazer isso no Teatro Municipal em Manaus, sei lá. Com orquestra, banda, DJ." Lobão faz planos a longo prazo, viaja na maionese do sucesso que conseguiu. A tiragem inicial de 50 mil cópias de *A Vida É Doce* está praticamente esgotada. Durante a temporada de shows na capital paulista, o músico revelou o que está tramando para o ano 2000.

Você vai passar o ano fazendo shows?
Com certeza. Tenho muitos pedidos de shows, inclusive fora do Brasil. Estou pensando em sair por aí no meio do ano, quando aqui temos festas juninas.

E seu selo, o Universo Paralelo?
O Universo Paralelo está em expansão. A gente quer fazer parceria com banqueiro, *heavy business*, mesmo! Mas o grande mercado está nas rádios comunitárias. Tem duas mil em São Paulo. Vou vender para essas rádios. Se cada uma delas me ajudar a vender 50 unidades, vendo 100 mil discos só em rádio comunitária. Não é nenhum absurdo.

A nova prensagem já está a caminho?
Já estamos providenciando mais 50 mil cópias. Pode ter faixa-bônus. Talvez a gente mude a capa, a revista vai ser revisada, vão ser feitas umas melhorias.

Já deu pra ficar rico?
Não. Ainda sem tocar em rádio, a gente atingiu nossa meta de um ano, que era vender 40 mil cópias, em menos de dois meses. Um sucesso. Não investi dinheiro nenhum, foram outras pessoas. Abri mão do lucro inicial porque eu queria sedimentar isso. Porque não é uma coisa de ladrão de galinha. Eu quero é ganhar muito dinheiro! Estou muito interessado em *business*. Quero ganhar muita grana com produtos de excelência. Essa vai ser a minha especialidade. Por enquanto, apenas empatei meus custos, mas já posso ganhar alguma grana em março, quando o esperado era julho.

Você tem notado um público diferente nos seus shows?
Claro, mas é o meu público-alvo: basicamente jovem e que quer mudar. Esse é o verdadeiro show da rapaziada.

Lobão, você venceu?
Acho que não. Sou um cara muito clínico. Claro que estou satisfeito com os resultados. Mas, perto do que estou querendo imprimir, a gente nem começou. Quero fazer alguma coisa pela minha cultura e me divertir.

Fama cansativa

Nigel (o primeiro da dir. para a esq.): rapaz difícil de ser agradado

Divulgação

Faltam poucas horas para Nigel Pulsford, guitarrista do Bush, subir num palco em Miami para o 12º show da atual turnê da banda. "Acho que vai ser um milagre se conseguirmos chegar ao palco. Estamos tão exaustos...", reclama. Os shows pelos Estados Unidos são só a primeira leva de apresentações que o Bush estará fazendo nos próximos meses para divulgar *Science Of Things*, terceiro álbum de estúdio da banda. "Sinceramente, só quero ir logo para casa. Tenho uma filha de dois meses e não a vejo há três semanas", confessa. Mesmo desanimado, Nigel falou a SHOWBIZZ sobre os shows e o disco novo.

O que vocês tinham em mente quando gravaram *Science Of Things*?
Queríamos explorar diferentes estilos e técnicas. Gravamos nosso disco anterior em três semanas. Desta vez, optamos por aproveitar melhor o estúdio.

Como soam as músicas novas ao vivo, já que elas são mais eletrônicas?
Elas têm uma energia diferente e vêm funcionando bem ao vivo. É sempre difícil quando você muda um pouco seu estilo, e olha que nós nem mudamos tanto assim. Mas nunca fico totalmente feliz com algo que faço. Não sou uma pessoa fácil de agradar.

Com esse álbum você acha que o Bush encontrou sua própria identidade?
O primeiro álbum de uma banda sempre mostra suas influências de maneira mais clara. Depois é que se encontra o próprio som. Acho que não soamos mais como nenhuma outra banda.

Mídia a favor da máquina

Reprodução

Isso é que é ser pop: em fevereiro, o **Rage Against The Machine** foi capa de *Spin* (EUA), *Kerrang!* e *New Musical Express* (Inglaterra). Culpa do álbum *The Battle Of Los Angeles*, o mais radical – tanto na sonoridade quanto nas letras – dos três discos da banda. Todas as reportagens destacam o engajamento do quarteto em causas politicamente corretas. Patrulhas à parte, a *Kerrang!* pediu para o guitarrista Tom Morello montar sua maior banda de todos os tempos. Ele escolheu John Bonham (Led Zeppelin) na bateria, Chuck D. (Public Enemy) nos vocais, Sid Vicious (Sex Pistols) ou Roger Waters (Pink Floyd) no baixo e Malcolm Young (AC/DC) e Jimmy Page (Led Zeppelin) nas guitarras. Já pensou o estrago?

Em breve, Bonfá

Confirmado: depois de tanta especulação, de tanto disse-me-disse, finalmente o disco-solo de Marcelo Bonfá (ex-baterista de você sabe quem) vai sair, em abril – promessa da gravadora Trama, responsável pelo lançamento. Esqueça o que ele disse a SHOWBIZZ em julho de 1997, quando definiu o material que havia composto assim: "Eu diria que é uma mistura de trip hop com trance, com ambient. Mas agora está mais pop. Também penso em incluir algumas participações, mas minha voz não pretendo colocar, não". SHOWBIZZ teve acesso à bolachinha com exclusividade e pode afirmar: o disco – ainda sem título definido – lembra muito a Legião, como o próprio Bonfá reconheceu em maio de 1998 ("Esse é um lado que é difícil evitar. Mas não chamaria meu trabalho de rock'n'roll", disse). São dez músicas compostas por ele, que canta em todas, ao contrário do que afirmou. Bonfá também fez quase todas as letras com o baixista Gean Fabra. Fred Nascimento, ex-Tantra, foi o responsável pelas guitarras. As canções têm títulos como "Antes da Chuva", a primeira a ser trabalhada, "Todos Os Santos Do Mundo", "Dama Do Lago" e "Ouro Em Pó" (cuja letra é de Fernanda Takai, do Pato Fu).

"Há tempos eu sei...", canta ele em uma das faixas

Daniel Klajmic

Batidas... de papo

Um não conhece o trabalho do outro. Um é paulista, outro carioca. Um é DJ, outro cria suas próprias músicas. Um acaba de lançar o CD *Sounds Of Drum'N'Bass* pela gravadora Trama, outro produziu em 1999 um disco que leva seu nome pelo pequeno selo Hipocampo. Um chama-se Wagner Ribeiro de Souza, outro atende por Fabio Soares – mas assinam seus trabalhos como Patife e Gerador Zero, respectivamente. Em comum, o drum'n'bass. SHOWBIZZ promoveu um encontro virtual entre as duas figuras.

Patife: surpreso com a boa receptividade ao seu disco

Marcio Simon

PATIFE PERGUNTA PARA GERADOR ZERO

Quais são suas origens musicais, como você entrou na música?
Sempre saí batucando em tudo, acabei aprendendo a tocar bateria. A eletrônica veio do interesse por computadores e o que dá para fazer com eles (sou nerd desde pequeno!). O impressionante é que ainda tem gente que acha tudo isso suspeito, "coisa do demônio" que vai tirar emprego dos músicos "de verdade"...

Como você conheceu o drum'n'bass e por que se interessou pelo estilo?
Eu estava no meu canto ouvindo house, tecnopop, rock gótico quando um DJ amigo me chamou e disse simplesmente "ouve isso". Era *Timeless*, do Goldie. Cara, o que era aquilo? No mesmo ano fui no Free Jazz conferir ao vivo. Nessa época eu já produzia alguma coisa num computador 486 e comecei a acelerar as músicas e quebrar as batidas.

O que você acha da cena eletrônica brasileira?
O mainstream da mídia ainda não entendeu a música eletrônica, e provavelmente não vai absorver isso com facilidade, sobretudo no Rio de Janeiro. Mesmo assim há ótimos artistas, a maioria ainda desconhecida do grande público.

O que você espera do futuro (seu e do drum'n'bass)?
Acho que o drum'n'bass já está precisando de uma reciclada. Acho que as misturas com outros estilos podem trazer coisas muito positivas.

GERADOR ZERO PERGUNTA PARA PATIFE

Como você se sente sendo sempre comparado ao DJ Marky?
Cada um tem seu próprio estilo. A comparação vem porque nós dois tocamos drum'n'bass. Mas não me incomodo porque estou aí para somar. Trabalhamos em conjunto para o crescimento da cena.

Quais são as suas expectativas com relação à recepção do seu CD pelo público brasileiro? E pelas rádios?
Até está ultrapassando a expectativa que eu tinha, que era a de que apenas o povo que vai às festas e frequenta as pistas é que iria comprá-lo. Mas eu não sei até que ponto o disco pode atingir um grande público no Brasil.

Você prefere tentar popularizar a música eletrônica aqui ou se lançar logo no mercado externo? Por quê?
Popularizar ao extremo acho que não seria legal, porque perderia a essência. Mas, se tivesse de escolher, eu preferiria fazer a coisa crescer no Brasil, porque o mercado externo já tem estrutura formada.

Gerador Zero: revelação eletrônica vinda do Rio

Robson Bozzi e Divulgação

Vem farofa por aí?

Jon: vendendo sexo pela internet

Carina Corrêa

Cinco anos após *These Days*, finalmente o Bon Jovi está acertando um novo disco – prometido para junho. O título provisório é *Sex Sells*, e quem quiser pode ir ao site oficial do quarteto (www.bonjovi.com) e vê-lo trabalhando, graças a câmeras espalhadas pelo estúdio. Quarteto? Sim, a despeito da presença do careca Hugh McDonald no baixo como contratado, a banda se resume a Jon Bon Jovi (voz, violão), Ritchie Sambora (guitarra), David Bryan (teclados) e Tico Torres (bateria).

"Estamos num clima parecido com o de *Slippery When Wet*", avisa Jon. Depois de *Moonlight And Valentino* e *O Sedutor*, ele aparece em um filme de guerra chamado *U-571* (nome de um submarino da Segunda Guerra), com Harvey Keitel e Matthew McConaughey, e em *Little City*, que saiu direto em vídeo até mesmo nos EUA. Quem sabe assim ele desiste e se dedica mais à banda?

Os Autoramas tocaram de graça na última noite do Garage

Bruno Dorigo

Sete palmos underground

Em pleno 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro do Rio, iniciava-se uma procissão fúnebre. Na Rua Ceará, Praça da Bandeira (área decadente entre o Centro e a Zona Norte, próxima ao Maracanã), Uzômi, Matanza, Autoramas, Comunidade Nin-Jitsu e MC's HC dividiam o palco do **Garage**, tradicional reduto do underground do Rio. Tudo parecia normal, mas era o começo do último final de semana de atividades da casa fundada em 1989.

"No início a gente passava vídeo", lembra Fábio Costa, 40 anos, que resolveu alugar a parte de cima do Moto Clube do Brasil (fundado na década de 30 e que até hoje funciona como oficina de lambretas e vespas) em nome do amor pelo metal. Financeiramente, a coisa nunca funcionou direito. "Eu ia levando como dava. Em geral, atrasava quatro, cinco meses de aluguel e chamava o Planet Hemp e outras bandas maiores para um show SOS, que garantia a sobrevivência por mais um tempo", lembra Fábio. Assim, o Garage foi indo até se tornar um point (ou baixo, no idioma carioquês).

Maior astro projetado no Garage, Marcelo D2 faz questão de ressaltar o bom coração de Fábio. "Eu vendia camisas lá na porta e ele ficava me cobrando: 'E aí? Cadê a tua banda?'". Quando D2 formou o Planet o avisou Fábio, obteve como resposta uma data, a do primeiro show do conjunto. Em tempos de vacas magérrimas, o rapper chegou a morar nos fundos da velha casa.

"A gente formou uma espécie de comunidade", concorda Fábio. "Essa banda que está tocando aí, aliás, de graça, os Autoramas, é toda de grandes amigos. Na primeira vez que tocou aqui, o público foi de 11 pagantes."

Bernardo Araújo

Grave este nome

Tem banda bacana na rede

Divulgação

Desde que apareceu na seção Democracia da edição de maio de 1998, o grupo carioca Grave! passou por mudanças musicais e de formação, injetando peso e eletrônica no rock'n'reggae redondo que faziam. O som de Daniel (baixo e voz), Pablo (bateria), Hadji (percussão), Léo Kvra (guitarra) e Bruno DJ é coeso e potente, com letras sobre o cotidiano, como em "O Equilíbrio E O Caos", "Sempre Contra O Vento" e a genial "Bola Bandida". Essas e outras porradas estão no CD *Demo 2*, com cinco músicas e uma faixa interativa, com letras, fotos e um clipe. O disco está sendo vendido pela homepage www.grave.org ou pelo telefone (21) 523-6089.

frases

"Sou um drogado egoísta e safado. E posso ser horrível."
Bobby Gillespie, em momento de autocrítica, na revista inglesa *Q*

"Eu adoraria fazer parte de um grupo de dub e reggae ou tocar com o Massive Attack."
Steve Hogarth, cantor do Marillion, na revista francesa *Best*, *em crise vocacional*

"Ele parece um corretor imobiliário."
Joshua Todd, do grupo de hard rock Buckcherry, dando sua impressão sobre Fatboy Slim no tablóide inglês *New Musical Express*

"Este disco é um marco na história da música porque é o primeiro lançamento deste milênio que começa com a palavra 'fucking'."
Alec Empire, do Atari Teenage Riot, confundindo a cabeça dos leitores do *New Musical Express* sobre o novo CD do Oasis, que abre com "Fuckin' In The Bushes"

"Eu saí de uma limusine roxa, olhei para cima e vi aquela foto minha enorme. Naquele momento, percebi que o mundo inteiro é uma ilusão."
Prince, contando à revista *Pulse* que caiu na real na estréia do filme *Purple Rain*

"Continuarei sendo feio. Continuarei sendo um cara nojento e sem amigos."
Mark Hoppus, do Blink 182, apontando o que não mudará no novo milênio, na revista *Rolling Stone*

"Achei abominável. Quando ouvi, desliguei o rádio na hora."
Justine Frischmann, do Elastica, comentando as músicas de *13*, o último disco do Blur, que falavam de seu relacionamento com o líder da banda, Damon Albarn

Justine: roupa suja se lava em casa, não em CD

Divulgação

Samba a salvo

Marisa canta apenas em uma faixa, com Argemiro

Renan Cepeda

Enquanto o novo disco não vem, **Marisa Monte** lança o CD que produziu para a **Velha Guarda da Portela**

São duas as boas notícias. Primeira: já está na praça *Velha Guarda Da Portela – Tudo Azul*, o CD que Marisa Monte queria ouvir e, não existindo, resolveu ela própria produzir e lançar por seu selo Phonomotor (com distribuição da EMI). Segunda: na garimpagem do repertório, na qual falou mais alto a memória dos bambas, foram compiladas quase 300 músicas (inéditas e desconhecidas, em sua maioria) que, segundo Marisa, vão resultar em novos discos. Assim sendo, estará salva parte da história do samba carioca que resiste apenas na tradição oral – e, portanto, corre o risco de se perder.

Tudo Azul tem 18 faixas, incluindo vinhetas em que cada integrante da Velha Guarda se apresenta. De músicas conhecidas, o CD traz "Lenço", de Monarco e Chico Santana (que já teve três gravações: de Paulinho da Viola, Beth Carvalho e do próprio Monarco) e a bela "Minha Vontade", de Chatin, que Beth Carvalho também gravou, mas com título diferente, "Passarinho", aproveitando o primeiro verso ("Quero viver como um passarinho"). As inéditas e desconhecidas do grande público datam quase todas dos anos 40 e 50, quando a Portela viveu seu apogeu criativo. "São sambas envelhecidos em barris de carvalho e clássicos à primeira audição", define Marisa. Jair do Cavaquinho defende o calango "Sabiá Cantador", de Alvarenga, feito em 1948; Monarco está na faixa que batiza o CD, composta por Ventura em 1950; David do Pandeiro interpreta sua parceria com Candeia, "Vai, Saudado", de 1954.

Há ainda participações de artistas ligados à Velha Guarda, como Cristina Buarque ("Minha Vontade"), Zeca Pagodinho ("Lenço") e Paulinho da Viola ("A Noite Que Tudo Esconde"). Discretíssima, Marisa Monte canta junto com Argemiro em "Volta, Meu Amor", de Manacéa e Áurea Maria. "Além de ter caráter de documento – afinal, é apenas o quarto disco da Velha Guarda em 30 anos de existência do grupo –, acho que o álbum tem chance de fazer sucesso no mercado internacional, como aconteceu com o *Buena Vista Social Club*", acredita Marisa, que já mandou o disco para David Byrne e para um selo francês.

Álvaro Costa e Silva

Bandas e propagandas

"A juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes." Assim descreveu um desencantado Humberto Gessinger, em "Terra De Gigantes", há 14 anos. O **Jota Quest**, atualmente borbulhando na sua tevê em um anúncio de Fanta, responde: "E daí?". Ninguém confirma a cifra, mas foi divulgado que a banda mineira estaria embolsando cerca de 1,5 milhão de reais pelo contrato de patrocínio, inédito no pop/rock brasileiro. "O dinheiro será investido na estrutura do nosso show", despista o vocalista Rogério Flausino.

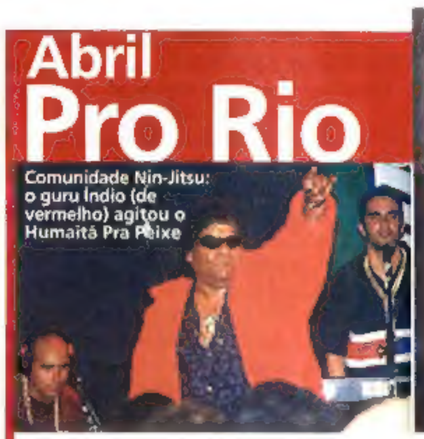
O grupo que mais trabalha no Brasil – 260 shows em 1999 – pretende repetir a marca em 2000, mas a bordo de uma turnê com estrutura e parafernália nunca vistas no *show business* nacional. "Da luz às máquinas de projeção, passando pelos ônibus para transporte da banda, ninguém daqui tem coisa semelhante", afirma Rogério.

Jota Quest: inimigos do tio Sukita na guerra das laranjas

Divulgação

Quanto à questão da "credibilidade rock'n'roll", nenhum problema. O Jota Quest se enxerga como uma banda pop "que não agride ninguém", assumidamente escapista. "A gente sempre quis fazer um show que fizesse as pessoas se esquecerem da vida durante 1 hora e 40 minutos e se divertirem", define o baixista PJ. "Mas nossa música é de qualidade", ressalta Rogério. "E você olha no palco e não tem nenhuma mentira, é tudo sincero", completa PJ. E se você achou que o slogan do jingle, "a todo vapor", criado pelo próprio Jota Quest, soa como coisa do Planet Hemp, fique sabendo: tal associação "maldita" jamais passou pela cabeça dos mineiros. "Mas quem quiser, que leve para esse lado", lava as mãos PJ.

Abril Pro Rio


Comunidade Nin-Jitsu: o guru índio (de vermelho) agitou o Humaitá Pra Peixe

Bispo Sardinha: grande momento com "A Mídia Acabou"

Fotos Marcos Bragatto

Lucas Santana: revelação da MPB

Rolou em janeiro, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Rio, a oitava edição do Humaitá Pra Peixe. Tendo como prioridade a descoberta de talentos, o festival apostou numa escalação eclética, que reuniu de Autoramas a Lucas Santana, revelação da MPB. Ambos, por sinal, tiveram o recorde de público do evento.

Com uma média de 370 pessoas por noite, sempre às terças e quartas, o festival superou as expectativas. "Essa foi a melhor edição, pelos shows e pelo tamanho de público", comemorou Bruno Levinson, idealizador e produtor do evento.

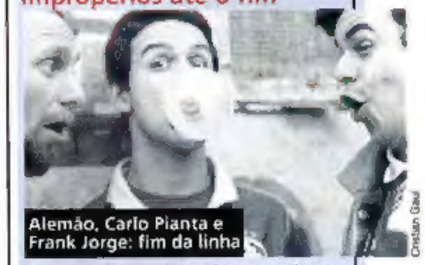
A diversidade pôde ser notada no público. Num dia, os fãs do Autoramas cantarolava até as instrumentais (!); no outro, a batucada do Bangalafumenga sugeria passos de forró e samba para outra tribo. Mulheres Q Dizem Sim, Bispo Sardinha (que mostrou uma grande música, "A Mídia Acabou"), Gravel e André Gabeh (cantor apadrinhado por Toni Garrido, do Cidade Negra) apresentaram suas armas. Nocaute, com performance impecável, e os gaúchos Ultramen e Comunidade Nin-Jitsu puderam divulgar seus trabalhos de estréia.

A surpresa acabou sendo o show-relâmpago do Planet Hemp, que fechou o festival. Com ênfase rock, sem DJ, e apostando nas músicas mais pesadas, Marcelo D2 e gangue acertaram em cheio. Agora Levinson parte para um vôo mais alto no segundo semestre: o festival Cardume, com shows, workshops, palestras e DJs. "Acho pouco no Rio a gente só ter o Free Jazz; toda capital deveria ter o seu Abril Pro Rock", defende.

Marcos Bragatto

notas

Impropérios até o fim


Alemão, Carlo Pianta e Frank Jorge: fim da linha

Cristian Gaul

Depois de lançar dois cultuados discos – *Coisa De Louco II* (1995) e *Chapinhas De Ouro* (1998) – e influenciar toda uma geração de grupos gaúchas, a Graforréia Xilarmônica anunciou o término de suas atividades. Manifestações de protesto e impropérios mandados por uma platéia inconformada com o fim da banda marcaram o show de despedida no Bar Ocidente, em Porto Alegre, na noite de 27 de janeiro. Agora, os fãs da "jovem guarda alterada" da Graforréia devem ficar atentos à carreira solo do baixista e vocalista Frank Jorge, que tem um repertório muito bom e aguarda definição da gravadora Trama para entrar em estúdio.

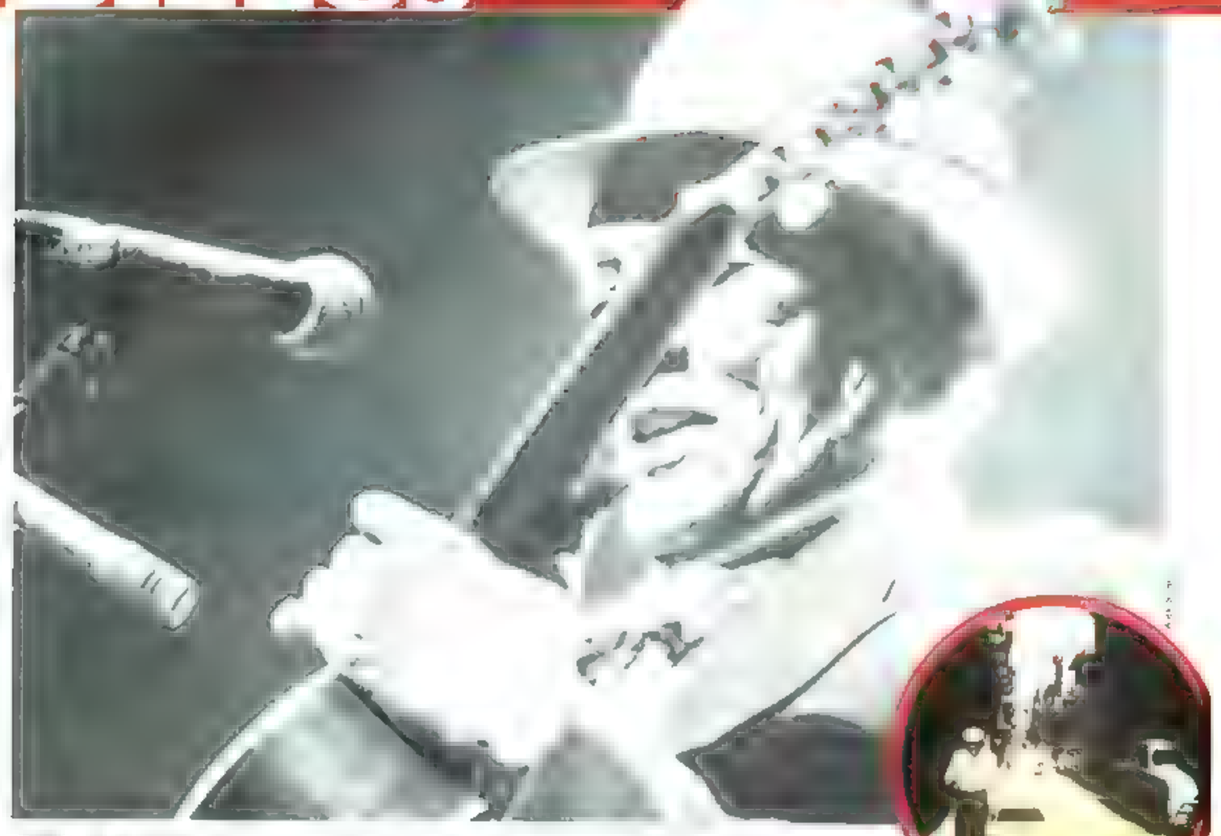
A brasa que mora na web

A Jovem Guarda completa 35 anos em agosto. Para comemorar a data, o pesquisador e produtor Marcelo Fróes está preparando um livro completíssimo sobre o movimento musical que marcou o Brasil nos anos 60. Junto com André Vallias – sócio de Flora Gil na Refazenda, empresa que cria sites –, Fróes mantém um site sobre o assunto (www.jovemguarda.com.br) com links para páginas de artistas brasileiros, festivais e editoras. O pesquisador conclama aqueles que tiverem informações ou material raro sobre Jovem Guarda a fazer contato.

Discoteca básica

Reprodução

Quinhentos discos nacionais esmiuçados em 270 páginas. Assim é o *Guia De MPB Em CD*, obra de referência valiosíssima escrita pelo jornalista Antônio Carlos Miguel e à venda por R$ 21,50. O livro traz pequenas biografias e a discografia atualmente disponível de 150 artistas brasileiros, de Adoniran Barbosa a Zizi Possi.



Não importa se você, por ignorância ou por força da dominação cultural anglo saxônica, nunca deu chance à música cubana de extasiar seus ouvidos. O documentário *Buena Vista Social Club* (em cartaz no Brasil) é uma experiência emocionante e imperdível. E mais do que um filme sobre música, sobre músicos ou sobre um país que vive sob valores diferentes. Trata-se de uma história, ou melhor, de várias histórias de redenção, filmadas com paixão pelo alemão Wim Wenders. E, sim, claro, a música apresentada por Rubén González, Compay Segundo, Ibrahim Ferrer e Ibaães Ochoa e Manuel Licea é excelente.

Amigo de Bono (autor do roteiro de seu mais novo filme, *Million Dollar Hotel*) e ex-jornalista de rock, Wenders pode ter perdido a mão para a ficção. Mas em *Buena Vista*, diante de personagens riquíssimos e cenários belamente decadentes de Havana, não desperdiça a chance de fazer cinema de primeira. O ponto de partida foi o disco *Buena Vista Social Club*, que o guitarrista Ry Cooder (famoso no Brasil pela trilha de *Paris, Texas*) gravou com músicos da velha guarda cubana em 1996.

Dois anos depois, a câmera entra sem maneirismos pelas casas simples dos artistas, acompanha seus passos pelas ruas da capital cubana, segue-os até o brilho distante de um palco em Amsterdã. Trajetórias de vida são repassadas em imagens gentis e sábias em que Rubén González, pianista de 77 anos que estava havia uma década sem pisar num teclado de memória, fazendo ginástica olímpica, fala mais do que qualquer discurso de Fidel.

Pedro Só

Complexo de Sukita

Kevin Spacey em *Beleza Americana*: um tiozão rock'n'roll

Em *Beleza Americana*, Kevin Spacey vive Lester, bozinho quarentão casado e pai de uma adolescente, que chuta o balde de uma vida medíocre nos ultracivilizados subúrbios americanos ao se apaixonar pela insinuante ninfeta lourinha amiga de sua filha.

O filme, já em cartaz, tem um quê de brasileiro. O roteiro é Nelson Rodrigues, macabro, suburbano e familiar. Lester, um norte-sarcástico narrando a própria história de dissipação moral, à maneira do Brás Cubas de Machado de Assis. Como Macunaíma, um herói sem nenhum caráter. Um tio Sukita levado às últimas consequências.

O diretor inglês Sam Mendes, 34 anos, formado em teatro em Cambridge, ficou famoso nos EUA ao montar *The Blue Room* na Broadway. Não que a peça fosse uma maravilha, mas Nicole Kidman, vítima do muito estranho galã Tom Cruise, aparecia nua no palco. Casa cheia toda noite e convite da poderosa Dreamworks, produtora de Steven Spielberg, David Geffen e Jeffrey Katzemberger, para filmar em Hollywood. O roteiro de Alan Ball, autor da série de TV *Cybill*, foi levado a Mendes pelo próprio Spielberg.

Dem um a coisa está tão preta na vida de Lester que o momento mais emocionante do dia é a masturbação matinal no chuveiro. Ele larga o emprego, começa a malhar e a fumar maconha ao mesmo tempo. Compra o carro que sempre quis, sem dar satisfações à família. Sukita até a arma faz tudo com intenções lindinhas, obcecado pela lourinha Mena Suvari.

A degradação moral se alastra. A mulher de Lester, Annette Bening, se lança num adultério hilariante. A filha se entrega ao vizinho esquisitão, comerciante informal de maconha. No fim, a tragédia vem de onde menos se esperava.

Beleza Americana ganhou três Globos de Ouro (melhor filme, roteiro e direção) e foi eleito filme do ano pela revista *Rolling Stone*. Só não leva o Oscar se a caretice prevalecer.

Felipe Zobaran

No filme *O Verão De Sam*, o punk sofre

Carnificina disco

O verão de 1977 foi um dos mais quentes da história de Nova York. Foi nesse calor que surgiu o primeiro assassino em série a ficar famoso nos EUA, um certo "filho de Sam". O psicopata matava à noite, atirando em estranhos escolhidos a esmo. Com a mídia alimentando a paranóia, alguns moradores da cidade passaram a fazer uma verdadeira caça às bruxas, tentando fazer justiça por conta própria. É essa história que o diretor Spike Lee – famoso por filmes como *Faça A Coisa Certa* e *Malcolm X* – conta em seu novo longa-metragem, *O Verão De Sam*, que acaba de estrear no Brasil. Nos papéis principais estão Mira Sorvino (*Poderosa Afrodite*) e John Leguizamo (*Romeu + Julieta*, *O Fã*). A trilha reflete a época: apesar da presença de um personagem punk, o verão de Sam foi efetivamente o verão da discoteca. Estão na trilha (lançada aqui) Marvin Gaye (com "Got To Give It Up"), Abba, Chic e Grace Jones.

Orgulho da mamãe

Delírios de um clipeiro anormal

John Malkovich, vivendo ele mesmo, e Cameron Diaz, milagrosamente baranga

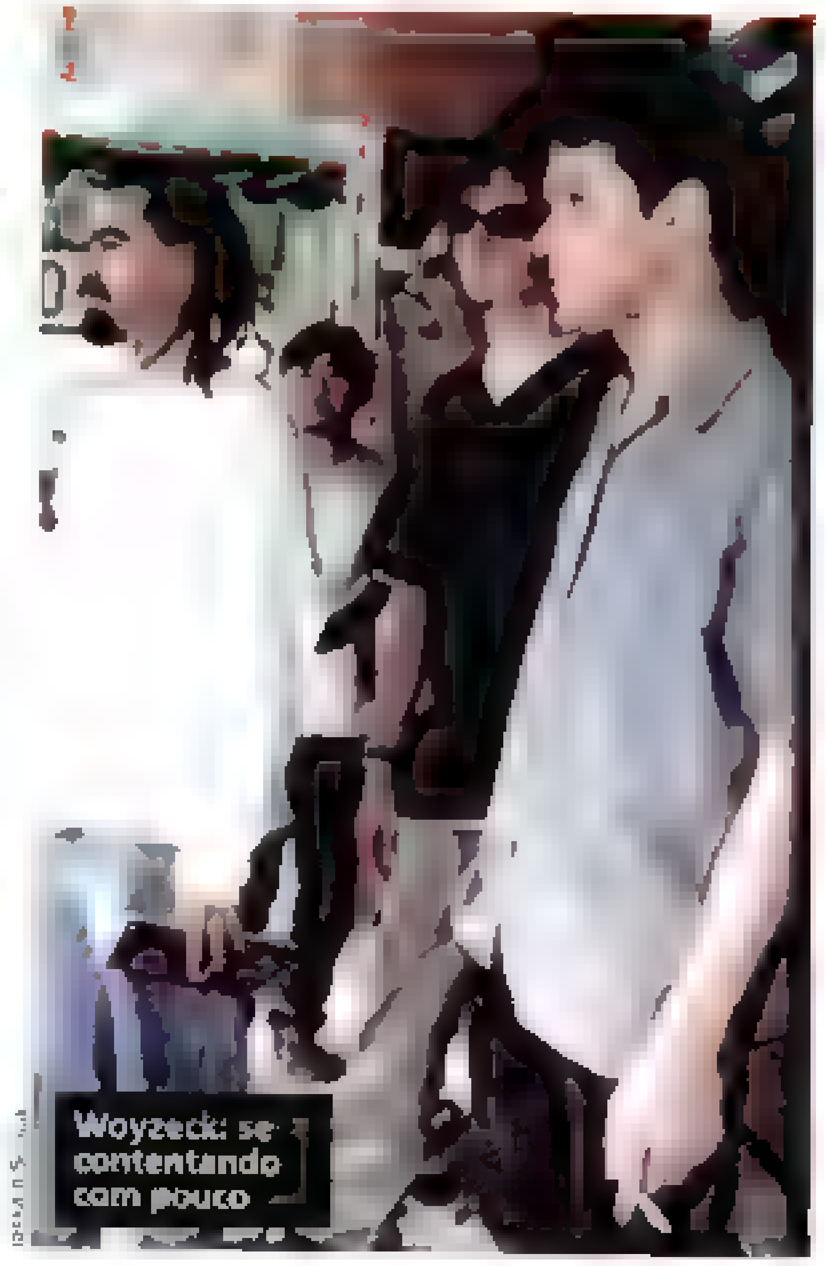
Spike Jonze, um dos mais criativos diretores de videoclipe ("Sabotage", dos Beastie Boys, e "Buddy Holly", do Weezer) americanos, chega ao cinema. Seu primeiro longa, *Quero Ser John Malkovich* (já em cartaz), tem um argumento dos mais insólitos. Com produção de Michael Stipe, do R.E.M., ele foi escrito por um roteirista de primeira viagem, Charlie Kaufman. John Cusack encarna um homem entediado, casado com uma feiosa (os milagres da maquiagem!) Cameron Diaz. Um dia, ao pegar uma pasta que cai atrás da estante do escritório, ele descobre uma passagem secreta para um mundo fascinante: o cérebro de John Malkovich! E isso é só o começo...

Pensando pequeno para ser grande

Sobreviver por uma década no mercado independente brasileiro é tarefa hercúlea. Não contente com a façanha, a banda curitibana **Woyzeck** imprimiu uma virada radical no ano 2000. Reduzido a quinteto (a banda já chegou a tocar com mais de doze integrantes e músicos convidados), o grupo traçou um perfil bastante despretensioso – não no som, mas no jeito de encarar as coisas. Shows agora somente em locais minúsculos, sem qualquer divulgação, pouquíssimos convidados, opção por cachê zero a ganhar míseros trocados de bilheteria, total desinteresse por procurar contratos com gravadoras e o possível registro de um cassete caseiro (depois de lançar dois discos próprios e participar de duas coletâneas com outras bandas da cidade).

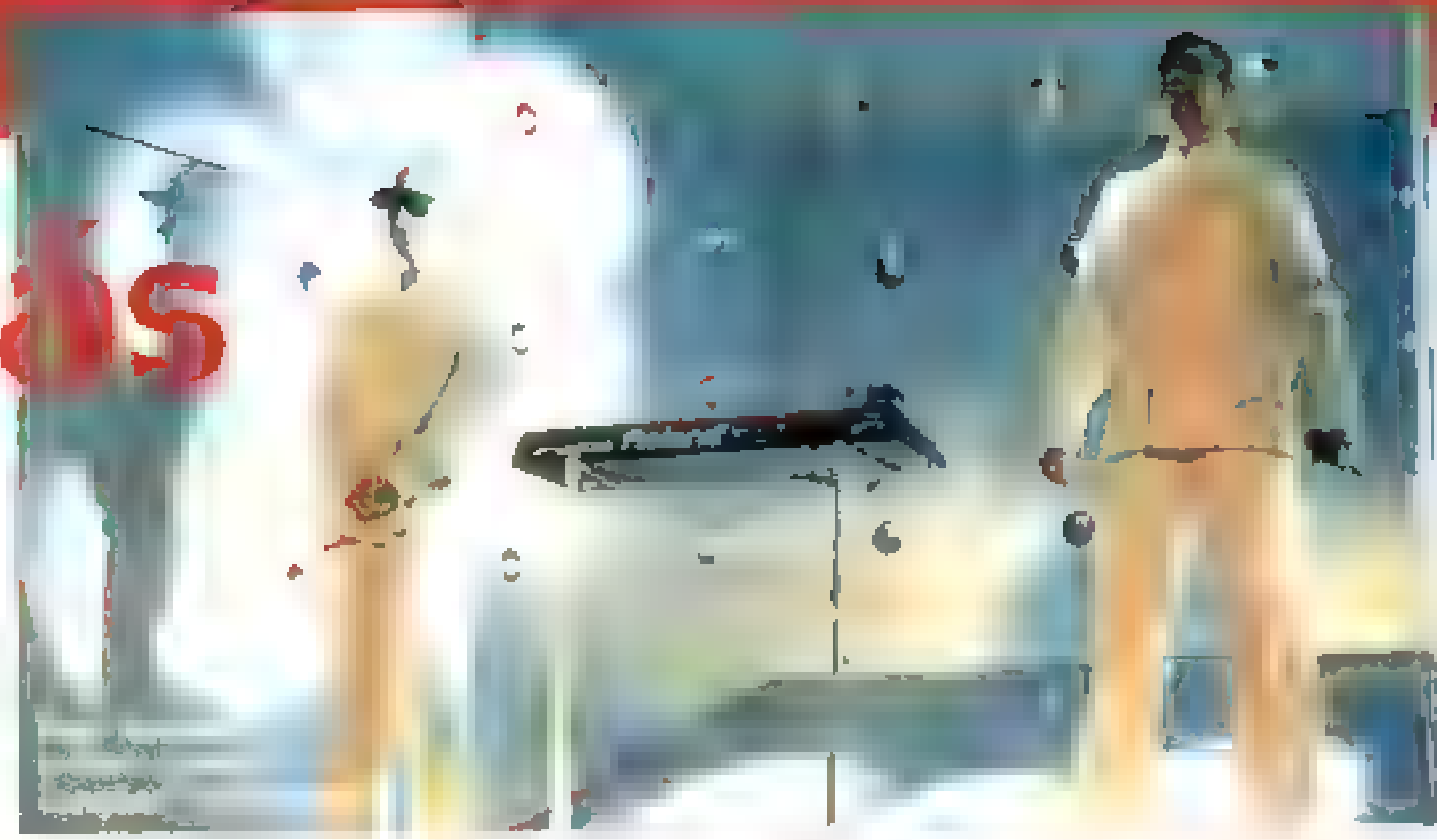
A metamorfose ocorreu quando os músicos se [illegible] pela busca do rock nacional pela brasilidade perdida. "[illegible] um este negócio [illegible] atrás dos próprios referenciais de querer descobrir o que existe na nossa cultura", diz o vocalista e letrista Luiz Henrique Pellanda. Uma série de shows com covers das boas (de Velvet Underground a [illegible] passando por Bowie, [illegible], Pulp e Blur) foi a mordida para a revolução. Depois de um ano de laboratório, o novo Woyzeck se revelou impecavelmente harmonioso, cantando em inglês perfeito e tendo a preciosa ajuda de computadores e samplers. E a misturada de funk, rock e ritmos regionais foi de vez para o espaço em prol da singela poesia.

Abonico R. Smith



Woyzeck: se contentando com pouco

Para trás é que se anda



A [illegible] local da entrevista [illegible] mesa redonda abarrotada sobre [illegible] de acrílico [illegible] Luz [illegible] luxuoso hotel [illegible] os jornalistas [illegible] de enfrentar [illegible] escada [illegible] escuro com o [illegible] ensurdecedor de [illegible] furiosos. Só depois é que vinha a recompensa: [illegible] Neil Tennant, do **Pet Shop Boys**. Isso é que é clima.

O que vocês fizeram nos últimos três anos?

Temos trabalhado de maneira [illegible] consistente desde *Bilingual*. Normalmente lançamos um disco a cada três anos mesmo.

Em *Nightlife* vocês fazem uma homenagem à era disco com a música "New York City Boy". Alguma razão especial para isso?

Foi idéia do (produtor) David Morales. Então a gente escreveu "New York City Boy". É bem autêntica, como se fosse feita em 1979. Naquele tempo, dance music era divertida... Nos anos 70, as pessoas queriam fazer canções. Hoje os DJs fazem faixas. É muito estranho o Pet Shop Boys fazer uma coisa retrô porque nós sempre atiramos para a frente, mas valeu muito a pena.

A indústria da música mudou muito desde que vocês começaram, há 15 anos?

Acho que nos anos 80 as pessoas eram mais idealistas, queriam criar coisas novas. Grupos como Human League e Culture Club eram criativos fazendo um som totalmente pop e não vejo isso hoje. Por outro lado, atualmente tem música muito boa sendo produzida por DJs. A música está ficando mais instrumental e, nesse sentido, nós estamos fora de moda, porque escrevemos canções.

Valéria Rossi e Luciano Vianna

Ultrapasse a barreira do som na Mirage Music.

Mais de 140.000 CDs e 12.000 VHS, além do maior acervo de DVDs, LDs e acessórios do Brasil, reunidos em 2.500 m². Na Mirage Music, maior loja de CDs da América Latina segundo a revista Billboard, você encontra o que há de melhor em áudio e vídeo, área especial destinada a home theater, restaurante e pocket shows exclusivos. Vá correndo à Mirage Music que a gente, com certeza, vai ultrapassar suas expectativas.

0800-164055
www.miragemusic.com.br
Seg. a sáb. das 10h às 22h.

MIRAGE

Festivais na lama

Está aberta a temporada de festivais no Recife. Em 18 e 19 de fevereiro, rolou o Pernambuco Em Concerto com a banda Lamento Negro (que, quando era bloco afro foi influência decisiva para Chico Science), o grupo de rap Sistema X, a confluência progressivo-roots de Zé Ramurra, Mestre Salustiano e outros luminares do som de raiz. Dois discos com essas atrações podem ser comprados pela Internet (africaproduces.com.br) ou pelo telefone (81 424-7354). Em março, do dia 1º ao dia 7, rola a quinta edição do Rec Beat, que já virou tradição no carnaval. Segundo o organizador Gut e (empresário do mundo livre s/a), o festival não é uma alternativa à folia e sim "um complemento". Serão 40 atrações em sete dias de evento, na Rua da Moeda, no Bairro do Recife (centro histórico da cidade) - tudo de graça. Depois, o Abril Pro Rock chega à sua oitava edição marcado pela diversidade de sempre, mas apostando em pelo menos um nome consagrado por noite para atrair público. "Queremos trazer mais uma atração internacional", avisa o idealizador da balada, Paulo André.

Abril Pro Rock

Palco 2
Cidadão Instigado (CE), Vulgue Tostoi (RJ) e Bia Grabois (RJ)
Palco principal
Replicantes, Plebe Rude e Paralamas Do Sucesso

8/4

Palco 2
Sistema X (PE), Supersonics (PE) e Ataque Suicida (PE)
Palco principal
Sheik Tosado, Devotos e Soulfly

9/4

Palco 2
Stela Campos (PE), Cabruêra (PB), Bate O Mancá (PE) e Comadre Florzinha (PE)
Palco principal
Bloco Vomit, Paulo Diniz, Dance Norse Experience e Otto

Rec Beat

Até o fechamento desta edição, estavam confirmados: mundo livre s/a (PE), Karnak (SP), Fellini (SP), Régis Gizavo (Madagáscar), Pinduca (PA), Ortinho (ex-Querosene Jacaré, PE), Fernando Catatau (da banda Cidadão Instigado, CE), Sonic Jr. (AL), Cordel do Fogo Encantado (PE), DMP & Os Fulanos (PE), Cabruêra (PB), Textículos De Mary (PE), Matalanamão (PE), River Raid (PE), Quanta Ladeira (bloco de Lenine, PE), Mestre Ambrósio (PE), Stela Campos (PE), Sistema X (PE), Faces do Suburbio (PE), DJ Dolores (PE), Via Sat (PE).

Fãs do Fellini, tremei!

Para a imprensa, ele será sempre "o cara que era do Fellini". Mas Thomas Pappon, um dos integrantes do grupo paulistano dos anos 80, está em outra junto com a mulher Karla e montou um "projeto" para gravar seus sambas compostos no exílio europeu. O disco *Os Eurosambas 1992-1998* saiu pelo selo midsummer madness (à venda no site www.mmarecords.com.br por R$ 13) e esgotou logo uma tiragem de 500 exemplares. Morando no Velho Mundo desde 1992 – primeiro na Alemanha, depois na Inglaterra –, Pappon diz que as referências são Baden Powell e João Gilberto. Mas basta ouvir o disco para perceber o respeito de Walter Franco ("Esguicho"), Byrds ("Polly", de Gene Clark) e ritmos nordestinos ("Amor Amor Amor"). Caudão Volpato, ex-Fellini, fez a bateria. Eu estava em

O fã do Fellini vai gostar de The Gilbertos?
Pappon: Acho que sim, pois as duas bandas têm muito em comum musicalmente. Não é coincidência, mas tem tudo a ver.

Como surgiu The Gilbertos?
Quando fui morar na Alemanha, em 1992, montei um miniestúdio em casa para gravar e tentar lançar algo por lá. Uma rádio de Colônia até chegou a tocar "Everywhere", "Jimmy Scott" e "Polly". Um representante da gravadora Luaka Bop gostou do trabalho, mas a coisa não foi para frente. Aí mudei para Londres em 1996 e continuei compondo. Em 1998, durante os shows da volta do Fellini no Rio, o Lanú (*Rodrigo Lanu, do midsummer madness*), que ajudou as apresentações, se interessou pelo projeto. Mandei o material para ele e ele o disco.

Por que o nome The Gilbertos?
Sempre gostei de nomes como The Smiths, passa a impressão de família. E sou eu e minha mulher – é realmente uma família. Queria também chamar a atenção no exterior e, com The Gilbertos, a associação é imediata com Brasil e bossa nova.

Foto: Divulgação

INTERNET PARA QUEM TEM MENOS DE 18.
UOL POR R$17,50* AO MÊS PARA ESTUDANTES
COM CARTEIRINHA DA UMES.
Faça sua carteirinha de estudante pelo site www.uol.com.br/umes ou ligue para 0XX11 289-7411. Você ganha desconto na assinatura e e-mail grátis, com a qualidade de acesso e o conteúdo exclusivo do maior provedor do Brasil.
UMES
www.umes.org.br
ASSINE JÁ: 0800 175757
www.uol.com.br
UOL
O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO DA INTERNET.

*Desconto de 50% no assinatura do plano ilimitado de R$ 35

Ska total

Kongo volta à ativa e regrava "Biquini Defunto" – aquele que fica "enterradão"

"São cinco Tim Maias nessa porra" esbraveja Nélson, o mais brincalhão dos irmãos Cerqueira. Ele (voz e guitarra), Niltinho (teclados) e Edinho (guitarra e voz, e também o maior DJ do rock carioca) formam o núcleo do Kongo, primeira banda de ska total do Brasil. Há mais de 15 anos, Nelson fundou a banda com mais quatro alemães (!) e uma japonesinha tecladista de 14 anos, "que às vezes não podia sair de casa", já com os irmãos e uma bem fornida saxofonista, o Kongo tocou para milhares de pessoas no Rio, entrando na leva de mini-LPs de rock brazuca da EMI, junto com a Plebe Rude e o Zero. Produzido pelo paralama Bi Ribeiro em 1986, *King Kongo* brincava com o ancestral ritmo jamaicano nas hilárias "Problema De Nascença" "Dr. De Tudo" e a sacana "Biquíni Defunto", que pôs a banda na praia de Copacabana com maiôs antigaços emprestados dos acrobatas Aqualoucos, num dos clipes mais divertidos dos anos 80. Brigas entre os três irmãos (que discutem até dando entrevista) e outros estresses causaram um "intervalo" de oito anos na banda, que se reuniu há dois anos com os novos Robson (baterista) e Edu Garcia (baixista da psychobilly Big Trep, contemporânea do Kongo). "Agora vai ser do nosso jeito", proclama Edinho. "Vamos continuar totalmente independentes e sem pressa." A banda lançou *Kongo Ataca Outra Vez*, um caprichado CD pelo próprio selo, Manguaça Boat. São oito músicas novas, o clássico two-tone "Murder", do Selecter, e a inevitável regravação de "Biquíni Defunto". Contatos: (21) 537-0503 ou http://members.xoom.com/kongoweb.

Wagner Filho

O pop em outra encarnação

Estivador? Prostituta? Corretor de seguros? Só mesmo a Internet para trazer um jogo (www.3dom.com/pastlife.htm) em que basta digitar sua data de nascimento para o computador revelar o que você foi em sua vida passada. Fizemos o teste com algumas figurinhas e veja só quanta cretinice apareceu...

Artista	Diagnóstico	Análise psicológica	Lição que deve trazer para a vida atual
RODOLFO (Raimundos)	Foi mulher em sua ultima encarnação. Nasceu na Austrália aproximadamente em 825. Era adestrador de animais.	"Personalidade com muita energia, boa para planejar e supervisionar. Líder nato."	"Aprender a ter mais fé e humildade. Acreditar em uma força superior."
LULU SANTOS	Foi homem em sua ultima encarnação. Nasceu na China por volta de 1700. Como Rodolfo, também era adestrador de animais.	"Tipo revolucionário. Você se dará bem nestas esferas – política, negócios, religião, área doméstica. Pode ser um líder."	"Você nasceu para resolver problemas ecológicos como poluição, reciclagem, eliminação de radioatividade etc."
LOBÃO	Foi mulher em sua última encarnação. Nasceu em Portugal pelos idos de 1750. Era marinheira, sapateira.	"Inquisitivo, inventivo, não se contenta com superficialidades, devorador de livros. Talento para drama, nasceu ator."	"O mundo está cheio de pessoas enfermas e solitárias. Sua missão é ajudar essas pessoas com a alegria."
OTTO	Foi homem em sua ultima encarnação. Nasceu na Nova Zelândia aproximadamente em 1150. Era escritor, organizador de rituais.	"Você é o próprio cientista buscando soluções. Nem sempre é compreendido pelas pessoas, mas elas o respeitam."	"Mágica é uma coisa comum na sua vida. Ensinar e ajudar as pessoas a ter fé é a sua grande missão."
GABRIEL O PENSADOR	Foi homem em sua última encarnação. Nasceu na Índia por volta de 1425. Era construtor de casas, templos e catedrais.	A mesma coisa que Otto: "Você é o proprio cientista buscando soluções. Nem sempre é compreendido pelas pessoas..."	"Sua fé é estranha e você vai ter um trabalho muito duro para aprender e entender a verdadeira razão dela."
STEVEN TYLER (Aerosmith)	Foi mulher em sua última encarnação. Nasceu na Bósnia pelos idos de 1800. Era atriz, diretora, instrumentista.	"Você é uma pessoa extremamente prática, materialista, sem consciência espiritual. Adora ajudar os pobres e oprimidos."	"Precisa desenvolver o amor-próprio para deixar de ser possessivo, ciumento, perder esse medo de perder as pessoas queridas."

Fotos: arquivo. Os reis!

Até que enfim!

Em sua primeira entrevista em seis anos, Axl Rose detona os ex-colegas de banda e afirma que o próximo disco do Guns está quase pronto, prometendo o álbum para julho ou agosto

por Andrea Estevam
Ilustração: Félix Reiners

O novo disco do Guns N' Roses está "95%" pronto. Foi o que Axl Rose disse à revista americana *Rolling Stone*, em uma entrevista que quebrou o silêncio do vocalista e pôs fim às especulações quanto ao caminho sonoro que a banda estaria adotando no novo trabalho. E, como se o *Physical Graffiti*, do Led Zeppelin, tivesse sido remixado por Beck e Trent Reznor do Nine Inch Nails, descobriu-se o privilegiado [illegible] que teve acesso ao estúdio [illegible] já prontas. A descrição é perfeita: o disco está sendo produzido por Sean Beavan, que já trabalhou, sim, com o Nine Inch Nails e também com Marilyn Manson. Além dele, estão no estúdio com Axl os guitarristas Dizzy Reed (que participou dos álbuns *Use Your Illusion I e II*) e Paul Huge, o baixista Tommy Stinson (ex-Replacements) e o baterra Josh Freese (ainda no Vandals).

"Acho que o envolvimento da banda com drogas tem a ver com o que é preciso para encarar um público tão grande. Não é medo do palco, é algo diferente, que o velho Guns não parecia ser capaz de enfrentar sem estar dopado"

Em todo o disco, predomina o hard rock que consagrou o Guns, só que com elementos e texturas "mais modernas e ambiciosas". A faixa que dá nome ao álbum, "Chinese Democracy", tem uma levada bem grunge e é a que mais se assemelha à antiga sonoridade da banda. Outras músicas já devidamente batizadas são "Catcher In The Rye", "I R S.", "The Blues" e "Twat" – esta última, segundo Axl, é a abreviação de "there was a time" ("houve uma época"). Já a faixa "Oklahoma" foi inspirada num encontro judicial que Axl teve com sua ex-mulher, Erin Everly, no dia seguinte ao atentado que matou 168 pessoas em Oklahoma. "Era irônico: eu estava sentado com uma mulher que não se importava com o fato de tantas pessoas terem morrido. Tudo que ela e os advogados queriam era me prejudicar", reclamou Axl.

Não é só com a ex-mulher que Axl mostrou-se "chateado". O vocalista também aproveitou a entrevista para alfinetar os ex-companheiros de banda, afirmando ter havido um esforço conjunto de Duff (McKagan) e Slash para destruí-lo. "Quando estávamos num aeroporto as pessoas ignoravam os dois e vinham me pedir autógrafo, era barra", disse. "Os caras perguntavam 'O que sou eu? Maçã?'". Além do ciúme, Axl atribuiu os problemas da banda às drogas. "Acho que tem a ver com o que é preciso para encarar um público tão grande. Não é medo de palco, é algo diferente, que o velho Guns não parecia ser capaz de enfrentar sem estar dopado", declarou. Mas o maior alvo de Axl foi mesmo o ex-parceiro Slash. "Eu lembro de ter chorado por diversos motivos em minha vida, mas nunca tinha sentido aquelas lágrimas quentes, queimando de ódio", revelou Axl. "Eu olhava para o Slash e não entendia. Tocando com todo mundo de Space Ghost a Michael Jackson... Eu queria que o mundo o amasse e o respeitasse e fiquei assistindo enquanto ele jogava tudo isso fora."

"Eu lembro de ter chorado por diversos motivos em minha vida, mas nunca tinha sentido aquelas lágrimas quentes, queimando de ódio, por causa de Slash"

Axl também declarou-se "ofendido" com o ceticismo das pessoas, que não acreditavam que ele iria dar a volta por cima depois da separação da banda. "Gente que eu considerava amiga de repente estava nas revistas, dizendo que eu nunca iria conseguir me dar bem sem o Slash, como se tudo fosse culpa minha", conta. "Só consegui dar um jeito de salvar meu próprio rabo. Senão, minha carreira iria pelo ralo [illegible]."

Segundo Axl, o novo álbum estará finalizado até o final d[illegible] mento acontecendo entre julho e agosto deste ano. O vocalista [illegible] ra – o disco deveria ter saído no final do ano passado – a necessidade de aprender a usar a tecnologia que definiu o rock do final dos anos 90". "Estou [illegible] disposto a passar por todo [illegible] de aprendizagem. Ele me disse [illegible] estava a fim de trabalhar tanto [illegible] vocalista. Virando as noites no estúdio e praticando kickboxing de dia, Axl trabalhou tanto que já tem material [illegible] para dois discos, *Chinese Democracy* e um outro álbum que ele promete ser "ainda mais eletrônico e industrial".

O que surpreende [illegible] fase "positiva e correta" de Axl. Prova disso é a sua decisão de retirar dos discos do Guns duas faixas que não considera "prontas de serem mixadas". Uma delas é "One In A Million", do álbum *Lies*, de 1989. A letra da música atiça homossexuais, imigrantes e negros. A outra é "Look At Your Game Girl", que [illegible] disco *The Spaghetti Incident*, de 1993, e que foi escrita pelo assassino Charles Manson. A partir de fevereiro, esses discos [illegible] sem as duas faixas.

Axl menciona muitas vezes a expressão "construir algo", dando a entender que está procurando tirar algo positivo das experiências negativas que viveu. "Se você está [illegible] do com assuntos que te deixam [illegible] mente deprimido, como expressar isso? Num momento, tudo o que você consegue pensar é que a vida é uma merda. Depois você se acalma e consegue ver que a vida é uma merda, mas de um jeito muito bonito", concluiu.

A festa que Você fez

Leitores e jornalistas apontam o que de melhor aconteceu em 1999

Ilustração: André Sader

Já estava ficando sem graça. Em suas duas últimas edições, o Prêmio BIZZ teve Titãs e Aerosmith reinando absolutos nas categorias mais importantes, artista e melhor disco. Em 1999, porém, os (e)leitores deram uma guinada radical em suas preferências. Dez das catorze categorias apresentam vencedores que nunca haviam ganho antes nestes quesitos: melhor vocalista (nacional e internacional), melhor música (nacional e internacional), melhor show (nacional e internacional), artista do ano (nacional) e melhor instrumentista (internacional), além, claro, das duas bandas reveladas neste ano.

Antes de atribuir tamanha mudança nas escolhas populares a algum surto novidadeiro, convém lembrar que vários artistas diletos do público não gravaram em 1999. Pearl Jam, U2, Planet Hemp, Racionais e Offspring, entre outros, preferiram passar o ano fazendo shows e cuidando de suas vidas. Para se ter uma idéia da empatia entre determinadas bandas e público, basta ver o caso do Aerosmith. A banda do pai da Liv Tyler não lançou nada em 1999 e mesmo assim foi lembrada pelos fãs. Joe Perry ficou em 19º lugar como instrumentista (4 votos); Steven Tyler, em 18º como vocalista (19 votos); "Full Circle", em 19ª como música internacional (4 votos). Os Titãs, bem, os Titãs completaram sua trilogia de releituras/versões com o disco *As Dez Mais*, mas...

O fato é que o milênio começa – ou termina, dependendo do ponto de vista – com ares de renovação no Prêmio BIZZ. Prova disso é que, dos dez artistas que venceram pela primeira vez em determinadas categorias (como se falou no início deste texto), sete estão aparecendo pela primeira vez no lugar mais alto do pódio. Os nomes dos premiados? Percorra as próximas páginas e descubra você mesmo.

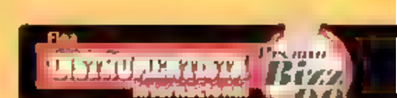
Volta arrasadora

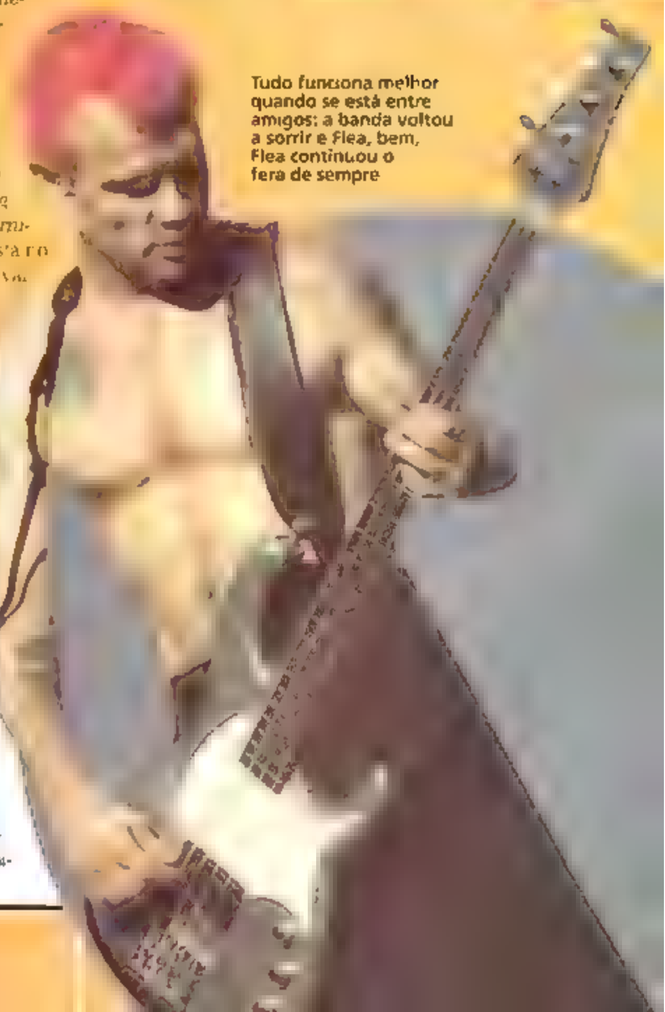
Frusciante retornou, a banda reapareceu, a mágica pintou de novo: Chili Peppers campeão!

Um álbum com peso, balanço e baladas na medida certa

CONVIDADOS DA FESTA
1. Metallica; 2. Charlie Brown Jr.; 3. Chorão (CBJr); 4. Red Hot Chili Peppers; 5. Eddie Vedder (Pearl Jam); 6. Igor Cavalera (Sepultura); 7. Flea (RHCP); 8. Renato Russo; 9. Gregg Alexander (New Radicals); 10. Rodolfo (Raimundos); 11. Los Hermanos

Foram três anos atribulados desde que a turnê de divulgação do álbum *One Hot Minute* acabou em 1996. O saldo de dez meses excursionando foi estafa nos quatro integrantes. Dave Navarro (guitarra) pediu as contas. Para piorar, Chad Smith (bateria) e Anthony Kiedis (vocal) sofreram acidentes de moto. Para piorar ainda mais, o vocalista voltou a consumir heroína. No meio do furacão, só Flea (baixo) se poupou, dando continuidade à sua carreira cinematográfica. O baixista teve a lucidez necessária para convidar John Frusciante a reassumir as guitarras da banda. Daí saiu *Californication*, um disco que retoma o astral do melhor momento do grupo, *BloodSugarSexMagik* – não por acaso, o último trabalho de Frusciante com os Chili Peppers. Os quatro mostraram a força que têm juntos, levaram o prêmio de artista do ano, com 1.424 votos à frente de Alanis Morissette (que teve seu *Unplugged* apontado por 943 leitores) e Foo Fighters (que com o doce *There Is Nothing Left To Lose* conquistou 428 votos). Com *Californication* soando melhor a cada dia – o disco está no terceiro hit. "Otherside" e tudo indica que não vai parar por aí –, ficou fácil a consagração da banda como o artista do ano. Ainda mais se levarmos em conta que o único show que fizeram no país no ano passado teve gente saindo pelo ladrão e todas as músicas foram cantadas pela platéia. Completando a festa, Flea foi escolhido como o melhor instrumentista de 1999. Quer dizer, bastou o Red Hot Chili Peppers gravar um disco melhor que o anterior para que a saraivada de prêmios aparecesse.





Tudo funciona melhor quando se está entre amigos: a banda voltou a sorrir e Flea, bem, Flea continuou o fera de sempre

Saiu em SHOWBIZZ

Anthony Kiedis "O disco novo é tão bom quanto qualquer outro que lançamos. Ele tem um pouco da energia de *BloodSugarSexMagik*. Acreditamos no que fizemos – muitas canções poderão explodir" *Junho de 1999*

"A moderação dá o tom ao disco, em geral angustiado e muitas vezes belo, com direito a arranjos de várias vozes em diversas faixas. Flea continua virtuoso, mas já se preocupa mais com as harmonias das canções do que com o número de pescoções que consegue desferir no baixo." *Crítica de Californication (nota 8) publicada em agosto de 1999*

Campeões eletrizantes

Fãs consagram Charlie Brown Jr., uma banda desencapada

O Charlie Brown Jr. venceu os Raimundos por cinquenta votos na categoria artista nacional do Prêmio BIZZ 1999. Mesmo depois de ter vendido 350 mil cópias do álbum *Preço Curto Prazo Longo*, o vocalista Chorão ficou surpreso ao saber do resultado. "Que legal! Faço questão de agradecer a todos que votaram na banda. Fico feliz por mim, pelos amigos que tocam comigo e pelos fãs que vão aos nossos shows, compram nossos CDs e têm afinidade com nosso som." O baixista Champignon tem uma explicação para a vitória. "A gente conseguiu isso aos poucos, show a show, música a música. Os leitores da SHOWBIZZ entraram em sintonia com a gente."

Tanto Chorão como Champignon definem o atual momento da banda como sendo de "estabilidade" – aquela estabilidade que chega depois do caos. Num curto espaço de tempo, o Charlie Brown Jr. trocou de empresário e de produtora de turnê. E ma grande briga entre os integrantes, a maior desde que eles começaram a tocar juntos, explodiu recentemente. Foi em Belém, após um show. Segundo testemunhas, Chorão teria expulsado do palco um tio de Champignon – de forma pouco polida, digamos. "Isso não foi o motivo real, foi só a gota d'água. Tivemos uma briga muito feia mesmo. A gente chegou a resolver dar um tempo, não sabia se ia continuar ou não. Depois, com a cabeça fria, vimos que acabar com a banda não era vantajoso para ninguém", conta Champignon.

Chorão prefere colocar panos quentes. "Em Belém, tivemos uma discussão 'básica'. Não somos demagogos. Quando estressamos, a gente fala, briga. Seja entre nós, seja com empresário ou com produtora. Essas discussões tomam proporções maiores porque cada um que conta aumenta um pouco." Champignon explica bem a situação que quase levou ao fim do Charlie Brown Jr.: "Nossa banda nada mais é do que um casamento de cinco vagabundos. Como em qualquer relacionamento, é sempre bom colocarmos as coisas a limpo e lavar a roupa suja. A coisa foi feia mas fez a gente pensar melhor no que a gente conquistou. Hoje somos uma banda de que todo mundo gosta, se a gente se separar, ninguém vai sentir falta. Por isso, votamos com força total".

Turbulências sob controle, o grupo retomou o ritmo normal de shows, que prossegue até setembro. Depois, entra em estúdio para trabalhar no próximo disco, previsto para sair no final do ano. "Somos muito rápidos para gravar. Grande parte das músicas já está pronta", garante Chorão. Segundo ele, o novo disco vai ser uma continuidade dos dois primeiros. "Quem gosta da banda vai gostar mais ainda. Vamos ter participações especiais. Talvez amigos como Otto, Rodolfo, o pessoal do De Menos Crime, HC (*nova formação do De Menos Crime, grupo responsável pelo sucesso "Fogo No Bombo"*) e do Raimundos."

Depois que o novo álbum ficar pronto, a banda planeja se envolver mais em programas sociais. "Já doamos um cachê de 30 mil reais para uma entidade beneficente. Temos de nos mobilizar não só criticar, defende Chorão, que também pretende voltar a estudar. "Se você tiver conhecimento, pode até estar livre do preconceito, mas vai estar livre da ignorância. Quero fazer História ou Filosofia. Só para aprender, não para atuar na área."

Thiago, Champignon, Marcão, Pelado e Chorão: cantalha criativa e faíscas no relacionamento

Questão de identificação

Legião mantém o fascínio com álbum acústico gravado em 1992

O culto à Legião Urbana é, acima de tudo, a Renato Russo, que nunca esteve tão forte. Mais de três anos após a morte do cantor, sua popularidade continua batendo recordes. Não há crise na indústria fonográfica capaz de abalar a devoção dos fãs, que garantem o sucesso dos trabalhos póstumos do grupo e até mesmo de projetos de "homenagem", como *Para Sempre*, disco de versões em italiano perpetrado por Jerry Adriani. Lançado no final de 1998, até o fechamento desta edição, o CD *Acústico MTV* já havia ultrapassado um milhão de cópias vendidas. Os 1.848 votos dos leitores que garantiram o Prêmio BIZZ de melhor álbum não foram surpresa. Os Raimundos, que ficaram em segundo lugar com o álbum *Só No Forévis*, foram os preferidos na opinião de 898 leitores.

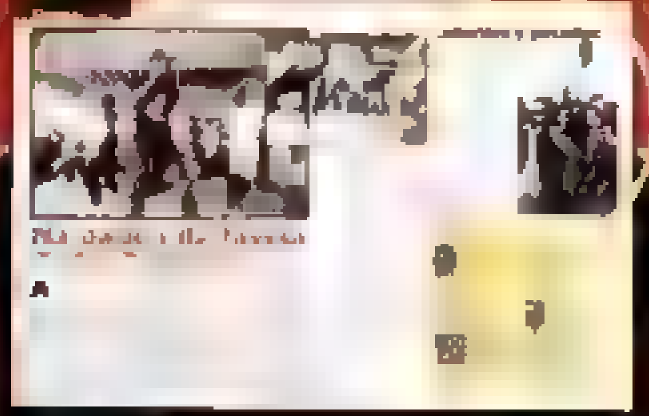
O segredo para tanto sucesso? Difícil detectar. Alguns acreditam que a explicação está na qualidade das letras de Renato. Outros explicam o fenômeno apontando o fascínio mórbido comum ao rock e na cultura de massa. Achismos à parte, o fato é que o *Acústico MTV*, gravado em janeiro de 1992, tem repertório atraente, com clássicos da banda ("Índios", "Faroeste Caboclo", "Teatro dos Vampiros") e até uma inusitada cover de Menudo. "Hoje À Noite Não Tem Luar" (no original, "Hoy Me Voy Para Mexico").

Ba(r)bada romântica

Rock à parte, o bem sempre vence no fim – eles que o digam

D[illegible] [illegible] Capital In[illegible] [illegible] Ultraje a Rigor [illegible] Plebe Rude [illegible] para novos grupos [illegible] Los Hermanos. [illegible] Anna Júlia [illegible] do quinteto carioca [illegible] 300 mil có[illegible] graças a um punhado de rocks [illegible] melodiosos falando basicamente de amor [illegible] Los Hermanos acabaram conquistando o público jovem [illegible]

[illegible] Marcelo Camelo, Rodrigo Amarante, Patrick Laplan, Rodrigo Barba e Bruno Medina [illegible] Prêmio SHOWBIZZ nas categorias Revelação e Melhor Música ("Anna Júlia") [illegible] o Brasil [illegible] "Anna Júlia". [illegible]



Saiu em SHOWBIZZ

Marcelo Camelo: "Chamamos de hardcore melodioso, e não melódico. Não queremos ser associados às bandas da Califórnia." *Seção Democracia, março de 1999*

Camelo: "Nós conseguimos tudo isso em pouco tempo e com pouco esforço, se compararmos com outras bandas. Se a gente não durar, tudo bem. Estamos nos divertindo muito." *Agosto de 1999*

"O melhor disco de estréia de uma banda nacional em muito tempo." *Crítica (com nota 9), novembro de 1999*

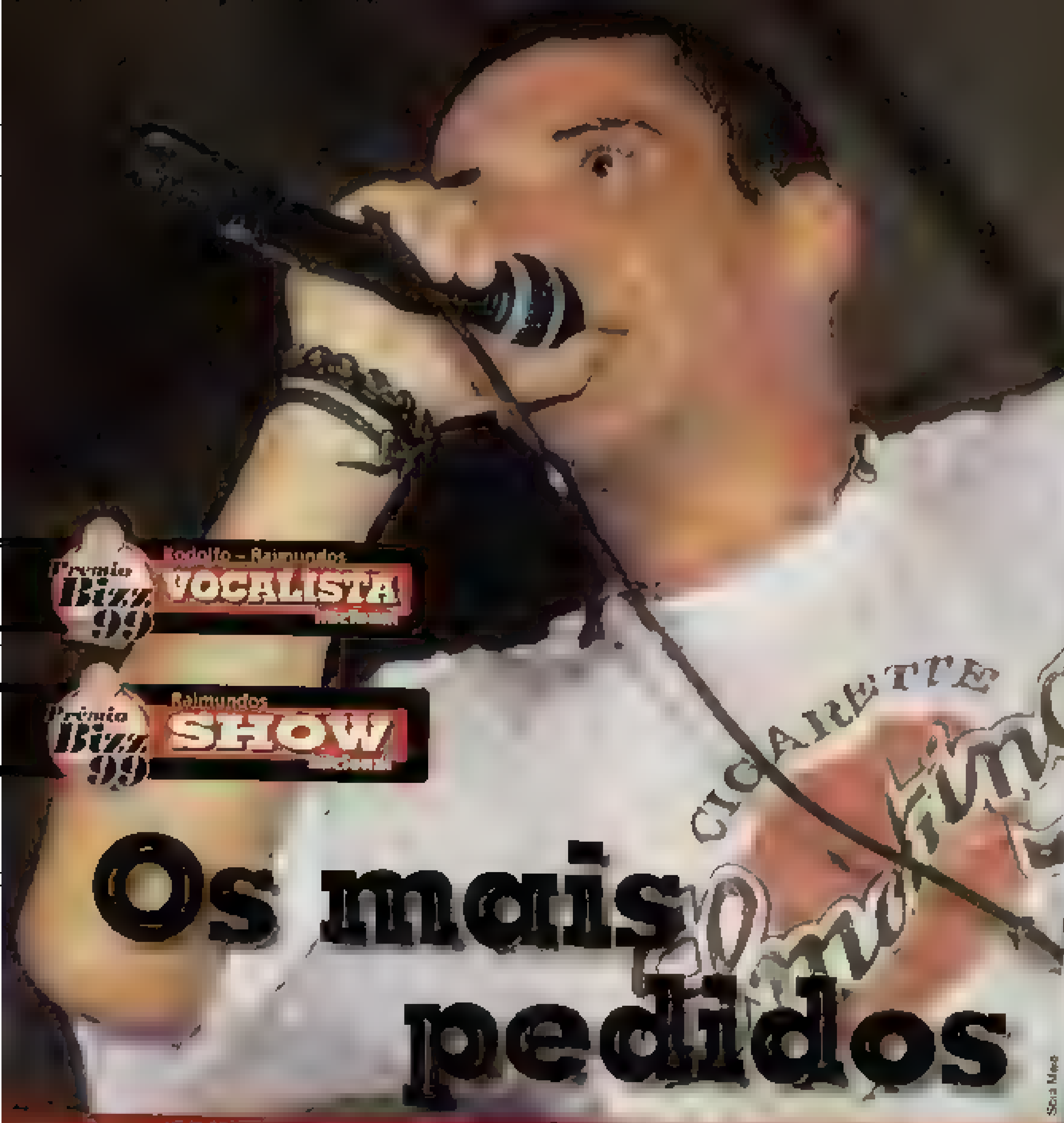
Carisma intacto

Com apenas duas músicas, o Pearl Jam reinou nas paradas – e no coração dos leitores

O Pearl Jam gastou só seis horas de trabalho para conquistar os prêmios de melhor música internacional e melhor vocalista internacional. Foi esse o tempo que a banda demorou para gravar e mixar as covers "Last Kiss" (lançada por J. Frank Wilson And The Cavaliers em 1964) e "Soldier Of Love" (de Arthur Alexander), que reinaram absolutas nas rádios durante o ano todo e renderam à banda os dois prêmios. As duas músicas foram grava[illegible] [illegible] passagem [illegible] [illegible] fãs de [illegible] do quinteto.

Elas foram incluídas no compacto de Natal que o Pearl Jam envia todo ano aos membros de seu fã-clube oficial, o Ten Club. Só que o single foi parar nas mãos de um locutor de rádio americano, que começou a tocar "Last Kiss" em seu programa. Começou aí o efeito dominó: a música tornou-se uma das mais pedidas, espalhou-se para outras emissoras e foi parar na coletânea beneficente *Sem Fronteiras*, lançada para ajudar os refugiados do Kosovo, na antiga Iugoslávia.

A partir disso, "Last Kiss" foi editada como single, chegou ao primeiro lugar da Billboard, ficou meses entre as mais tocadas no Brasil e tornou-se o maior sucesso do Pearl Jam em seus quase dez anos de carreira. Se tudo isso aconteceu com uma cover feita sem muito capricho num ano em que a banda não lan[illegible] material próprio [illegible] [illegible] este ano, um novo álbum de [illegible] tudo, tem lançamento previsto para 4 de abril.



A energia nas apresentações ajudou Rodolfo a garantir seu prêmio

Prêmio Bizz 99 — Rodolfo – Raimundos — VOCALISTA nacional

Prêmio Bizz 99 — Raimundos — SHOW nacional

Os mais pedidos

Garra raimunda empolga o povo

Em 1994, eles venceram nas categorias de artista do ano e melhor disco. Nos anos seguintes arre[illegible] chegaram ao posto mais alto, mas sempre ficava faltando algum votinho para consolidar o primeiro lugar. O reencontro com o sucesso [illegible] pelo disco Só no Forévis, seguido pelas energéticas apresentações que a banda está acostumada a fazer desde o começo da carreira, deram a vitória folgada para a banda (como o melhor show de 1999: 1.363 votos, quase mil a mais do que o segundo colocado, Charlie Brown Jr.). Nada mais justo: quem já foi em alguma apresentação dos Raimundos sabe que não se pára de pular um minuto. Foi com base nesse repertório de [illegible] porrada ("Mulher De Fases", "Eu Quero Ver O Oco", "Puteiro Em João Pessoa", apenas para citar algumas) que a banda seduziu o público em todo o país. A "surpresa" veio com a escolha de Rodolfo como o melhor vocalista, com 852 votos, pouco menos de duzentos à frente da [illegible] Fernanda Takai, do Pato Fu. [illegible] inédita para o quarteto.

Saiu em SHOWBIZZ

"A crueza e a urgência de *Raimundos* vão virar o século ainda com a validade intacta." *Texto sobre o primeiro CD dos Raimundos, apontado pela revista com o o melhor disco nacional da década, em novembro de 1999*

Rodolfo: "Já estava na hora de pararem de encher o nosso saco com essa história de machismo, as pessoas levam tudo a sério demais." *Matéria de capa, julho de 1999*

Prêmio Bizz 99 — SHOW internacional

Receita de um show matador: hits mesclados com músicas de acesso restrito aos fãs

Instituição

Metallica vence na camisa (preta)

Não houve linguerudo de preto ou canadense apontado que conseguisse tirar o prêmio de melhor show internacional das mãos dos quatro integrantes do Metallica. Deixando Kiss e Alanis Morissette para trás, a banda recebeu 912 votos e foi para o alto do pódio. Os graves problemas de som (baixo e abafado), de palco (sem telões para facilitar a visão) e de custo (cada ingresso custava R$ 70) não foram suficientes para apagar o brilho de músicas como "Master Of Puppets" e "Enter Sandman". Conforme escreveu Carlos Eduardo Oliveira, que cobriu o show de São Paulo para a SHOWBIZZ, naquele dia 8 de agosto, em cima do palco do Anhembi, a banda provou que continua "uma instituição imbatível" ao vivo. O repertório do show compensou a falta de hits óbvios (como "The Unforgiven" e "Whiskey In The Jar") com a inclusão de clássicos surpreendentes como "The Four Horsemen". Um show para conhecedores, e não só para neometállicos de FM. Tanto em São Paulo quanto no Rio, a banda finalizou a apresentação com "Battery", do álbum *Master Of Puppets*. O último acorde da música deixou os 35 mil paulistanos e os 10 mil cariocas que presenciaram a apresentação com um gostinho de quero mais. Quem sabe no ano 2000?

Tiro curto

New Radicals [illegible] dura para saborear a fama

Prêmio Bizz 99 — New Radicals — REVELAÇÃO internacional

Universal/Divulgação

Sempre Igor

Baterista fatura o tetracampeonato

Prêmio Bizz 99 — Igor Cavalera — INSTRUMENTISTA nacional

Com a vitória deste ano, Igor Cavalera ultrapassa Edgar Scandurra (outro eterno favorito na categoria) no número de vitórias como melhor instrumentista no Prêmio BIZZ. Esnobando a técnica e valorizando a emoção, o baterista do Sepultura foi eleito por 1.365 leitores — quase o dobro de votos recebidos pelo guitarrista do Ira! A vitória de Igor num ano em que o Sepultura ficou fora das rádios e fez poucos shows no Brasil é prova de que o baterista está anos-luz adiante de seus companheiros de baquetas. Trancado num estúdio na Vila Madalena, em São Paulo, o Sepultura passou os últimos meses forjando o Frankenstein sonoro que será o novo disco da banda.

Saiu em SHOWBIZZ

"Quando vejo um baterista fazendo um solo interminável, cheio de técnica, sinto-me num circo. Parece número de malabarismo." [illegible] 1999

"Tenho escutado umas [illegible] antigas, coisas latinas como Willie Bobo, um dos primeiros percussionistas do Santana. Também tenho experimentado [illegible] loops; gravo a bateria e depois brinco com ela no computador." [illegible]

Júri SHOWBIZZ

Trinta jornalistas especializados apontam seus favoritos em 1999

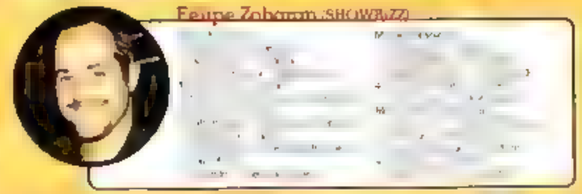
Abonacio Ricardo Smith, Gazeta do Povo (PR)

Emerson Gasperin, SHOWBIZZ

Alexandre Matias, Diário do Povo (Campinas)

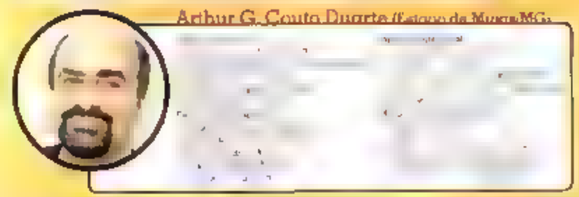
Fabio Massari, MTV (SP)

Andrea Estevam, SHOWBIZZ


Felipe Zobaran, SHOWBIZZ

Antonio Carlos Miguel, O Globo (RJ)

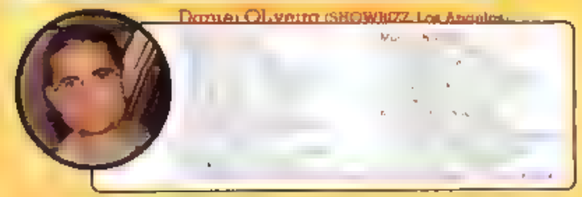
Hagamenon Brito, Correio da Bahia (BA)


Arthur G. Couto Duarte, Estado de Minas (MG)

Jose Fabio Junior, SHOWBIZZ

Carlos Marcelo, Correio Braziliense (DF)

Jotabê Medeiros, O Estado de São Paulo (SP)


Daniel Oliveira, SHOWBIZZ Los Angeles

Luciano Vianna, SHOWBIZZ Londres

Lucio Ribeiro (Folha de São Paulo/SP)

Disco Nacional
1 [illegible] – Thee Butchers' Orchestra
2 [illegible] – Grenade
3 Bruce [illegible] – Pin Ups
4 [illegible] Rock Experience – Grenade
5 [illegible] – Pin Ups

Disco Internacional
1 Keep It Like A Secret – Built to Spill
2 [illegible]
3 Surrender – Chemical Brothers
4 [illegible]
5 Terror Twilight – Pavement

Música Nacional
1 "[illegible]" – Grenade
2 "[illegible]" – Thee Butchers' Orchestra
3 [illegible] – Grenade
4 [illegible]
5 "Rubber [illegible]" – Grenade

Música Internacional
1 [illegible]
2 Tender – Blur
3 "[illegible] Or A Hiway" – Mercury Rev
4 [illegible] – Tindersticks
5 "Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers

Roberto Maia (Rádio Brasil 2000/SP)

Disco Nacional
1 Lado B Lado A – O Rappa
2 Tudo É Amor – [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] – Penélope
5 [illegible] – Wander Wildner

Disco Internacional
1 The Battle [illegible] – Rage Against The Machine
2 [illegible]
3 [illegible] – Chris Cornell
4 [illegible] – Red Hot Chili Peppers
5 Performance & Cocktails – Stereophonics

Música Nacional
1 "Bebendo Vinho" – [illegible]
2 "[illegible]" – Penélope
3 "[illegible]" – [illegible]
4 "[illegible]" – Pin Ups
5 "Minha Alma" – O Rappa

Música Internacional
1 "[illegible]" – Red Hot Chili Peppers
2 "[illegible]" – Cypress Hill
3 "Let Forever Be" – Chemical Brothers
4 "Put Your Lights On" – Santana
5 "[illegible]" – Beck

Marcelo Faria (Zero Hora/RS)

Disco Nacional
1 [illegible] – Jupiter Apple
2 [illegible]
3 Lado B Lado A – O Rappa
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 Play – Moby
2 Surrender – Chemical Brothers
3 [illegible]
4 [illegible]
5 Midnite Vultures – Beck

Música Nacional
1 "Mulher de Fases" – Raimundos
2 [illegible]
3 "A Minha Alma" – O Rappa
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 "Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers
2 "Why Does My Heart Feel So Bad?" – Moby
3 "Let Forever Be" – Chemical Brothers
4 Tender – Blur
5 "So Convinced" – Superchunk

Sérgio Martins (Veja/SP)

Disco Nacional
1 Lado B Lado A – O Rappa
2 [illegible] – Tom Zé
3 [illegible] – Mestre Ambrósio
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible] – Mano Chao
2 [illegible] – Beth Orton
3 [illegible]
4 [illegible] – Red Hot Chili Peppers
5 Surrender – Chemical Brothers

Música Nacional
1 "[illegible]" – [illegible]
2 "Homem Amarelo" – O Rappa
3 "[illegible]" – Dudu Nobre
4 "Anna Julia" – Los Hermanos
5 "[illegible]" – Revolucionnários MC's

Música Internacional
1 "Coffee & TV" – Blur
2 "Learn To Fly" – Foo Fighters
3 "[illegible]" – Manu Chao
4 "Beautiful Stranger" – Madonna
5 "[illegible]" – Macy Gray

Marina Person (MTV/SP)

Disco Nacional
1 [illegible] – Tom Zé
2 Lado B Lado A – O Rappa
3 [illegible] – Mestre Ambrósio
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 Play – Moby
2 Midnite Vultures – Beck
3 [illegible]
4 Surrender – Chemical Brothers
5 Deserter's Songs – Mercury Rev

Música Nacional
1 [illegible] – Tom Zé
2 "Minha Alma" – O Rappa
3 [illegible] – Mestre Ambrósio
4 "Mulher De Fases" – Raimundos
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Chemical Brothers
2 [illegible]
3 "Beautiful Stranger" – Madonna
4 [illegible] – Beck
5 "Why Does My Heart Feel So Bad?" – Moby

Silvio Essinger (Jornal do Brasil/RJ)

Disco Nacional
1 Lado B Lado A – O Rappa
2 [illegible] – Mestre Ambrósio
3 [illegible]
4 [illegible]
5 Los Hermanos – Los Hermanos

Disco Internacional
1 [illegible]
2 Midnite Vultures – Beck
3 [illegible] – Tom Waits
4 [illegible]
5 The Soft Bulletin – Flaming Lips

Música Nacional
1 [illegible] – Wander Wildner
2 [illegible] – Raimundos
3 [illegible] – Pedro Luís E A Parede
4 [illegible] – Planet Hemp? / [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Ricky Martin
2 [illegible] – New Radicals
3 [illegible]
4 Tender – Blur
5 "Beautiful Stranger" – Madonna

Mario Marques (O Globo/RJ)

Disco Nacional
1 Lado B Lado A – O Rappa
2 [illegible] – Los Hermanos
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible] – Blur
2 Without You I'm Nothing – Placebo
3 Maybe You've Been [illegible] – New Radicals
4 There Is Nothing Left [illegible] – Foo Fighters
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible] – O Rappa
2 [illegible]
3 [illegible] – Los Hermanos
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] – Placebo
5 [illegible] – Robbie Williams

Tarik de Souza (Jornal do Brasil/RJ)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 Lado B Lado A – O Rappa

Disco Internacional
1 There Is Nothing Left To Lose – Foo Fighters
2 Run Devil Run – Paul McCartney
3 The Fragile – Nine Inch Nails
4 Surrender – Chemical Brothers
5 Whatever Of The Heart – [illegible]

Música Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible] – Pedro Luís E A Parede
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 "Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers
2 "Never There" – [illegible]
3 [illegible]
4 "Beautiful Stranger" – Madonna
5 Tender – Blur

Mauricio Valladares (Rádio Imprensa/RJ)

Disco Nacional
1 [illegible] – Mestre Ambrósio
2 [illegible]
3 [illegible] – Tom Zé
4 [illegible]
5 [illegible] – Wander Wildner

Disco Internacional
1 [illegible] – Tom Waits
2 [illegible]
3 Brand New Second Hand – Roots Manuva
4 [illegible]
5 [illegible] – Underworld

Música Nacional
1 [illegible] – Pedro Luís E A Parede
2 [illegible]
3 "Minha Alma" – O Rappa
4 [illegible]
5 [illegible] – Wander Wildner

Música Internacional
1 [illegible] – Roots Manuva
2 [illegible] – Blur
3 "Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers
4 [illegible] – Tom Waits
5 [illegible] – Underworld

Tutola (Rádio Brasil 2000)

Disco Nacional
1 Lado B Lado A – O Rappa
2 Tudo É Amor – [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] – Raimundos
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 Midnite Vultures – Beck
3 There Is Nothing Left [illegible] – Foo Fighters
4 Californication – Red Hot Chili Peppers
5 The Battle [illegible] – Rage Against The Machine

Música Nacional
1 "Minha Alma" – O Rappa
2 "[illegible]" – Sepultura
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 "Smooth" – Santana
2 [illegible] – Beck
3 "Learn To Fly" – Foo Fighters
4 [illegible]
5 "Fly Away" – Lenny Kravitz

Mauro Ferreira (O Dia/RJ)

Disco Nacional
1 A Força Que Nunca Seca – Maria Bethânia
2 [illegible]
3 [illegible] – Pedro Luís E A Parede
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 [illegible] – Alanis Morissette
3 All The Way [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Nacional
1 "Anna Julia" – Los Hermanos
2 "A Força Que Nunca Seca" – Maria Bethânia
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Beck
2 "Beautiful Stranger" – Madonna
3 "New York City Boy" – Pet Shop Boys
4 [illegible] – Alanis Morissette
5 "Livin' La Vida Loca" – Ricky Martin

Thales de Menezes (Folha de São Paulo/SP)

Disco Nacional
1 [illegible] – Vinny
2 [illegible] – Raimundos
3 [illegible] – Pin Ups
4 [illegible] – Penélope
5 [illegible]

Disco Internacional
1 There Is Nothing Left To Lose – Foo Fighters
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] – Nine Inch Nails
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible] – Vinny
2 [illegible] – Raimundos
3 [illegible]
4 "Anna Julia" – Los Hermanos
5 [illegible] – Vinny

Música Internacional
1 "Learn To Fly" – Foo Fighters
2 [illegible]
3 "The World Is Not Enough" – Garbage
4 [illegible] – Nine Inch Nails
5 [illegible] – Rage Against The Machine

Pedro Alexandre Sanches (Folha de São Paulo/SP)

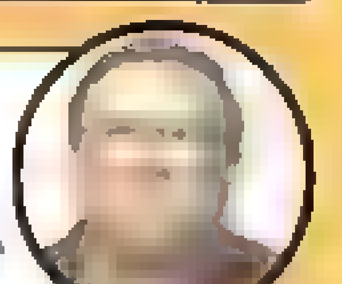
Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible] – Jupiter Apple

Disco Internacional
1 The Soft Bulletin – Flaming Lips
2 Vagabond Ways – Marianne Faithfull
3 [illegible]
4 [illegible]
5 No Exit – Blondie

Música Nacional
1 [illegible] – Jupiter Apple
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible] – Nó Cego?
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Flaming Lips
2 [illegible]
3 [illegible] – Blondie
4 [illegible]
5 [illegible] – Echo & The Bunnymen

Tomzinho Spessoto (SHOWBIZZ)



Disco Nacional
1 [illegible] – Raimundos
2 Tudo É Amor – [illegible]
3 [illegible] – Penélope
4 [illegible]
5 Lado B Lado A – O Rappa

Disco Internacional
1 Run Devil Run – Paul McCartney
2 Californication – Red Hot Chili Peppers
3 Supernatural – Santana
4 [illegible] – Robbie Williams
5 Maybe You've Been [illegible] – New Radicals

Música Nacional
1 "Mulher [illegible]" – Raimundos
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 "Anna Julia" – Los Hermanos

Música Internacional
1 "[illegible]" – New Radicals
2 [illegible] – Ricky Martin
3 "Beautiful Stranger" – Madonna
4 [illegible] – Red Hot Chili Peppers
5 "Learn To Fly" – Foo Fighters

Pedro Só (SHOWBIZZ)

Disco Nacional
1 [illegible] – Mestre Ambrósio
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Disco Internacional
1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 Midnite Vultures – Beck

Música Nacional
1 "Mulher de Fases" – Raimundos
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Música Internacional
1 [illegible] – Moby
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]

Valeria Rossi (SHOWBIZZ, Londres)

Disco Nacional
1 [illegible]
2 [illegible] – Wander Wildner
3 [illegible] – Jupiter Apple
4 [illegible] – Geração Zero
5 [illegible]

Disco Internacional
1 The [illegible] Sessions – Death In Vegas
2 The Soft Bulletin – Flaming Lips
3 Hours – David Bowie
4 [illegible] – Beck
5 [illegible]

Música Nacional
1 [illegible] – Wander Wildner
2 [illegible] – Jupiter Apple
3 [illegible] – Los Hermanos
4 [illegible] – Grenade
5 [illegible] – Geração Zero

Música Internacional
1 [illegible] – Beck
2 [illegible] – David Bowie
3 [illegible] – Death In Vegas
4 [illegible]
5 "Hey Boy Hey Girl" – Chemical Brothers

Indicadores do prêmio

Os leitores votaram em:

- 78 artistas internacionais
- 73 shows nacionais
- 67 vocalistas nacionais
- 67 músicas nacionais
- 60 shows internacionais
- 48 instrumentistas internacionais
- 43 discos internacionais
- 41 instrumentistas nacionais
- 35 discos nacionais
- 59 vocalistas internacionais
- 58 músicas internacionais
- 49 artistas nacionais
- 35 bandas como revelação internacional
- 33 bandas como revelação nacional

A maior campeã

Legião Urbana – 20 prêmios

- 7 vezes melhor vocalista Renato Russo (86, 87, 88, 89, 91, 93 e 94)
- 6 vezes melhor música ("Será"/85, "Que País É Esse"/87, "Faroeste Caboclo"/88, "Pais E Filhos"/90, "Teatro Dos Vampiros"/91 e "Perfeição"/93)
- 3 vezes artista do ano (86, 90 e 91)
- 3 vezes melhor disco (*Dois*/86, *V*/90 e *Acústico MTV*/99)
- 1 vez melhor show (94)

Onde estão os Titãs?

Grandes colecionadores e atuais bicampeões (na categoria artista nacional) de Prêmios BIZZ, eles não repetiram o bom desempenho na edição de 1999. Mesmo com disco e turnê de sucesso, música nas rádios etc.. O que houve entre os leitores: esquecimento ou indiferença?

Histórico

- 5 vezes o artista do ano (87, 88, 89, 97 e 98)
- 5 vezes o melhor disco (*Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas*/87, *Go Back*/88, *Õ Blésq Blom*/89, *Acústico MTV*/97 e *Volume Dois*/98)
- 2 vezes melhor música ("Flores"/89 e "Nem Cinco Minutos Guardados"/97)
- 3 vezes melhor show (94, 97 e 98)

Disco de 1999

As Dez Mais

Opinião dos leitores

- 12º lugar em artista do ano (197 votos)
- 11º lugar em disco (93 votos)
- 24º lugar em música, com "Aluga-se" (5 votos)
- 55º lugar com "Pelados Em Santos" (1 voto)
- 8º lugar em melhor show (226 votos)

Se eles ganhassem de novo nesse ano, pelo menos a foto seria reaproveitada...

Presuntos invocados

[illegible]

Bob Marley	Melhor vocalista internacional (2 votos)
Jim Morrison	Melhor vocalista internacional (1 voto)
Jimi Hendrix	Melhor instrumentista internacional (2 votos)
Renato Russo	Melhor vocalista nacional (56 votos)
Raul Seixas	Artista do ano (1 voto)

Curiosidades

- O disco mais antigo a aparecer nos votos dos leitores foi *Kill 'Em All*, o primeiro do Metallica, de 1983.
- Apesar de "Last Kiss" ter sido escolhida a melhor música internacional e Eddie Vedder, o melhor vocalista, o Pearl Jam não teve a mesma sorte com o disco *Live On Two Legs*, que obteve apenas um votinho. Em tempo: o álbum é de 1998.
- Foi a primeira vez, em 13 edições do Prêmio BIZZ, que a banda eleita como revelação nacional faturou também a categoria melhor música: Los Hermanos, com "Anna Julia". Fenômeno parecido só havia ocorrido antes em 1992, quando o Nirvana, revelação internacional daquele ano, ganhou também em música com "Smells Like Teen Spirit".
- Os Raimundos tiveram quatro músicas indicadas como a melhor do ano: "Mulher De Fases", "A Mais Pedida", "Me Lambe" e "Deixa Eu Falar". Somadas, elas totalizariam 1.276 votos e dariam a vitória com folga na categoria para a banda.
- É a segunda vez que um *Acústico MTV* vence a categoria. Em 1997, o similar dos Titãs também ganhou.
- A Legião também foi votada por seis leitores como a responsável pelo melhor show nacional (Deus sabe como!).

Todos estão surdos...

Que a crítica fala uma língua e o público, outra, não é novidade para ninguém. As únicas categorias que tiveram vencedores em comum foram revelação nacional (Los Hermanos) e internacional (New Radicals) e show nacional (Raimundos, que para a crítica empatou com Tom Zé e Chico Buarque). Veja em que colocação os leitores elegeram os prediletos dos jornalistas:

Categoria	Vencedor da crítica	Posição na votação dos leitores
Artista Nacional	Lobão	Não foi votado
Artista Internacional	Beck	Não foi votado
Disco Nacional	*LadoB LadoA* – O Rappa	6º lugar (260 votos)
Disco Internacional	*Midnite Vultures* – Beck	Não foi votado
Musica Nacional	"Minha Alma" – O Rappa	16º lugar (51 votos)
Música Internacional	"Beautiful Stranger" – Madonna	6º lugar (252 votos)
Show Nacional	Chico Buarque/Raimundos/ Tom Zé (empatados)	Chico Buarque – 13º lugar (59 votos)/ Raimundos – 1º lugar (1.353 votos)/ Tom Zé – 34º lugar (3 votos)
Show Internacional	Chemical Brothers	Não foi votado
Vocalista Nacional	Ed Motta/Marcelo Falcão (O Rappa)	Ed Motta – 10º lugar (126 votos)/ Marcelo Falcão – 6º lugar (372 votos)
Vocalista Internacional	Chris Cornell/Ian McCulloch (Echo & The Bunnymen)/Ian Svenonius (Make Up)/ Lennie Laws (Breakbeat Era)/Teresa Salgueiro (Madredeus)/Tracey Thorn (Everything But The Girl)	Chris Cornell, Ian Svenonius, Lennie Laws e Tracey Thorn não foram votados Teresa Salgueiro – 17º lugar (37 votos)
Instrumentista Nacional	Edgard Scandurra (guitarra, Ira!)	2º lugar (608 votos)
Instrumentista Internacional	Rubén González (piano)/Santana (guitarra)	Rubén González – 18º lugar (6 votos) Santana – 4º lugar (406 votos)

... e cegos também

Mas a crítica também não reconhece as preferências populares:

Categoria	Vencedor dos leitores	Posição na votação da crítica
Artista Nacional	Charlie Brown Jr.	Nao foi votado
Artista Internacional	Red Hot Chili Peppers	3º lugar
Disco Nacional	*Acustico MTV* – Legião Urbana	Não foi votado
Disco Internacional	*Californication* – Red Hot Chili Peppers	4º lugar
Música Nacional	"Anna Júlia" – Los Hermanos	6º lugar
Música Internacional	"Last Kiss" – Pearl Jam	Não foi votada
Show Internacional	Metallica	Não foi votado
Vocalista Nacional	Rodolfo (Raimundos)	2º lugar (empatado com três artistas)
Vocalista Internacional	Eddie Vedder (Pearl Jam)	3º lugar (empatado com 16 artistas)
Instrumentista Nacional	Igor Cavalera (bateria, Sepultura)	3º lugar (empatado com 2 artistas)
Instrumentista Internacional	Flea (baixo, Red Hot Chili Peppers)	Não foi votado

Até os vizinhos vão adorar QUANDO O SEU SOM COMEÇAR A TOCAR AQUI.

Se você tá a fim de mostrar o seu trabalho, a estrada é o Versão Brasileira. O programa da Cidade que tá detonando o som das bandas novas e abrindo espaço pra quem já tá arrebentando e só precisa tocar na rádio.

Fique ligado na programação e saiba como participar.

Se você é brasileiro, tem que ouvir.

Todo dia de 12 às 13h.

rádio CIDADE RIO

PROGRAMA Versão Brasileira 102,9

A HORA do BRASIL.

Uma banda para causar?

Críticos e leitores

Românticos,

pediu a Deus. Mas

Atrás do porta-retrato campestre, os garotos do Los Hermanos fizeram algumas caretas antes de assumirem as carinhas de bons pretendentes

...nsagraram Los Hermanos como grande revelação de 1999. ...ensíveis e bem-sucedidos, eles parecem os genros que mamãe ...uerem ser compreendidos como um grupo de hardcore

por José Flávio Júnior / Fotos: Rui Mendes

Somos bons moços, sim! Rock está sempre ligado a uma postura de malvado, de superioridade. A gente é bonzinho, se ama e não tem problema de dizer isso. Abraçamos nossos amigos, tomamos café com leite, damos 'bom dia' pela manhã." Rodrigo Amarante, vocalista e flautista do Los Hermanos, confirma tudo aquilo que as revistas de comportamento femininas vinham abordando nas matérias sobre sua banda. Os cinco garotos cariocas que explodiram com a grudenta 'Anna Júlia' se consideram românticos, sim, e três deles, que estão em relacionamentos firmes e estáveis, passaram toda a sessão de fotos para SHOWBIZZ encanados com a possibilidade de pegar um vôo muito tarde para o Rio, aumentando a saudade das amadas, que os esperavam por lá.

Sim, o amor e o sucesso são lindos, mas nem tudo são flores para Los Hermanos. Eles estão lançando uma campanha: "Somos uma banda de hardcore". Segundo o vocalista Marcelo Camelo, "Anna Julia" era a música certa para apresentar apenas uma das facetas do grupo. "O ideal seria que agora nossa música de trabalho fosse algo mais pesado, como 'Quem Sabe', que o Amarante canta". Realmente, quem compra o disco de estréia do quinteto para ouvir músicas parecidas com "Anna Júlia" perigo só achar mais uma: "Primavera", escolhida pela gravadora Abril Music para ser "trabalhada" em rádios e TVs. Todos os cinco Hermanos lamentam a decisão. "Podemos estar perdendo um público que não tem a noção de qual é o nosso som", explica Camelo.

É verdade: Los Hermanos fazem som pesado. Forjado na cena underground carioca, o grupo arregimentou fãs tocando em bibocas como o bar Empório (em Ipanema) e o finado parceiro Garage (na Praça da Bandeira). O nome surgiu bem no início das atividades, há dois anos, quando a vontade de flertar com música latina era maior. Hoje, permanece a vontade de soar autêntico, como os argentinos Los Fabulosos Cadillacs, os chilenos Los Três e os mexicanos Café Tacuba e Molotov, grupos admirados por Camelo e cia.

O evento que definitivamente lançou a sorte do Los Hermanos foi o festival Abril Pro Rock de 1999 – ao qual eles chegaram por vias românticas. Os amigos Marcelo Camelo e Alex, atual empresário da banda, faziam fanzines no Rio e foram cobrir uma edição do Abril Pro Rock no esquema roubada. Conheceram o organizador Paulo André e deixaram com ele a demo *Amor É Fola* (com 'Descoberta', "Azedume" "Eu Te Dei", "Vai Embora" e "Bárbara"). Após um tempo, Paulo convidou a banda para tocar na maratona pernambucana. Com um show convincente – todos de terninho –, Los Hermanos chamaram a atenção e foram contratados pela Abril Music. "Emocionalmente foi bem legal ter tocado lá", define Amarante.

Gravado logo em seguida, o disco *Los Hermanos* reaproveita nove das dez composições já presentes nas demos e traz cinco novas. A produção não agrada os Hermanos – "estávamos aprendendo, no próximo teremos mais experiência", diz Amarante –, mas a crítica especializada recebeu o quinteto tecendo elogios que até hoje os meninos vêem com desconfiança. "Chegaram a dizer que era o melhor disco da década!", sorri Marcelo. ▶

Priscila Prado

O disco de estréia do Los Hermanos já vendeu mais de 200 mil cópias e deve emplacar mais um sucesso: "Primavera"

Você é um dos leitores de SHOWBIZZ que fez o Los Hermanos ganhar o Prêmio Bizz de melhores de 1999 na categoria Revelação (com, aproximadamente, oito vezes mais votos do que o segundo colocado, o grupo Rumbora) ou é um dos ouvintes que elegeu, na rádio paulistana Brasil 2000, "Anna Júlia" uma das três músicas mais irritantes do ano passado?

A história da canção que você já deve ter ouvido mil vezes envolveu Alex, o amigo fanzineiro que virou manager, ficava tentando chamar a atenção de uma tal Anna Júlia sem lograr sucesso. Pagando uma de cupido, o fiel escudeiro Marcelo fez a música para ver se saía algo dali. O empresário conseguiu "ficar" com a menina, mas o rolo não evoluiu. Ironicamente, aquele amor todo da letra deu em menos que um casinho.

O inferno é que "Anna Júlia" tocou muito e eles sabem o quanto isso é decisivo para que um público que poderia estar curtindo Los Hermanos simplesmente deteste porque se encheu de ouvir o mesmo refrão. Por outro lado, se a baladinha não tivesse sido tão bem-sucedida, você não estaria lendo esta matéria.

"Me lembro de uma vez que a gente estava indo tocar no Teatro de Lona da Barra e não tínhamos ouvido a música tocar em nenhuma rádio ainda. Eu pedi para que ligassem o som do carro. Estava sem esperança, porque eu nunca tinha ouvido a música no rádio. Quando a gente chegou em frente ao lugar, começou a tocar. Isso me marcou, porque a minha ficha ainda não tinha caído", comenta Amarante. Outro momento é lembrado por Patrick: "As rádios no Rio colocam uma música contra a outra para que os telefonemas dos ouvintes decidam qual deve tocar inteira. E quando a gente ganhou dos Backstreet Boys eu fiquei meio... 'nossa!'". Essa entrevista foi cedida um dia antes de o videoclipe de "Anna Júlia" (cujo resultado final também não deixou a banda satisfeita) alcançar, pela primeira vez, o topo da parada semanal da MTV.

DESARMANDO JORNALISTAS

Na conversa com SHOWBIZZ, os cinco rapazes pareceram bastante escaldados. Depois de entrar e sair de várias saias justas em entrevistas para "revistas de meninas" e programas de televisão (no *Programa Livre*, a apresentadora Crystianah Rocha insistiu em saber como tinha sido a primeira experiência sexual do vocalista Camelo, que, em outro momento, foi expulso do iglu de João Gordo quando revelou detestar Ramones), Los Hermanos são supercuidadosos ao responder perguntas menos óbvias ou de cunho mais pessoal. Pudera, dois são quase jornalistas e os outros três também tiveram sua passagem por universidades. Todos falam um pouco e quase nunca concordam em algo. Mas se respeitam bastante.

INFLUÊNCIAS DISCUTÍVEIS

No caldeirão de influências, sempre citam o amor nerd da banda americana Weezer, a sonoridade esquizóide do Mr. Bungle (banda de Mike Patton, ex-Faith No More), os brothers cariocas do Acabou La Tequila, o Karnak de André Abujamra e os samba-canções de Noel Rosa. Na verdade, o que predomina no repertório dos Hermanos é o skacore (mistura de ska e hardcore), estilo de som que, tirando o Acabou La Tequila, nenhum dos artistas que eles enumeram como influência faz.

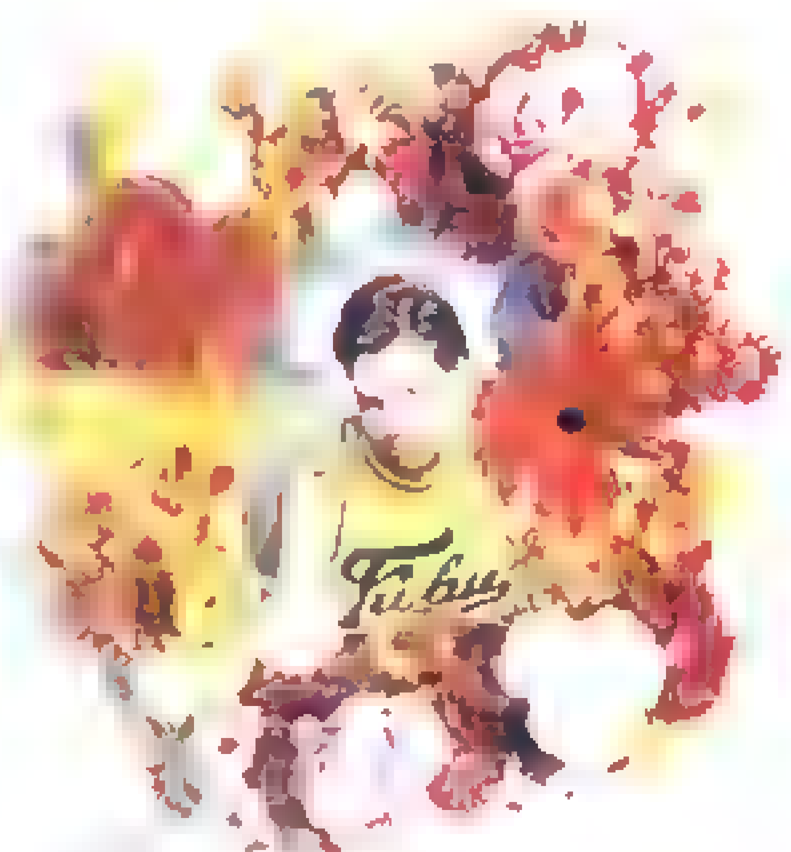
Mas a campanha está nas ruas. Los Hermanos é uma banda de hardcore. "Em todo programa de tevê que formos, vamos anunciar que somos uma banda de hardcore", avisa o baixista Patrick Laplan. Descontando o público do underground carioca, que os acompanha há tempos, vai ser difícil convencer o resto do país. Até porque, por mais paulada que seja o som dos caras, as letras falam de amor e de um jeito que o ouvido acostumado às escatologias de Raimundos, Charlie Brown Jr. e Rumbora estranha. Como curiosidade, não existe um palavrão sequer em toda a obra dos Hermanos. "A gente tá falando para um público-alvo que não entende que fazer hardcore misturado com Noel Rosa e ter nossa postura é ser subversivo. O moleque de 15 anos que tem que usar uma camisa preta para ir para a escola e precisa mostrar pro amigo ao lado que gosta de Metallica por respeito ou vai num show de hardcore pra dar porrada, essa galera não entende nosso discurso, fica muito distante, muito sutil, talvez...", conclui Marcelo. E arremata: "O que eu espero é que, com o tempo, a gente vá ser entendido. Ou não".

Marcelo Camelo

Idade: 21
Signo: Aquário
Formação: Largou a faculdade de Jornalismo no último ano
Drogas: "Tem que saber usá-las."
Casamento: "É muito importante para mim. Pretendo simbolizar minha união de algum jeito."
Música ideal para uma serenata: "A Flor E O Espinho", de Nelson Cavaquinho

Rodrigo Amarante

Idade: 23 anos
Signo: Virgem
Formação: Largou a faculdade de Jornalismo no último ano
Drogas: "As campanhas que têm aparecido são contra as drogas, mas tem que haver campanhas de conscientização."
Casamento: "É uma coisa sutil, informal, você vai morar com outra pessoa."
Música ideal para uma serenata: "Embraceable You", de Rodgers & Hart



Patrick Laplan

Idade: 21
Signo: Escorpião
Formação: Faculdades de Geologia e de Desenho Industrial, ambas incompletas
Drogas: "Aceito, mas não entendo e não uso."
Casamento: "Não sei se é necessário hoje em dia. É bonito, mas é uma coisa mais de garotas."
Música ideal para uma serenata: "Crave", do Nuno Bettencourt

Bruno Medina

Idade: 21 anos
Signo: Leão
Formação: Publicitário
Drogas: "Particularmente, não uso. Mas não acho que usar é o fim do mundo."
Casamento: "Não existe mais a necessidade dele. É uma decisão que muda o rumo das coisas, pra pior ou pra melhor."
Música ideal para uma serenata: "Love Me Tender", de Elvis Presley

Rodrigo Barba

Idade: 20 anos
Signo: Aquário
Formação: Largou a faculdade de Psicologia no último ano
Drogas: "Tem que ter consciência do que se está fazendo. Mas acho que cada um faz o que quer."
Casamento: "Acho um negócio bem legal, morar com a pessoa, dividir tudo."
Música ideal para uma serenata: "Only In Dreams", do Weezer

Datalove

A palavra "amor" aparece a cada minuto no álbum *Los Hermanos*: são 34 vezes ao longo de 36 minutos e 44 segundos de som. Confira estas e outras repetições/obsessões que flagramos nas letras...

"amor"
34 vezes

"outro alguém"
16 vezes

o verbo chorar
20 vezes

o verbo sofrer
13 vezes

Nomes de mulher
19 vezes
(Aline 3, Anna Julia 10, Bárbara 6)

Produção: Claudia Paiva e Dedé Pacheco Maquiagem: Taylor/Angel Agradecimentos: M. Officer

O céu era o limite

Como a Legião Urbana conquistou o Brasil e Renato Russo tornou-se o grande ídolo do rock nacional enquanto Plebe Rude e Capital Inicial protagonizavam carreiras irregulares

por Carlos Marcelo

Renato, Dado e Bonfá: logo o Rio também ficaria pequeno demais para a música da Legião Urbana

Renato Russo gostava de fazer mapa astral. Dos amigos e conhecidos consultava regularmente o I Ching, mas quem tinha o dom de adivinhar o futuro na Legião Urbana era o baterista da banda, Marcelo Bonfá. "A gente vai se mudar para o Rio e eu vou ser muito famoso", anunciou a uma amiga, Ana Rezende, durante festa em 1982, três anos antes do lançamento do primeiro disco. Depois que o Paralamas fez sucesso com "Óculos" e se tornou o primeiro nome nacional a gravar uma composição de Renato Russo ("Química", no disco *Cinema Mudo*), havia uma crescente curiosidade sobre o rock politizado e contestatório que estava sendo feito na capital federal, bem diferente das bolachinhas fritas consumidas pelos fãs da Blitz lá pelo fevereiro de 1983. A mudança dos bandas brasilienses para as metrópoles em apenas uma questão de tempo.

"O rock de Brasília chegou a São Paulo em 1984 como um movimento", lembra o guitarrista do trio Edgard Scandurra. "Primeiro foram os Paralamas, que eram para nós uma banda formada por pessoas de Brasília que moravam no Rio. Depois, veio a cara definitiva com Legião, Plebe e Capital", acrescenta. "É engraçado que, nos shows em lugares pequenos como o Sapalm e o Rose Bom Bom, eles começavam todos do mesmo jeito: 'boa noite, nós somos a Legião Urbana de Brasília', ou 'a Plebe Rude de Brasília', ou 'o Capital Inicial de Brasília'. Só mudava o nome da banda", repara o guitarrista, à época também baterista do Las Mercenárias. Ron uma identificação legal, porque nós tocamos referências parecidas. Eles também receberam influências de punk e do pós-punk inglês em primeiro lugar Echo Jam, Gang Of Four... Ao contrário do pessoal do Rio, que seguia mais uma praia de hard rock", compara.

COMO SE [illegible]

A atração dos paulistas pelos brasilienses foi plenamente correspondida. "Eu achava Brasília chata, festiva, modorrenta. Eu queria embasbacado com São Paulo", reconhece o vocalista Dinho Ouro Preto, o primeiro do Capital a se mudar do Planalto e fazer carreira com figuras da cena paulista, como Guilherme Isnard, do grupo Zero. "Era como se a gente tivesse chegado em Nova York", reforça o baterista da Legião, Marcelo Bonfá, lembrando também a dureza dos primeiros shows. "A gente era mesmo malhado. Pegava prato emprestado com Edgard Scandurra, passava na casa do Renato Rocha para pegar uma caixa... Andava São Paulo inteiro de ônibus para montar a bateria."

As viagens começaram a ficar mais longas porque passaram a incluir a segunda etapa: a lona do Circo Voador, no Rio de Janeiro. Por "cultipa" da Fluminense FM, músicas como "A Dança Do Semáforo" (Paralamas), "Descendo O Rio Nilo" (Capital) e "Geração Coca-Cola" (Legião) [illegible] tornado hits e os cariocas [illegible] ver ao vivo aquela nova onda [illegible]

roqueiros surgida no Planalto Central. Com o apadrinhamento dos Paralamas, a Legião foi convidada a gravar um compacto no Rio pela EMI Odeon. Mas no início não deu certo.

Aconteceu um ruído de comunicação entre a banda e a companhia: eles não souberam dizer exatamente o que eles queriam da gente e a gente também não se colocou de forma clara. Depois de gravar três ou quatro músicas com produção do Marcelo Sussekind (*responsável pelos discos de maior sucesso de Lobão*), os Paralamas voltaram [illegible] por Brasília", narra Dado Villa-Lobos. O guitarrista lembra que a gravadora esperava da Legião algo meio country-pop [illegible] de Bob Seger (*cantor americano que vendeu milhões de discos nas décadas de 70 e 80*): "Aí a gente falou: 'Não, assim a gente não faz'."

ALGUÉM COM QUEM CONVERSAR...

Nesse meio-tempo, entre a decisão de ir embora e pegar o ônibus de volta para Brasília, a Legião encontrou dentro da EMI alguém com quem conversar [illegible] que depois se tornaria praticamente um quinto integrante do grupo. O niteroiense Mayrton Bahia, produtor contratado da gravadora para cuidar de lançamentos na área pop-rock-MPB, tinha no currículo trabalhos de artistas tão diversos como Elis Regina, 14 Bis, Djavan e Wagner Tiso. Gerente de elenco da gravadora Mayrton teve uma longa conversa com os legionários na linha como-sobreviver-e-manter-a-integridade-dentro-de-uma-grande-gravadora. Foi uma noite cheia de bate-papo e deu certo. "Nunca vi a Legião como um grupo musicalmente limitado pelo contrário, eles tinham uma linguagem própria que muitas vezes não era compreendida. O desafio era entender a estética da banda, que estava muito mais para Van Gogh do que para Leonardo da Vinci", conta. "A Legião era um casamento e o Mayrton passou a fazer parte dessa família", resume Marcelo Bonfá.

Mayrton assumiu a direção de produção do primeiro álbum. O jornalista José Lamartine Rondeau, marcado por Renato, logo [illegible] com a produção executiva. Assim, em abril de 1984, com Brasília em estado de emergência por conta da votação da emenda das Diretas-já, cheia de tanques e militares nas ruas, a Legião deixava a cidade. "Foi uma imagem impressionante: Brasília sitiada e nós indo embora", recorda Dado. Por uma coincidência nossa época o Capital também deixa a cidade e assina contrato com a CBS (atual Sony Music) para o lançamento de um compacto com duas músicas. Descem O Rio Nilo" e "Leve Desespero". Ambas são bem recebidas pela crítica, chegam a tocar nas rádios e garantem os primeiros shows em Belo Horizonte, Salvador e Porto Alegre, mas não estouram nem nas mentes [illegible] outras bandas "do rock" da gravadora, WEA e Metrô.

Enquanto isso no Rio, a Legião passou um tempo hospedada na casa de Bi Ri

Legião Urbana na época da estréia em disco, em 1985

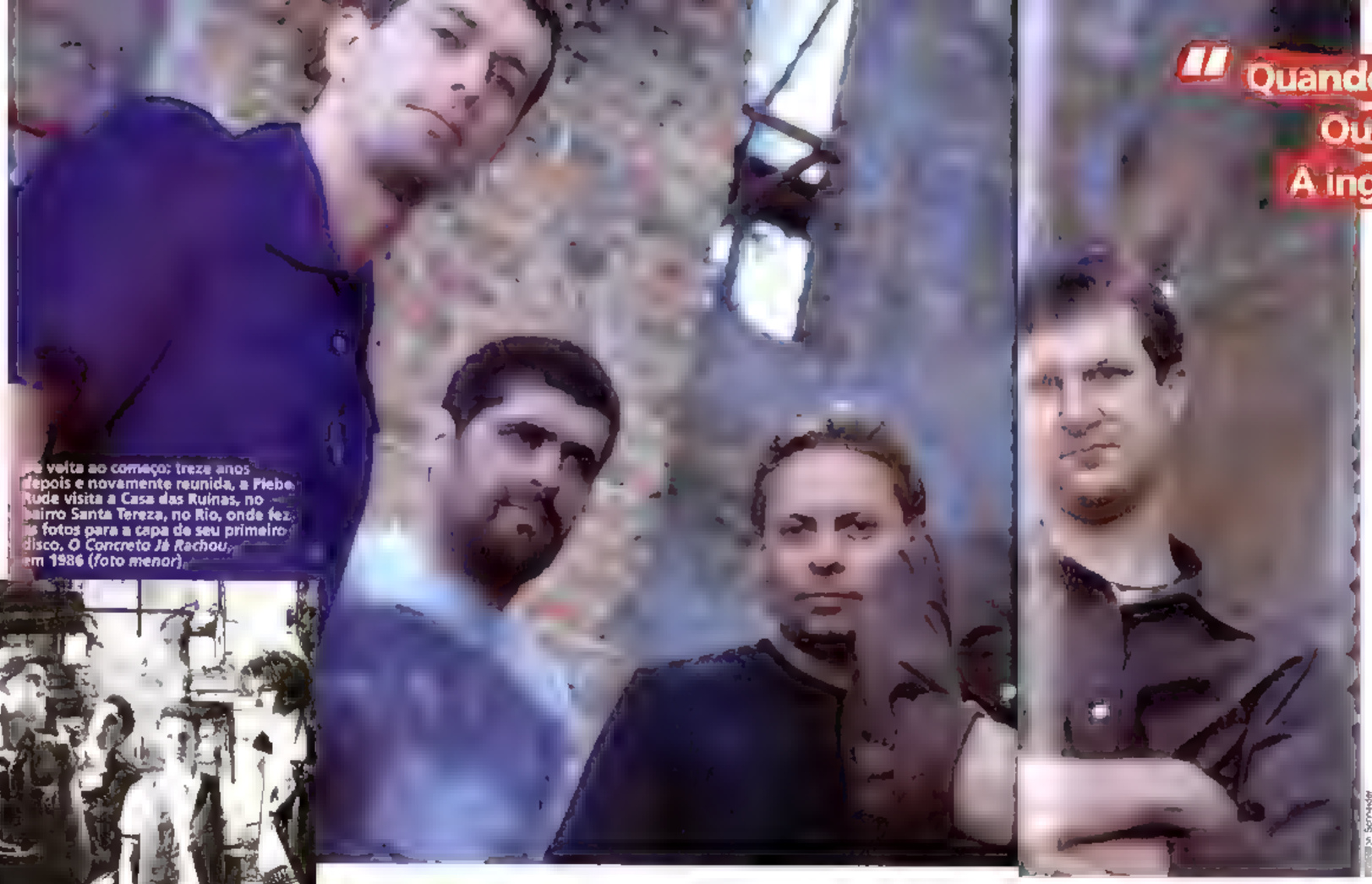
Apesar do repertório estar definido, a gravação do primeiro disco da Legião não foi tranquila. Bonfá e produtor, por exemplo, viviam brigando

tério, dos Paralamas, até se mudar para um hotel em Copacabana. Apesar de o repertório da estréia em vinil estar praticamente definido antes do início das gravações (a única música feita em estúdio foi "Por Enquanto", nascida de uma experimentação de Renato utilizando uma bateria eletrônica), as sessões não foram exatamente um mar de tranquilidade. Bonfá e o produtor, por exemplo, viviam às turras. "Durante 'Ainda É Cedo', eu tive um contratempo e o Zé Emílio virou para o Renato e disse: 'Ih, minha, não dá'. E aí o Renato teve de sair do estúdio pra convencer o Zé Emílio a voltar. Depois ele falou pra mim como quem dizia: se esse cara for embora, a gente está fodido", revela o baterista.

No final, mais uma [illegible]. A primeira prensagem do disco foi um desastre. "O som ficou sem peso, deformado. Fiquei desesperado, porque eu tinha assumido compromisso com a banda de garantir que a linguagem deles seria respeitada pela gravadora. Mandei refazer o corte do acetato e garanti que ninguém iria meter a mão para mudar nada", lembra Mayrton Bahia, que ganhou nesse episódio a confiança definitiva dos membros da Legião. O álbum, batizado apenas com o nome da banda, saiu em janeiro de 1985 e vendeu 80 mil cópias, número que surpreendeu até a gravadora.

A TRIPLA REJEIÇÃO

Em São Paulo, o Capital Inicial enfrentava sérios dissabores no início da relação com a indústria fonográfica. As músicas que apresentavam para o primeiro disco – entre elas "Fátima", "Veraneio Vascaína" e "Psicopata" – eram rejeitadas pela gravadora, que pedia algo mais comercial. Depois de ter o repertório recusado três vezes, a banda optou por rescindir o contrato com a WEA e assinar com a PolyGram (atual Universal) para o lançamento do primeiro disco, o que ocorre em 1986. O LP surpreende ▶



De volta ao começo: treze anos depois e novamente reunida, a Plebe Rude visita a Casa das Ruínas, no bairro Santa Tereza, no Rio, onde fez as fotos para a capa de seu primeiro disco, *O Concreto Já Rachou*, em 1986 (*foto menor*).

Divulgação / Foto: Zeka

> **"Quando a gente se mudou, acabou. Ou melhor, virou trabalho. A ingenuidade ficou em Brasília"**
>
> **Marcelo Bonfá**

den os antigos fãs pela inclusão de teclados e naipes de metais nos arranjos, iniciando a guinada do Capital em direção ao pop. O sucesso veio rápido (200 mil cópias vendidas em apenas três meses) graças a uma composição dos tempos do Aborto Elétrico. "Música Urbana", uma das canções recusadas pela CBS, foi o primeiro grande hit nacional do rock brasiliense. Dinho, o vocalista, adquiriu status de sex-symbol e o grupo ganhou um quinto integrante, o tecladista Bozo Barreti, que tocava com Arrigo Barnabé e era formado em regência pela USP.

No Rio, a Legião já não era mais a representante solitária dos brasilienses. Em 1986, a Plebe Rude consegue contrato com a EMI para gravar *O Concreto Já Rachou*, seu LP com sete músicas matadoras produzidas por Herbert Vianna. "O Herbert introduziu o estúdio para a gente, mas praticamente não mudou nada dos arranjos originais", conta Philippe Seabra. "Foi ele quem deu algumas idéias brilhantes como utilizar um violoncelo na introdução de 'Até Quando Esperar'", lembra o vocalista e guitarrista da Plebe.

O CHORO DOS MARMANJOS

A Legião, por sua vez, começou a trilhar caminho próprio e a se distanciar de seus companheiros de Brasília e do rock brasileiro. Lotou por duas noites o Morro da Urca no lançamento do primeiro disco e fez o circuito de danceterias da moda, "todas com 'M'", como lembra Dado Villa-Lobos: Mamão com Açúcar, Metrópole, Mamute, Manhattan... Vocalista do Biquini Cavadão, Bruno Gouveia lembra o momento exato quando percebeu que a Legião seria uma megabanda: "Foi no Circo Voador, no fim de 1985. Tinha gente até o teto. Eu estava assistindo no palco e não acreditava no que via. Eram marmanjos na primeira fila chorando copiosamente em 'Soldados', cantando 'Petróleo Do Futuro' em altos brados, enquanto Renato pedia atenção para tocar a inédita 'Tempo Perdido'", descreve Bruno, que chegou a gravar uma música do Biquini dividindo os vocais com Renato: "Mumias", do LP *Cidades Em Torrente*.

Definida com propriedade pelo antropólogo Hermano Vianna no texto da caixa *Por Enquanto, 1984/1995* como "um dos momentos mais lindamente melancólicos da história da música pop", "Tempo Perdido" acabou sendo escolhida como primeiro single do segundo disco da Legião. Lançado em julho de 1986, *Dois* que ia ser um álbum duplo com o pomposo nome de *Mitologia & Intuição* – representou uma guinada em direção ao intimismo e acertou em cheio o coração de milhares de jovens brasileiros. No repertório, canções que Renato resgatou dos tempos de Trovador Solitário – como "Música Urbana 2" e "Eduardo E Mônica" – e outras nascidas em estúdio, a exemplo do "Índios" e "Acrilic On Canvas". "As músicas eram lindas, mas foi uma fase difícil de criação, era muito experimental", avalia Marcelo Bonfá.

Mayrton Bahia, uma das poucas pessoas que acompanhavam de perto todas as etapas do trabalho da Legião, descreve o processo criativo do grupo como "muito particular". "Primeiro eles faziam uma levada, uma base instrumental em cima do que queriam fazer, uma música mais rápida, outra mais lenta... O Renato ouvia aquele instrumental e imaginava que tipo de texto ele gostaria de falar com aquele som. Aí ele fazia as letras livremente, sem melodia, sem métrica definida. Depois ia para o estúdio tentando cantar aquela letra em cima daquela base, aí surgiam melodias originais da Legião. 'Índios' é um exemplo típico desse método", conta o produtor.

ABRINDO O BAÚ

Com agenda lotada de shows e a mudança em definitivo para o Rio, tanto Plebe Rude como Legião não encontravam tempo para ensaiar, muito menos para compor. "Quando a gente se mudou, acabou. Ou melhor, virou trabalho. A ingenuidade ficou em Brasília", resume Marcelo Bonfá. As duas bandas resolveram então, abrir o baú brasiliense e de lá desenterraram a maior parte do repertório dos discos *Nunca Fomos Tão Brasileiros* e *Que País É Este 1978/1987*.

A trajetória da Plebe e da Legião, que até então se confundia, se separou de vez. Apesar do relativo sucesso da faixa-título e da balada "A Ida", *Nunca Fomos...* (também produzido por Herbert Vianna) não repetiu o impacto de *O Concreto Já Rachou*. Nem a mídia gratuita obtida com a censura da música "Censura" ajudou a Plebe a repetir o sucesso da estréia, que tinha emplacado os hits "Proteção", "Até Quando Esperar" e "Minha Renda".

Já *Que País é Este* foi o passo definitivo da Legião rumo ao megaestrelato. Os fãs da banda não cabiam mais em casas noturnas, muito menos em danceterias (formato já em declínio por volta de 1987). Apenas os ginásios de esportes comportavam o público de adolescentes que berravam os quilométricos versos de "Faroeste Caboclo" ("sempre soube em fazer uma música longa e com historinha, como 'Hurricane', de Bob Dylan", dizia Renato). Em algumas cidades, como Brasília, mesmo o ginásio local – com capacidade para 20 mil espectadores – tinha se tornado pequeno e a única alternativa era o estádio Mané Garrincha, onde cabiam 40 mil pessoas e que acabou se tornando o palco em 1988 do mais acidentado show da carreira do grupo (*veja boxe na página 47*).

Depois dos problemas em Brasília e em outras cidades durante a turnê de lançamento de *Que País É Este*, a Legião decidiu deixar o passado punk definitivamen- ▶

Philippe Seabra e Herbert Vianna gravando o primeiro disco dos plebeus

Renato, Dado e Bonfá no lançamento de *As Quatro Estações*, em 1993: as coisas nunca mais seriam as mesmas

Divulgação

te para trás. "A idéia era dar um basta na coisa visceral, dar uma escapada daquele universo que despertava energia negativa", conta o guitarrista Dado Villa-Lobos. Ao contrário do guitarrista, Bonfá garante que a mudança de rota não foi intencional. "Nunca tive conversa com Dado e Renato para acertar que a gente teria de fazer uma coisa mais calma porque o show estava pesado e a gente não tinha mais controle sobre a catarse."

RELIGIÃO URBANA!

Começava a prolongada e difícil gestação de *As Quatro Estações*, que demorou um ano para nascer por conta de vários contratempos, da saída do baixista Renato Rocha ("ele pediu para sair a partir do momento em que foi morar numa fazenda e não apareceu mais nas gravações", lembra Dado) até a falta de inspiração (daí o desabafo – "Exis tem canções!" – no fim do texto do encarte) de Renato Russo na hora de escrever as letras.

Três músicas de *As Quatro Estações* foram particularmente difíceis de serem finalizadas: "Monte Castelo", "Pais E Filhos" e "Eu Era Um Lobisomem Juvenil". "Essas só ganharam a versão final na hora da mixagem", revela Mayrton Bahia. Tanto trabalho valeu a pena, apesar de recebido com certa frieza pela crítica, que acusou a banda de descambar para o pieguismo messiânico, *As Quatro Estações* se tornou o mais bem-sucedido álbum do grupo: dois milhões de cópias vendidas até o final de 1999. Encerrando o disco com um trecho da liturgia católica ("Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós e dai-nos a paz", últimos versos de "Se Fiquei Esperando Meu Amor Passar"), a Legião justifica o apelido irônico dado por alguns colegas do rock brasileiro: o de Religião Urbana.

Várias razões contribuíram para o início do culto a Renato Russo. Na virada para os anos 90, a juventude brasileira experimentava profundo desencanto político (a eleição de Fernando Collor, que provocaria o aparecimento dos caras-pintadas), econômico (altos índices de desemprego) e mesmo existencial (o modelo yuppie de ascensão social tinha se esgotado). E mais: o rock nacional tinha perdido dois de seus porta-vozes da geração: Raul Seixas e Cazuza. O vácuo de ídolos e ideais foi o cenário perfeito para o endeusamento de um artista diferente, que evitava o clichê "roqueiro bom é roqueiro mau" para enfatizar de forma quase obsessiva a necessidade de estar do lado "do bem, com a luz e com os anjos" (como [illegible] 1985 [illegible] *Quatro Estações*) ▶

" A idéia era dar um basta na coisa visceral, dar uma escapada daquele universo que despertava energia negativa "

Dado Villa-Lobos

Uma noite de som e fúria

Como foram os 58 minutos do show mais polêmico da história da Legião Urbana

É Dado Villa-Lobos quem garante a autenticidade do slogan: "Show da Legião, sempre uma nova emoção". Mas nada foi tão perigosamente emocionante para Dado, Renato, Negrete e Bonfá do que a noite frioренta de 18 de junho de 1988, quando a Legião Urbana realizou o mais polêmico show de sua carreira, no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Foram 58 minutos de som e fúria presenciados por 50 mil pessoas – entre elas 11 mil que não pagaram ingresso.

A confusão toda começou cedo. Dezenas de ônibus que vinham das cidades-satélites foram apedrejados por uma horda de fãs (?) ansiosa para conferir a volta da Legião, um ano e meio depois do último show na cidade. Era a turnê de lançamento do disco *Que País É Este*, e a música que batiza o disco foi a primeira das onze músicas tocadas pela banda. "Boa noite, Brasília! A gente vai se divertir? Legal!", saúda Renato, eufórico com o retorno à capital. "Quando saiu do Rio, ele falou pra mim: 'Tô indo para fazer o show da minha vida'", revela dona Carminha Manfredini, mãe do vocalista.

Menos de 20 minutos depois de iniciado o espetáculo, o primeiro incidente sério. A segurança falha e um desequilibrado mental pula no pescoço do cantor, que tem de usar o microfone para se livrar do invasor. "Eu disse que Brasília era uma cidade estranha...", brinca Renato. Ele enxerga uma série de brigas perto do palco e avisa: "Tá todo mundo se matando aqui, hein!?" e emenda com "A Hard Day's Night", dos Beatles. A alegria do início se dissipa e predomina o clima de tensão.

Durante "Ainda é Cedo" (música que sempre foi utilizada pela banda para resolver problemas de som sem precisar interromper o show), pipocam mais brigas na frente e ao lado do palco. Os seguranças descem o braço com vontade e Renato toma as dores de um fã que está sendo espancado. "Pára, solta ele, solta! Que história é essa de mão na cara? É por isso que a gente só volta aqui de ano em meio em ano e meio, não dá para se divertir...", lamenta.

A situação se torna insustentável com a explosão de bombas de São João no palco. "Da próxima vez a gente vai acender a luz e ir embora", ameaça Renato, antes de começar a cantar "Faroeste Caboclo". As bombas continuam a estourar perto dos músicos e, depois de "Tempo Perdido", o vocalista anuncia a última música do show: "Esta é para todos nós...", e começa a cantar "Será" ("Brigar pra quê/Se é sem querer..."). A Legião deixa o palco. O público, que esperava uma maratona de mais de duas horas, não se conforma com o encerramento abrupto. Quem está na frente começa a destruir as grades de proteção do palco e, no empurra-empurra, muita gente fica machucada e desmaia. O posto médico registra 400 atendimentos e, na saída, mais depredação e inúmeras brigas com a polícia, que joga cavalos e cachorros em cima do público. O caos é total, e não há a menor possibilidade de um bis.

A Legião deixa o estádio. Renato segue direto para o apartamento dos pais, na Asa Sul, onde chega em estado de choque e mergulha numa banheira cheia com água quente e sal grosso.

No dia seguinte, os muros do posto de gasolina situado bem em frente ao apartamento da família Manfredini amanhecem pichados. A frase "Legião não voltem mais" magoa profundamente o vocalista, que jamais esqueceria o protesto anônimo. Alguns fãs queimam discos da Legião e Renato tem de deixar a cidade escondido para evitar o encontro com o público. Já de volta ao Rio, o vocalista comentou: "Pegamos um trem achando que ele iria para a Disneylândia e ele acabou parando em Auschwitz". Renato fez a promessa de nunca mais tocar em Brasília e a honrou até a morte, oito anos depois do dia em que a festa virou faroeste.

Um caos que os punks nunca imaginaram: show da Legião no estádio Mané Garrincha, em Brasília; depois, os protestos dos fãs desiludidos (foto menor)

"Eu não conseguia ver personalidade própria para o Capital. Estávamos sempre atrás da Legião, éramos 'a outra banda de Brasília'"

Dinho Ouro Preto

"A questão da mitificação passa pelo fato de a gente sempre acreditar no que estava fazendo quando gravava os discos. Tudo o que foi colocado nas nossas músicas é sincero e continua atemporal. Acho que as pessoas conseguem perceber isso. Os fãs que realmente gostam e compram os discos passam esse mensagem adiante", analisa Dado Villa-Lobos. "A Legião sempre se preocupou em construir um mundo melhor para as pessoas. Os fãs que são pessoas legais e positivas, perceberam isso", completa Marcelo Bonfá.

Os fãs da Legião não foram preconceituosos: a maioria nem deu bola ao fato de Renato Russo, em entrevista à BIZZ em junho de 1990, ter assumido a homossexualidade ao explicar o motivo da viagem aos Estados Unidos. "Basicamente fui para lá para sair do armário", revelou ao jornalista José Augusto Lemos. "Nunca fomos criticados por isso. Apenas uma vez recebi um e-mail de um babaca dizendo que a gente era um bando de bichas. Deletei rapidinho e esqueci", conta Bonfá. "Renato podia ser homossexual, mas não tinha homem mais homem que ele. Era um cara macho!", garante o baterista.

POP DE PLÁSTICO

Enquanto a Legião, mesmo com um vocalista que afirmava com todas as letras que gostava de meninos e meninas, chegava ao topo do rock brasileiro, os amigos brasilienses despencavam ladeira abaixo. O terceiro e último disco da Plebe Rude pela Odeon foi uma despedida melancólica. Sem a produção de Herbert Vianna ("ele fez muita falta, estávamos em crise criativa, sem direção" reconhece Philippe Seabra), o grupo sequer conseguiu definir um nome para o LP, que acabou saindo com o nada original título de... *Plebe Rude*.

Em São Paulo, o Capital também ia de mal a pior: as experiências malsucedidas de Dinho e Bozo Barreti com o tecnopop no disco *Você Não Precisa Entender* soterraram de vez a pouca credibilidade que o grupo ainda tinha. "Estávamos fazendo um pop de plástico", define o baterista, Fê Lemos.

A segunda geração do rock de Brasília dos anos 80, formada por Finis Africae, Arte No Escuro e Detrito Federal até que tenta surfar na mesma onda dos pioneiros candangos, mas acaba morrendo nas praias cariocas: nenhum deles passou do primeiro disco. Rapidamente, todos são despachados de volta para o Planalto Central.

Na virada para os anos 90, o cenário era pouco animador para o rock brasiliense: nem gravadora nem shows. A Plebe Rude se dissolveu após a saída do fundador Ameba Bilaphra e do baterista Gutje Woortman. André e Philippe tentaram continuar como dupla e lançaram o álbum *Mais Raro Do Que Medo* (1994), com pouca repercussão. Decidiram parar em 1995. André passou em concurso público para o Banco Central e voltou a morar em Brasília. Philippe aproveitou a cidadania americana e se mudou para Nova York, onde montou o Daybreak Gentlemen, cantando e compondo em inglês.

LONGO, TRISTE E BELO

O Capital também passou por maus momentos: o disco *Todos Os Lados* (1989) teve apenas um hit – por ironia, uma composição de Renato Russo, "Belos e Malditos", feita em parceria com o carioca Alvin L. (do extinto Sex Beatles). Com *Eletricidade* (1991), primeiro e último disco pela gravadora BMG, a banda diminuiu o teclado nos arranjos e privilegiou os violões, mas não adiantou muita coisa. O disco vendeu só 30 mil cópias e as brigas internas tornaram-se mais frequentes, culminando com a saída do tecladista Bozo Barreti em 1992. Sem comunicar aos demais integrantes da banda, Dinho anunciou nos jornais que iria gravar um disco solo e, com ironia, sugeriu a Fê que o grupo virasse um Deep Purple, conhecido pelas mudanças constantes de vocalista. "Eu não conseguia ver personalidade própria para o Capital", afirma Dinho. "Estávamos sempre atrás da Legião, éramos 'a outra banda de Brasília'", constata o vocalista.

Alheia ao naufrágio dos colegas candangos, a Legião reduzia a velocidade (os shows passam a ser ainda mais esporádicos) e as aparições publicas. Mas o trio continuava navegando com segurança em mar revolto pelo desemprego e recessão trazidos pelo Plano Collor. Inspirado pela música medieval, lançou em dezembro de 1991 o seu disco mais consistente: *V*, recheado de músicas longas, tristes e belas, como "Teatro dos Vampiros", "A Montanha Mágica" e "Vento No Litoral". "Ia ser uma mistura de Joy Division com o Cure da fase *Pornography*: o disco inteiro contando uma história de amor sobre um casal que briga, se separa e depois volta", contou à época Renato Russo, que tinha voltado a beber e enfrentava seguidas crises de depressão causada pela desilusão trazida pelo namorado americano, Robert Scott, que passou dois anos com o cantor. "A partir do *V*, o Renato se descobriu soropositivo e as coisas passaram a ser feitas com mais cautela", conta Dado Villa-Lobos. ▶

Renato: falando o que viesse à cabeça

João Santos

Sessão de fotos para o álbum *O Descobrimento do Brasil*

Garganta profunda

Frases de Renato Russo publicadas em jornais e revistas brasileiros:

Que som é esse? I: "A Legião Urbana é uma banda folk que trabalha como rock e é percebida como pop." *Correio Braziliense*, 14/7/96

Que som é esse? II: "Sempre achei que a Legião era uma banda de rock, mas quem ouve rock pesado diz que a gente é MPB. Mas banda de rock são os Stones ou os Raimundos?" *Jornal do Brasil*, 6/11/94

Separando umas e outras: "Se eu não tomar uma ou duas doses eu não saio de casa nem subo num palco." *O Globo*, 31/3/93

Debochando umas e outros: "Se eu desconfiar que tem um garoto que não sabe a diferença entre Legião Urbana e Uns e Outros, vou ficar realmente preocupado." *A Tarde* (BA), 7/11/89

O melhor do show: "O que mais gosto no show é quando ele termina." *Jornal do Brasil*, 6/11/94

Amigos, amigos...: "Não sei se seria positivo para a Legião fazer Hollywood Rock. Para isso, já existe o Capital Inicial." *Jornal da Tarde*, 20/10/89

Qualificação profissional: "Estou qualificado apenas para falar sobre rock'n'roll. Não estou qualificado para falar sobre o Brasil, tenho apenas 30 anos e não sei nem mesmo o que foi a Coluna Prestes. Tiveram de me explicar." *Jornal da Tarde*, 30/8/90

Olhando para Jesus I: "Eu fui padre na outra encarnação. Sinto necessidade de dizer para as pessoas não ficarem desenhando diabinhos: para ouvir heavy metal, não é preciso desenhar o capeta. A gente precisa olhar para Jesus." *Correio Braziliense*, 13/9/89

Olhando para Jesus II: "Jesus gostava de meninos e meninas. Só não sei se sexualmente porque ele era um ser totalmente espiritual." *Revista Amiga*, 4/1/90

Meu gay I: "Me considero pansexual, mas sou o que as pessoas chamariam de homossexual. Mas eu me considero muito macho." *Revista Istoé*, abril de 1994

Meus gays II: "Só tem três gays assumidos no Brasil: eu, Rogéria e Clodovil." *Revista Interview*, janeiro de 1994

Axl Rose: "Acho o máximo o que ele faz parar show no meio quando as coisas estão ruins, descer para dar porradas em quem está tirando foto..." *Jornal do Brasil*, 6/12/91

Beastie Boys: "Eu odeio rap, mas a ginga deles é demais. São três caras sensíveis e inteligentes. A abertura do lado B de Paul's Boutique é a coisa mais brilhante que eu já ouvi." *Correio Braziliense*, 13/9/89

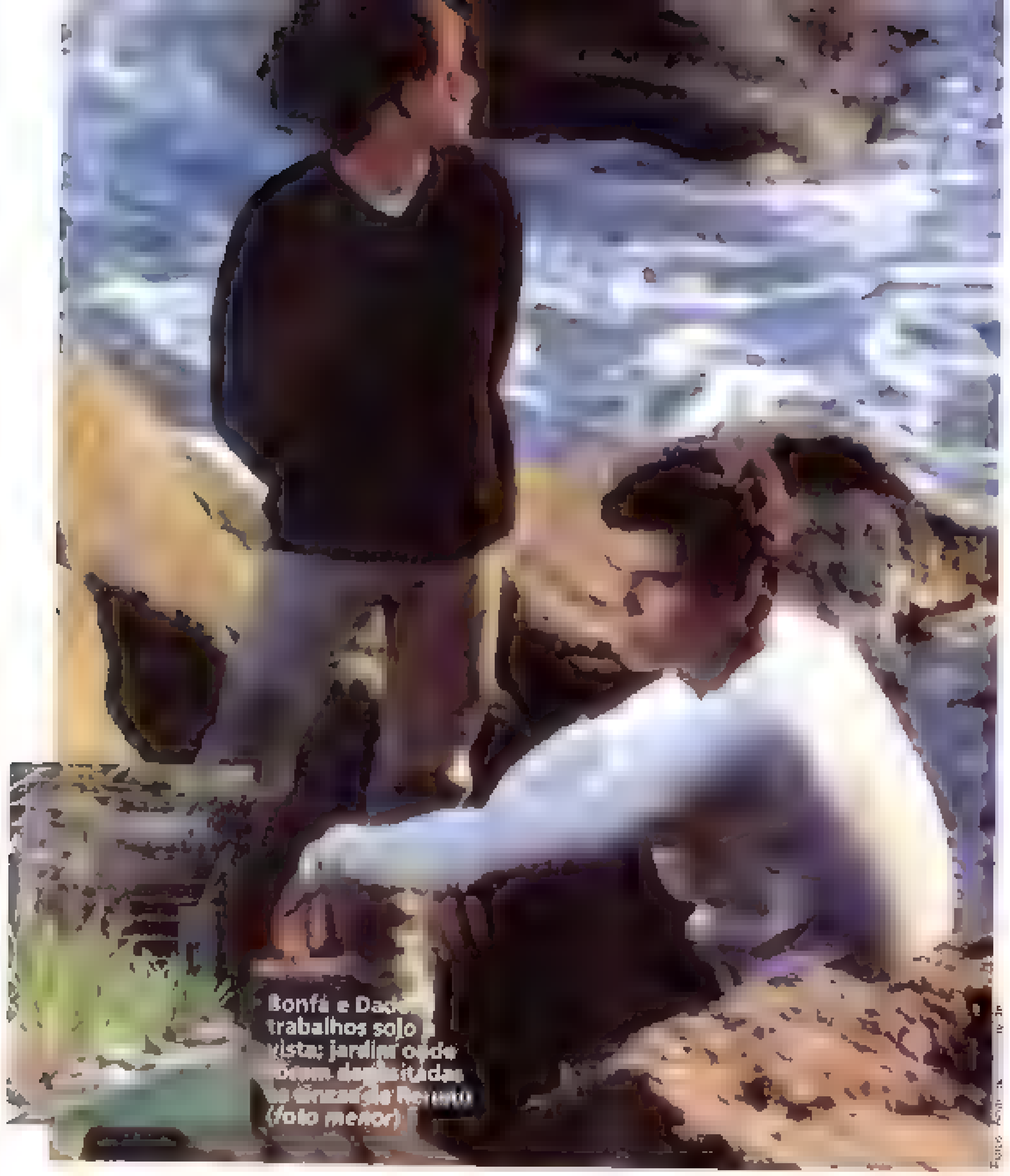
Mamonas Assassinas: "Dinho e os Mamonas eram como John Lennon e os Beatles. Eles não eram inseguros como nós, não eram melancólicos. Eram cheios de vida, queriam fazer bagunça mesmo. Quando morreram, houve um total descaso de todas as áreas da musica popular em reconhecer o fenômeno. Só o Caetano comentou, mas o Caetano fala até sobre a sandália dele..." *Correio Braziliense*, 14/7/96

O povo da MPB: "Sempre tive uma teoria: o povo que conhece MPB, gosta de MPB e só ouve MPB, que tem uma relação religiosa com a MPB, geralmente são pessoas chatinhas. Tem umas musicas emblemáticas de rodas de violão que eu acho muito chatas." *O Estado de S. Paulo*, 16/12/95

Cazuza: "Cazuza e eu éramos muito parecidos. Só que ele era muito mais espalhafatoso e tinha uma temática mais fechada, de 'raspas e restos me interessam', que é uma coisa que eu nunca colocaria numa música." *Correio Braziliense*, 14/7/96

Juventude instigante: "A juventude é um período tão difícil que dá um alívio quando termina. É uma fase muito mais instigante do que a adolescência, que é um processo dificílimo." *Correio Braziliense*, 14/7/96

Quem sou eu?: "Eu sou arrogante, egoísta, ambicioso, pedante, desbocado, impulsivo, impaciente, ansioso, violento, ciumento... Ah, eu me acho o máximo!" *BIZZ*, abril de 1986



Bonfá e Dado: trabalhos solo à vista; jardim onde foram depositadas as cinzas de Renato (foto menor)

A gravação do *Acústico MTV* em 1992 foi a opção para fugir da obrigação de gravar videoclipes para o novo disco, rotina considerada estressante pela banda e só retomada em 1994 para "Perfeição", o primeiro single do disco *O Descobrimento Do Brasil*. Com letras simples e diretas, *O Descobrimento...* rendeu a última turnê da Legião, iniciada em Valinhos no dia 21 de maio de 1994 e encerrada também no estado paulista, com show em Santos no dia 14 de janeiro de 1995. Era a despedida dos palcos e o fim também de uma relação conflituosa. "Os shows da Legião sempre foram uma explosão. As vezes de alegria, outras de tristeza e melancolia", relembra o guitarrista.

Dado Villa-Lobos montou com André Mueller o selo Rock It! para gravar novos artistas e por ele lançou várias bandas novas, entre elas grupos cariocas (Second Come, Sex Beatles, Gangrena Gasosa) e brasilienses (Low Dream, Dungeon). Com a experiência acumulada na Rock It!, topou o desafio proposto por Renato: produzir o penúltimo disco da Legião: *A Tempestade Ou O Livro Dos Dias*. "A verdade é que não tinha muita gente para fazer esse trabalho: a gente não poderia lidar com um Liminha, porque nossa forma de trabalhar em estúdio era muito particular, muito íntima", explica o guitarrista, que não gostou de acumular as funções: "Quase morri de tanto trabalhar". Comprometido pelo estágio avançado da doença de Renato, *A Tempestade...* (1996) é item menor na discografia da Legião, apesar de conter alguns esparsos momentos de brilho, como as faixas "L'Avventura", "Esperando Por Mim" e a faixa-título.

CARRASCO E SALVADOR

Em 11 de outubro de 1996, morre aos 36 anos não o Renato Russo, mas seu criador: o Júnior, filho do Seu Renato e da Dona Carminha, menino carioca que foi morar em Brasília aos 13 anos e lá, na solidão do concreto cercado de cerrado por todos os lados, inventou um personagem à sua imagem e semelhança para atrair amigos e, com eles, mudar o rock brasileiro. "Renato foi, ao mesmo tempo, nosso carrasco e salvador. Sua sombra era muito opressora: só a morte dele nos libertou", acredita Dinho Ouro Preto. Ao som de "Fantasia Opus 17", sonata para piano de Schumman, as cinzas do corpo de Renato Manfredini Júnior foram espalhadas em canteiros de bromélias da casa principal do Sítio Roberto Burle Marx, na Barra de Guaratiba, no Rio. "Agora o Renato Russo é só do público, o Manfredini é nosso", sentenciou a mãe do cantor.

O apelo da mãe de Renato não surtiu efeito. O culto ao cantor, iniciado logo após sua morte, cresce a cada dia, mesmo com a resistência dos amigos e da família. "Os fãs pedem palhetas, óculos, roupas, fotografias... Qualquer objeto que tenha pertencido ao Júnior. Alguns não têm o mínimo desconfiômetro e pedem até um pedacinho do lençol que ele usava", conta dona Carminha, que decidiu apoiar a criação de um memorial para diminuir o assédio pessoal que a obrigou inclusive a trocar de apartamento em Brasília.

O culto também cresceu com o lançamento de *Uma Outra Estação*, o derradeiro disco de estúdio da Legião. Com canções excluídas de *A Tempestade...*, o disco tem várias homenagens explícitas à terra onde tudo começou: da capa, um desenho de uma superquadra, até a última faixa, "Nossa Senhora do Cerrado", regravação de um grupo brasiliense chamado Lixo Tripa. "Não foi coincidência. É para mostrar que nossa história começa e termina em Brasília", explica Dado Villa-Lobos.

"Essa é uma história feita de fracassos e glórias. Todos saíram com alguma cicatriz, mas definitivamente mudados", acrescenta Dinho Ouro Preto, que voltou a cantar no Capital Inicial e prepara um livro sobre a turma da Colina. Seu companheiro de banda, Fê Lemos, anda interessado na música feita no computador, "o mais democrático dos instrumentos musicais". Sem largar o Capital, o baterista pretende deixar São Paulo no próximo ano para seguir os passos do guitarrista Loro Jones e do amigo André Mueller: voltar a viver na cidade onde formou a primeira banda punk. "É hora de um novo começo e aproveitar que Brasília é pródiga em gente original para, quem sabe, montar o Aborto Eletrônico", afirma o único sobrevivente da formação original do Aborto Elétrico. Carregado de lembranças e histórias, o rock de Brasília está indo de volta para casa.

A ficha dos que não foram

Nem só da tríade Legião-Plebe-Capital viveu o rock brasiliense dos anos 80. Dezenas de bandas apareceram na mesma época ou um pouco depois, na cola de quem tinha conseguido o maior dos sonhos: um contrato com uma grande gravadora. A cena brasiliense era bem variada: tinha funk (Fama, que tinha Chic e David Bowie no mesmo repertório), rock performático (Akneton), tecnopop experimental (Ton Ton Macoute) até a pura tiração de sarro (Marciano Sodomita). Abaixo, a história de alguns dos grupos que também agitaram o Planalto na década de 80.

Arte no Escuro (1987/89): Uma das bandas preferidas de Renato Russo, que se empenhou pessoalmente na contratação do grupo pela EMI. Era adorada pelos darks e a vocalista, Marielle Loyola, causava frisson em músicas como "Beije-me Cowboy" e "As Rosas", gravadas em 1988 no disco que leva o nome da banda e foi produzido por Mayrton Bahia, o mesmo da Legião. O Arte foi extinto no final dos anos 80, quando o sol bateu na janela do quarto dos góticos e todos resolveram ir à praia ouvir reggae e dance music.

[illegible]: As maiores influências eram Chuck Berry e Beatles. Participou da histórica Temporada de Rock da ABO, em 1983. "A gente tinha umas letras bem sarcásticas, na linha do Ultraje a Rigor", destaca o baixista e vocalista Marcelo Carvalho. A banda mudou várias vezes de formação, até gravar como trio o disco *A Última Novidade* pela CBS em 1986, com produção de Léo Jaime. Apesar da participação de Herbert Vianna na balada "Esta Canção Se Autodestruirá em Cinco Segundos", o disco não deu em nada e o grupo acabou seis meses depois da estréia no mercado fonográfico.

Detrito Federal (1983/97): A banda liderada por Paulo César Cascão conseguiu uma proeza: todas as músicas foram proibidas à execução pública. Depois de emplacar uma faixa ("Sun City") na trilha do filme *Rádio Pirata*, foi contratada pela PolyGram e gravou o LP *Vítimas Do Milagre*, com produção de Charles Gavin. "Ele estava muito envolvido com os Titãs e não pôde dar atenção para o trabalho", analisa Cascão. Mesmo assim, o disco vendeu 48 mil cópias. Com inúmeras formações, o Detrito fez o último show em 1987, durante o festival Abril Pro Rock.

Escola de Escândalo (1984/91): *The next big thing* do rock brasiliense, acabou ficando na promessa. Lotava casas noturnas do Rio e São Paulo. Tinha na guitarra o virtuose Feijão, lenda entre os músicos locais e até hoje reverenciado. Teve uma fita-demo de cinco músicas produzida por Philippe Seabra, da Plebe Rude, mas acabou não decolando. "Ninguém estava preocupado com o sucesso", garante o baixista Geraldo Ribeiro. Um de seus hits, "Luzes", foi regravado pela Plebe no disco ao vivo que será lançado em abril.

Finis Africae (1984): O nome complicado foi tirado do livro *O Nome Da Rosa*. A proposta musical também era complexa: juntar o rock com funk e black music. "Tínhamos uma versão dark de 'Good Times', do Chic", conta o baterista Ronaldo Pereira. Depois da participação na coletânea *Rumores*, lançaram um álbum independente em abril de 1986 e, um ano depois, estreavam na EMI, onde venderam 40 mil cópias. Voltaram à ativa em dezembro de 1998 e pretendem lançar um disco ao vivo, gravado em Brasília, até o fim do ano. Seu maior hit, "Armadilha", foi remixado recentemente pelo DJ Marcelinho da Lua, do projeto Bossa Cuca Nova.

Obina Shock (1983/90): Formado por filhos de diplomatas africanos e estudantes de Diplomacia e Arquitetura da UnB, o Obina juntou sete brancos e negros para tocar música africana, caribenha e reggae. O líder era o cantor, guitarrista e compositor Roger Keddy, nascido no Gabão. O EP *Obina Shock* foi lançado em 1986 e a música "V da", que tinha participação de Gilberto Gil e Gal Costa, chegou a rolar nas rádios. O tecladista senegalês Jean Pierre toca atualmente com o Cidade Negra.

Agradecimentos: Maria do Carmo e Renato Manfredini, Edgar César, Nicolau El-Moor, Renaldo de Oliveira, Rafael Borges, Rênio Quintas, Fagê Artiges, Paulo Pestana, Luciana Peres, Marcos Pinheiro, Ana e Helena Resende, Cristina Campos e Fernanda Carvalho, Gutje Woorthman, Virginie Rio Branco, Alex de Seabra, , Cristiano Menezes, Patrícia Ribeiro, Iriam Rocha Lima, Emerson Rodrigues e Pedro Pedreira, Sítio Roberto Burle Marx, Casa das Ruínas e a todos os entrevistados, pela paciência e generosidade.

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

Caseiro com ambição

Rodrigo César sonha alto com a repercussão mundial de sua banda, a Grenade

O paulista **Rodrigo César**, 27 anos, está quase fechando uma turnezinha americana para divulgar o terceiro e recente trabalho, *Short Wave Young Love Kingdom*. Rodrigo é o nome por trás do Grenade, destaque na cena underground brasileira e sucesso entre a crítica. Foram cinco anos tocando na banda pirracicabana Killing Chainsaw, que lançou, na primeira metade dos 90, dois álbuns vagando entre influências de Sonic Youth, Helmet e Nirvana. A banda foi se dissolvendo e Rodrigo, casado e já morando em Londrina (PR), seguiu outro caminho. Em 1996, ganhou um gravador caseiro, instalou um software em seu computador e fez *A Child's Introduction To Square Dancing*, uma demo que só passou a ser comercializada porque os amigos pediram muito. O segundo trabalho, *Grenade... Is An Out Of The Body Experience*, teve outro tratamento. "Sentei e pensei o disco", revela Rodrigo, que depois de contatos pela Internet, teve sua obra lançada nos EUA e na Europa pelo pequeno selo Duckweed Records, de Seattle. O som do Grenade é basicamente inspirado em música folk e psicodelia. Apesar da afinidade com Sparklehorse e Will "Palace" Oldham (queridos alternativos do folk americano atual), o homem-granada tem gurus maiores: "Neil Young foi fundamental em tudo o que já fiz", Rodrigo, que agora está compondo com o parceiro guitarrista Eric, espera um dia poder gravar sofisticadamente, saindo do esquema "caseiro" ao qual está preso. "Tenho Brian Wilson na cabeça", finaliza.
Contatos: Tel. (43) 328-5155;
site: http://grenademusic.tripod.com

MPB com lirismo

Em 1991, o carioca **Guilherme Cortes**, 30 anos, criou uma banda que misturava rock e MPB, o Dom Quixote. Demorou um pouco, mas ele percebeu que sua praia era mesmo a MPB. Acompanhado do violonista Mauro Vieira, montou um repertório autoral em que pode destacar sua voz, de rara afinação. Ao lado de composições próprias, incluiu novos arranjos sem sacrilégio para clássicos como "Ligia" (Tom Jobim) e "A Flor E O Espinho" (Nelson Cavaquinho). Na primeira, ousou inserir toques pop sem o habitual massacre na harmonia que costuma acontecer em iniciativas semelhantes. Depois de fazer apresentações por lugares sofisticados do Rio, teve sua nova fase registrada no CD Guilherme Cortes, lançado em 1999. "A música atual anda muito brutalizada. Falta lirismo, aquela coisa que arrepia a pele", diagnostica, coberto de razão.
Contatos: Tel. (21) 9179 5345, e-mail: guilhermecortes@infolink.com.br

Guilherme (à frente) e o parceiro Mauro: MPB pop e afinada

60+90

Essa é pra enfiar no rádio: Diego Medina (de cavanhaque) prepara o superpop do Video Hits

Das cinzas do Doiseu Mindusema nasce uma das bandas mais promissoras do Brasil: **Video Hits**. Essa é mais uma piração do gaúcho Diego Medina, que ficou maravilhado quando ouviu o disco *Pinkerton*, do grupo americano Weezer, e construiu um novo trabalho. O Doiseu virou cult em certos locais (Rio de Janeiro incluso) graças à canção "Epiletico", regravada pelos conterrâneos do Maria Do Relento. Mas os sat dosos podem se alegrar. Video Hits tem bagagem pop mais apurada e, segundo Diego, "é mais maduro, menos palhaço". Formada com outros três amigos, mais as backing vocals Carla e Paula, a banda, que originalmente se chamava Grupo Musical Jerusalém, está em estúdio finalizando o primeiro CD independente. Seria uma bênção poder ouvir "Vole" ou "Sentido Anti-horário" numa FM roqueira. "Nossa ideia é pegar melodias sessentonas e dar a cara dos anos 90 a elas, como o Super Furry Animals (*quinteto galês de projeção na cena britânica*) faz", comenta Diego. O nome Video Hits? Foi tirado daquelas coletâneas anunciadas em TV com músicas dos anos 80 que a gente costumava dançar em bailinhos. Como nos achamos os anos 80 horríveis em todos os sentidos, fizemos a homenagem às avessas." **Contatos: Tel. (51) 332-6358 ou (51) 332-9635; e-mail: medinabu@ez-poa.com.br**

Rock sem poesia

Presos ao idioma inglês, os gaúchos do Red Eyes gravaram para lançar seu novo trabalho

A banda paulistana **Red Eyes** está naquela sinuca de bico que muitas bandas que passam pelo Democracia acabam enfrentando um dia. Depois de investir alto para produzir um CD independente bacana (Red As Hell, de 1998, com sete músicas), conseguir divulgação – em fanzines e jornais – e fazer show pra caramba, o grupo não consegue achar gravadora para lançar trabalho novo. Eles têm dez músicas prontas que soam bem distantes do que era o som da banda há seis anos, quando foi fundada. Um trompetista e um tecladista entraram na formação e o Red Eyes virou um sexteto que mistura tendências do rock'n'roll e um pouquinho de música eletrônica. Cantar em português? "Nem cogitamos. Tem de ser um grande poeta para cantar em português", admite o baterista e letrista Artur. Contatos: Tel. (11) 260-7654; e-mail: redeyes@base.com.br

Raio-D

Um exame nas demos mais interessantes do mês

Tom Bloch

Som: Rock pop
Origem: Porto Alegre, RS
Auto-retrato: "A maior influência é rock. Fazemos um pop rock à esquerda, com bastante experimentação no estúdio. Nossa música reflete o som que gostaríamos de ouvir e é inspirada em Pixies, Radiohead e Garbage. As letras falam de relacionamentos, com uma perspectiva diferente."
Resumo crítico: A banda Tom Bloch começou como um projeto-solo de Pedro Veríssimo. Ele juntou outros quatro músicos (incluindo Rossato, da Bidê Ou Balde) e gravou as seis faixas de Demo *Deluxe*. Som sério que destoa do bom humor que vem fazendo sucesso no Sul.
Produção: Excelente
Contatos: Tel. (51) 331-2377; site: www.tombloch.com

Phunky Buddha

Som: Funk rock
Origem: Florianópolis, SC
Auto-retrato: "Fazemos um funk rock com alguma coisa de música lat na no meio. É bem setentão, pois gostamos muito de Led Zeppelin, Parliament Funkadelic, Carlos Santana, Tim Maia, Jimi Hendrix. Falamos sobre o indivíduo, com um quê de misticismo, uma loucurinha."
Resumo crítico: Essa é uma das bandas com maior público em Santa Catarina. Em quatro anos de história, conseguiram um repertório bastante grande, além de tirar covers do Red Hot Chili Peppers ao vivo.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (48) 234-7522; e-mail: phunkybuddha2001@hotmail.com

Verbase

Som: Guitar rock
Origem: Ubá, MG
Auto-retrato: "É um rock básico, de guitarra forte e letras doces e ácidas. Ouvimos Beatles, Byrds, Teenage Fanclub, Blur, Legião Urbana. Estamos compondo em português porque está rolando uma aceitação, vide o caso dos Los Hermanos. Dizem que 2000 vai ser o ano do rock e, cantando em inglês, não teríamos campo."
Resumo crítico: A demo *Quase Desespero* marca a virada de mesa da banda Bughouse. Deixou pra trás o nome e as letras em inglês, virou Verbase e já sonha alto.
Produção: Regular
Contatos: Tels. (32) 9962-1679 ou (32) 213-8390; e-mail: verbase@zipmail.com.br

ALMANAQUE ABRIL 2000 EM CD-ROM. A MAIS ATUALIZADA FONTE DE PESQUISAS DO PAÍS E A UNICA COM UM OLHAR 100% BRASILEIRO.

Crítica

Abóboras novamente selvagens

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Billy Corgan põe a chatice de lado e recoloca os **Smashing Pumpkins** no bom caminho do rock

SMASHING PUMPKINS
Machina/The Machines Of God (8)

É fato: ninguém suporta mais Billy Corgan. Mas chegou a hora de dar ao sujeito mais uma chance. Ou o incompreendido do rock (para ele), ou simplesmente um dos sujeitos mais chatos já forjados pela música pop (para muitos), o negócio é que agora ele devolve os Smashing Pumpkins ao panteão das bandas bacanas com este *Machina/The Machines Of God*. O novo CD do grupo de Chicago recupera a veia rock'n'roll extraviada pelo insosso *Adore*, disco que se perdeu em algum lugar entre o insuportável pastiche do dinossáurico progressivo e uma malsucedida tentativa de flertar com a eletrônica, naufragada pela chatice.

Se você não der bola para a megalomania de Corgan nem levar em consideração a baleia em forma de álbum que foi *Adore*, este *Machina* é uma coleção de inspiradas canções que faz renascer os velhos Pumpkins. Lembra daquela banda americana de um indie metal violento e cheio de riffs que em sua trajetória já foi excelente promessa (*Gish*, 1991), fez Chicago ser lembrada em meio ao furacão de Seattle (*Siamese Dream*, 1993) e foi às massas com o CD duplo mais vendido da história (*Mellon Collie And The Infinite Madness*, 1995)?

Este trabalho tem peso. Um roteiro para se chapar com o novo disco é ir direto para a faixa 7, "Heavy Metal Machine", barulheira séria, e depois para a 9, "The Imploding Voice", impressionante compilação de tudo o que os Pumpkins já fizeram de bom. Pronto.

Você já está dentro do bizarro mundo de Billy Corgan e nem precisou se entregar aos hits programados do album, as boas "The Everlasting Gaze" e "Stand Inside Your Love".

Há também, claro, as baladas. E aí tome "The Sacred And Profane" e "Try, Try, Try", embalinhos dançantes para quem se encontra estatelado na sarjeta amorosa. Uma das virtudes de Corgan é essa mesmo: usar sua voz esganiçada para falar ao coração. *Machina/The Machine Of God* recoloca os Smashing Pumpkins em seu devido lugar, ou seja, de volta ao rock sem empolação. Tudo bem que seus hits vão ser esmagados pelas rádios e os clipes vão ser exibidos à exaustão pela MTV. Mas também vão fazer muita garotada aumentar o volume quando tocarem as citadas faixas 7 e 9. É um disco que, quando é bom, é muito bom.

Lucio Ribeiro

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista.

Fogo esquecível

VÁRIOS
Woodstock 99 ⑥
Sony Music

Entre todos os produtos caça-níqueis ligados ao festival que comemorou os 30 anos do primeiro Woodstock, este CD duplo é o mais divertido. São 32 faixas e 32 artistas. No primeiro disco, o vermelho, estão os artistas mais chegados ao rock pesado: Metallica (numa arrepiante versão de "Creeping Death"), Megadeth ("Secret Place") e Bush ("Zen"). A coisa até vai bem, a maioria das bandas segura a peteca ao vivo e tem boa nota no quesito popularidade – como se verifica na faixa de abertura, "Blind", do Korn. No entanto, artistas com tendência à repetição (Rage Against The Machine, Limp Bizkit, Kid Rock) provocam bocejos. O saldo só fica bom graças à competência de bandas como os Chili Peppers (tocando "Fire", de Hendrix). Curiosidade de gosto duvidoso: uma faixa mostra um funcionário do festival pedindo para o povo colaborar com os bombeiros.

O segundo CD é o dos artistas mais calminhos, e isso em muitos casos significa chatice. A farra instrumental da Dave Matthews Band é bem melhor para quem os está assistindo *in loco* (como comprovado nos ótimos shows do Free Jazz de 1998), mas Jewel, Jamiroquai, Everlast e outros são assim mesmo. O genial Brian Setzer aparece em... "Rock This Town" (como se seu repertório não tivesse outras músicas). Escapam poucos, como Elvis Costello (com "Alison") e os Chemical Brothers ("Block Rockin' Beats"), ainda que fora de contexto. Seria melhor lançar os CDs separadamente...

Bernardo Araujo

FIONA APPLE
When The Pawn Hits... ⑥
(Epic/Sony)

Complicada e talentosa brilha menos em novo CD

A indústria fonográfica dos EUA andou dando uma de Martinho da Vila e procurou "em todas as mulheres a felicidade". Teve mulheres de todas as cores, tamanhos (inclusive do sapato), sabores, mulheres-cabeça e desequilibradas... Fiona pertencia à última categoria quando surgiu, em 1996. Isso não tirava o brilho do álbum *Tidal*, em que a mocinha mostrava ser o talento mais musical da geração Alanis. Aos 21 anos, ela continua imatura, como prova o título pseudopoético e quilométrico do CD (transcrevê-lo ocuparia o espaço de toda esta resenha). Bom piano, voz segura, segue bem acompanhada pelo produtor Jon Brion. Infelizmente a safra de composições não tem nada tão forte quanto "Shadowboxer", de *Tidal*, mas Fiona mostra que ainda vai perturbar por muito tempo.

Pedro Só

MUSE
Showbiz ⑥
Maverick/Warner – IMPORTADO

Enquanto o novo disco do Radiohead não vem...

Não, não é um disco-homenagem à nossa revista predileta, trata-se da estréia do Muse, um trio inglês que anda sendo endeusado por lá. Os ingleses têm essa estranha mania de achar um novo Echo And The Bunnymen ou Radiohead a cada semana. A bola da vez é o Muse. Não que a banda não mereça; o disco tem umas musiquinhas bacanas, mas é cedo para tanta euforia. O Muse bebe na fonte do Radiohead; às vezes mete umas guitarras à Nirvana no meio. Batizemos o troço de "grunge sensível". *Showbiz* é um bom CD, mas está longe de ser especial como os cologuinhas britanicos sugerem. É uma boa banda, só isso. Um pouco derivativa demais para ser original e importante (qualquer ouvido mais atento perceberá influências de T-Rex e outros tiozões glam rock) e que precisa de mais ousadia.

André Barcinski

MAURÍCIO NEGÃO
Eletrônica Madamelândia ⑦
Astropop

Pop inteligente e repleto de referências

Figura carimbada do underground carioca, o guitarrista e vocalista Maurício Negão surpreende neste segundo álbum e se diz influenciado por Jimi Hendrix, Sly Stone e Living Colour, mas seu som também traz um quê de Rappa e Lenny Kravitz, com sutis toques eletrônicos ("loops rítmicos e samples feitos em casa"). Nas letras, o discurso fora-da-lei/cotidiano pode parecer meio confuso, mas o geral funciona bem. Há boas sacadas em "Zé Que É Preto" Eletrônica Madamelândia lembra para quem não pescou a referência a "Electric Ladyland", de Hendrix) e "Casa Azul (Portão Preto)" sobre uma dívida de drogas paga com sangue. Maurício em Falcão precisa apenas filtrar o excesso de idéias.

Wagner Filho

MOPHO
Mopho ⑦
Baratos Afins

Psicodelismo do bom (re)pescado em Alagoas

É prática corrente no exterior bandas buscarem inspiração nos anos 60 e trazê-la ao Brasil esse ferramental colorido. Surpreende, portanto, a seriedade do pop psicodélico da banda Mopho, ainda mais pelo fato de eles serem de Alagoas, um estado com pouca tradição no rock. Os garotos do Mopho honram suas influências de Mutantes e Beatles, abusando do bom gosto seja nas frases de órgão de garagem seja nos arranjos "de época". São perceptíveis, ainda, referências ao power pop e ao rock brasileiro do começo dos anos 70, como nas faixas "A Geladeira" e "Musa Sobre A Cabeça". A estréia do Mopho só carece de uma produção mais requintada. Com mais apuro técnico na reconstituição de timbres e texturas, daria para ganhar o mundo (já que aqui o revisionismo antenado deles provavelmente não terá espaço nas rádios).

Sérgio Barbo

MUDHONEY
March To Fuzz: Rarities & B-Sides ⑨
Sub Pop – IMPORTADO

O grunge morreu: vamos beber para valer!

O Mudhoney veio antes do grunge, do Nirvana, dos anos nojenta a ponto de ver triunfar nulidades como o grupo de Seattle parece que perdeu o gosto e se despede do mundo com este CD duplo que traz o melhor do rock de garagem bêbado, chorando breu na fazendo besteira. Oligofrenias geniais Raridades? Covers de Angry Samoans, Black Flag, Motorhead, um Elvis Costello com tesão (antes de virar um fanho famoso), tem até "Editions Of You", do Roxy Music, cuspidaestuprada. Desculpe os erros, mas qualquer resenha sobre o Mudhoney deve ser escrita sob o efeito de pelo menos seis doses de um destilado bem barato.

P.S.

Alma de veludo

SMOKEY ROBINSON
Intimate ⑥
Motown/Universal – IMPORTADO

Certos artistas da soul music nasceram com o sagrado dom da alquimia: transformam frases banais em metal precioso. Um dos grandes nomes do gênero é William "Smokey" Robinson, um senhor de 56 anos, boa parte deles dedicados a compor pérolas do cancioneiro americano. Smokey é o mentor de grandes frases, como "eu tenho mais mel do que as abelhas em sua colméia" (de "My Girl", gravada pelos Temptations) ou "meu homem pode não ser um astro do cinema, mas para mim ele é o máximo" (de "My Guy", cantada por Mary Wells), que são ouro e platina do cancioneiro americano.

A tendência para a melosidade se confirma neste *Intimate*, novo lançamento do cantor. São 12 faixas em que ele declara amor eterno a uma musa que "o completa como manteiga na bolacha". O romantismo tem até rompantes latinos, como se observa na faixa "Tu Me Besas Muy Rico". As letras poderiam estar no repertório de uma Mariah Carey. O que separa Smokey de outros astros americanos de terceira é a força de suas interpretações. O homem tem a força, uma voz de soprano que derrubaria até as Muralhas de Jericó. Possui ainda outro dom: mostra aos artistas da sua geração qual o rumo a seguir. Foi assim com o disco Quiet Storm, de 1975, que estabeleceu as regras do R&B moderno.

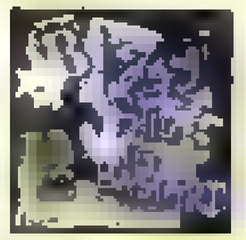
Intimate é um trabalho bonito, apesar dos problemas de produção. O álbum foi bancado pelo próprio Smokey e depois adotado pela Motown, que fez muito pouco para melhorar a qualidade do som. Não há nada que lembre os elevados padrões de excelência da gravadora, está mais para os imitadores baratos de Smokey Robinson. Há um excesso de baterias eletrônicas e um saxofone de motel a percorrer boa parte da canção "Feeling Flowing". Mas o cantor ainda é capaz de boas sacadas – casos de "The Bottom Line" e da faixa-título – em meio à enxurrada de bregarias.

Sérgio Martins

Maracatu com funk, a receita sonora do Bloco Vomit

Regurgito saboroso

BLOCO VOMIT
Play This Ya Bastard (8)
Trama



Mangue beat, samba e punk? Essa mistura inusitada existe e deu certo. Mas não pense que foi uma banda de algum canto do Brasil que teve a idéia. A mistura vem de Glasgow, Escócia. A terra do Bloco Vomit é conhecida por ser um dos lugares no Reino Unido com o maior número de escolas de samba e por ter até hoje uma grande concentração de punks fiéis às origens do movimento. Somou dois mais dois? O Bloco Vomit fez melhor: multiplicou tudo, criando o "samba punk".

Play This Ya Bastard é o segundo disco da banda e o primeiro a sair no Brasil. Formado por dez escoceses de codinomes tão esdrúxulos quanto The Chocolate Kama Sutra, Lady Lovelace, Zen O'Phobia, Annie Climax e Carlos O Chacal, o Bloco Vomit se prepara para mostrar ao Brasil seu show de altas doses teatrais em uma excursão que vai do Oiapoque ao Chuí, ou melhor, de Recife (como uma das atrações do Abril Pro Rock) a São Paulo.

Esse disco tem um som mais limpo e melhor produzido que o primeiro, *Never Mind The Bossa Nova, Here's Bloco Vomit*. O novo trabalho tem covers de "California Über Alles" e "Wild Thing", entre outras, além de duas músicas inéditas compostas pelo grupo, os maracatus-punk "Methadone Maracatu" e "Carnival In Olinda". Essa última é o destaque do disco, mostrando que o grupo está em ponto de bala, para apostar em composições próprias de agora em diante. Com influências que variam de Chico Science a New York Dolls, o crossover do Bloco Vomit soa originalmente fresco como poucas coisas na música atual.

Luciano Vianna

Na onda do batuque-cabeça

SHOWBIZZ: De onde veio a idéia de misturar samba com punk?
Carlos O Chacal: Os dois estilos têm muita energia. Eu sou um punk das antigas, desde 1973, quando vi os New York Dolls tocando. Depois de ter conhecido o samba me pareceu natural misturar as duas influências, tinha tudo a ver.

Porque vocês esperaram tanto para gravar material próprio?
Mr. E. Beat: Tínhamos vergonha de tentar isso antes...
Carlos O Chacal: Preferimos direcionar toda nossa energia criativa para desenvolver a base rítmica que queríamos e adaptá-la à estrutura original das músicas que íamos tocar.

O que estão esperando da turnê brasileira?
Mr. E. Beat: Particularmente, espero que possamos arrebentar no Abril Pro Rock e que o resto dos shows da turnê lote. Também pretendemos gravar um disco que consiga chegar à primeira posição das paradas brasileiras!

PRIMAL SCREAM
XTRMNTR
Creation – IMPORTADO (10)

Volta perfeita dos ingleses que hipnotizaram o rock

O Primal Scream acaba de lançar o primeiro grande álbum do ano 2000: *XTRMNTR* (a palavra "exterminator" sem as vogais). Com o auxílio de convidados como Kevin Shields (ex-My Bloody Valentine), Chemical Brothers e Bernard Sumner (New Order), Bobby G. e cia. condensaram suas experimentações numa obra que aponta para o futuro sem rancor do passado. "Kill All Hippies" tem guitarras distorcidas, samplers bem sacados e barulhinhos que trazem novas descobertas a cada audição no fone de ouvido. "Accelerator" é puro punk rock moderno, com avassaladoras camadas de guitarras. "Swastika Eyes" aparece em duas versões, uma delas remixada pelos Chemical Brothers. É techno/trance da melhor qualidade. O jazz eletrônico de "Blood Money" tem como destaques a linha de baixo hipnótica e os sopros estonteantes. "MBV Arkestra" é a música que Kevin Shields estava devendo há muito aos fãs do My Bloody Valentine (o tal MBV do nome da música). É um caldeirão de influências, que mistura o free jazz de Sun Ra, psicodelia, Miles Davis e uma orquestra de guitarras distorcidas tocadas ao mesmo tempo. Fechando o disco, "Shoot Speed Kill Light" com a guitarra endiabrada de Bernard Sumner (New Order) no meio de muito barulho e a voz de Bobby Gillespie passeando suavemente pelo título da música. A julgar por este disco, teremos um grande ano, pelo menos musicalmente.

Valeria Rossi

KHALED
Khaled (9)
(Barclay/Universal)

Pop sem silicone, um exercício do balanço mouro

Considerado o rei do raï (o pop da Argélia), Khaled lançou este álbum na Europa e nos EUA em 1992. Listado por SHOWBIZZ entre os cinco melhores da década passada na categoria world music, o trabalho tem ... faixas produzidas pelo americano Don Was. Farofa? Pode ... o camelinho do deserto, ... não comporta esse tipo de palha: é um gênero pop e híbrido por definição. Quem gostava de "El Arbi" (trilha do ... da Feiticeira na TV e motivo do lançamento deste CD no Brasil) poderá se deliciar com nove outras faixas com grooves mesclados ... variados. Som muçulmano, baixos reggae ... enfeitados por arabescos percussivos, guitarras ibéricas, tudo bem acabado e ... muito cool.

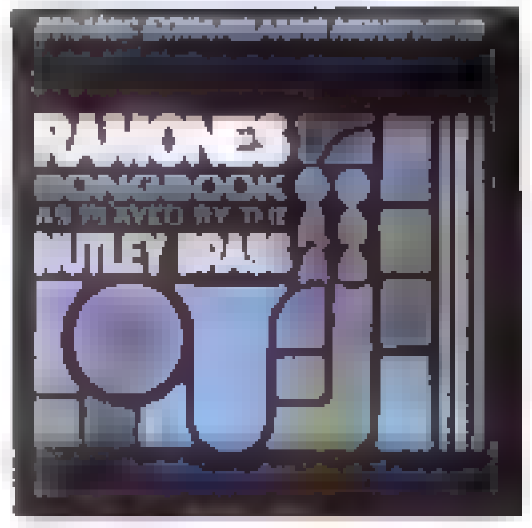
Pedro Só

CULTURE CLUB
Don't Mind If I Do (5)
Virgin

O carma de ser um bicho dos anos 80

Depois de quinze anos fechado, o clubinho de Boy George reabre sem nada de novo para mostrar. Já na primeira faixa, "I Just Wanna Be Loved", pode-se ouvir ecos de "Do You Really Want To Hurt Me", hit da banda nos anos 80. Música após música, *Don't Mind If I Do* entra por um ouvido e sai pelo outro sem despertar reações. Culpa da produção bem-feitinha, da orquestra competente e dos toques dietéticos de reggae que ponteiam o álbum. Em "Black Comedy" o balanço latino quase faz a coisa decolar. Mas logo vem a versão insossa de "Starman", de David Bowie, para mudar a trajetória. A coisa mais emocionante do disco é ironicamente, o encarte. Nele, Boy George fala sobre o fim de seu romance com o baterista Jon Moss, faz militância homossexual "básica" e ainda esculhamba os desafetos. Pena que não tenha traduzido isso em música.

Andrea Estevam



NUTLEY BRASS
Ramones Songbook (8)
Medicine – IMPORTADO

Melodias punk em traje de gala

Ramones Songbook traz músicas do quarteto nova-iorquino em versões lounge, a anos-luz dos originais. As canções revelam que, por trás da tosqueira punk, os Ramones sempre ostentaram uma riqueza melódica sem igual entre seus pares. São versões quase circenses, com metais, xilofones e barulhinhos variados que fariam a festa em qualquer desenho animado, como em "Teenage Lobotomy", "Blitzkrieg Bop" ou "Rock'N'Roll High School". O próprio Joey Ramone atesta a qualidade do produto, rasgando elogios no encarte do disco. E você sabe: o que esse homem diz é tido como verdade absoluta, pelo menos no Brasil e na Argentina.

Emerson Gasperin

Becker e Fagen, de volta com a boa e velha fórmula

Pop sem afetação

STEELY DAN
Two Against Nature (9)
Giant/BMG

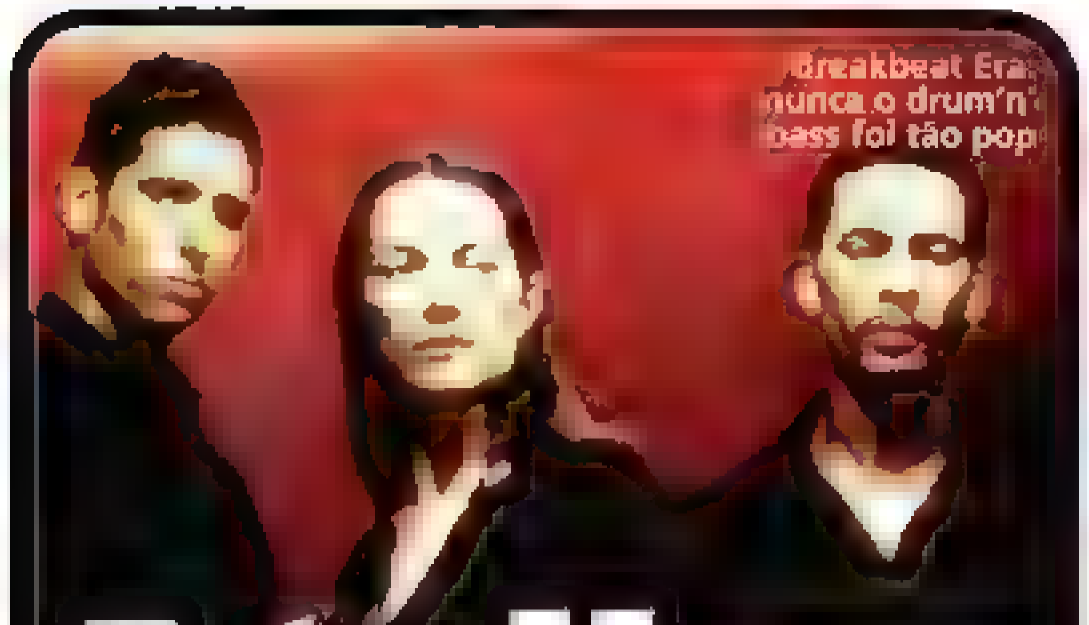
Felizmente, o pop não é feito apenas de bandas inglesas cheias de bichinhas esqualidas, nem de mocinhas mal-amadas e psicologicamente instáveis. Ainda há espaço para a boa música, com harmonia, melodia e ritmo, dentro do segmento.

É aí que se encaixa a dupla Steely Dan. Depois de 20 anos longe dos estúdios, Donald Fagen (voz, teclados) e Walter Becker (voz, baixo) resolveram voltar a gravar juntos e, ao lado de excelentes músicos de estúdio, fizeram este *Two Against Nature*, rigorosamente igual a *Gaucho* e *Aja*, os melhores discos deles.

Pois não inovar é justamente o mérito do Steely Dan. Em vez de apelar para batidas eletrônicas, guitarras estridentes ou vocais exagerados, Becker e Fagen continuam fazendo o saboroso feijão-com-arroz de sempre: cama de teclados acoplada a bons sopros, com batidas funkeadas e variações harmônicas jazzísticas gostosamente intrincadas, tudo ligado a letras irônicas.

A faixa-título do CD, uma divertida valsa/jazz sobre dois caras que gostam de contrariar as leis, traz arranjo com um naipe de saxofones passeando por escalas dissonantes. A fusão jazz/blues/rock, outra característica marcante do som do Steely Dan, aparece em "Jack Of Speed", enquanto "Gaslighting Abbie" nada mais é do que um baião. Resumindo: este *Two Against Nature* é Steely Dan puro. Uma verdadeira delícia sonora, sem contra-indicações.

Toninho Spessoto



Breakbeat Era: nunca o drum'n'bass foi tão pop

Atalhos para a selva

BREAKBEAT ERA
Ultra-Obscene (9)
XL Recordings/Roadrunner

APHRODITE
Aphrodite (9)
GeeStreet/V2 – IMPORTADO

Verdade seja dita, apesar de vários artistas já estabelecidos estarem apelando para o drum'n'bass para tentar varrer o anacronismo de suas carreiras, o ritmo ainda faz pouco barulho longe do gueto. *Ultra-Obscene*, disco de estréia do trio inglês Breakbeat Era, é peça importante para estreitar as relações entre o estilo e o pop. Lançado em 1999 (e só agora chegando ao Brasil), o álbum ensina o que é drum'n'bass sem chocar o calouro – cortesia da vocalista Lennie Laws. Em um ritmo no qual colocar voz significa perigo, ela teve a manha de encaixar belas melodias entre batidas irregulares. Quando o sujeito nota, está cantarolando "Anti-Everything" e a música-título como se fossem uma "Anna Julia" da vida. OK, OK, exagero. Mas que dá para sacar a hora em que vai entrar o vocal ou o refrão, como nas boas e previsíveis canções radiofônicas, lá isso dá. Os DJs Roni Size e Die, que completam o trio, garantem a qualidade das batidas e a gravidade da situação sem nunca perder de vista o bem-estar do ouvinte.

O clube dos DJs acessíveis ganha outro sócio com Aphrodite. O inglês Gavin King (seu nome) tempera o drum'n'bass com hip-hop – em 1997, ele já havia unido as duas forças em um remix para o Jungle Brothers. Dois anos depois, seu primeiro CD vem recheado de balanços sinuosos e referências à black music e à cultura de rua. Do baixo de "B.M. Funxster", surrupiado do clássico "For The Love Of Money" (do O'Jays), à profusão de scratches de "King Of The Beats", tudo aponta novos rumos para o rap. O drum'n'bass vai junto, nas lenhas "Stalker" e "Style From The Dark Side". Um amigo meu vive dizendo que o drum'n'bass será o gangsta rap de amanhã. Olha, não é impossível.

Emerson Gasperin

LAZZO
Nada De Graça (7)
Sons da Bahia/WEA

Eterna promessa baiana mostra força no reggae

Uma das melhores vozes da Bahia e dono de uma carreira fonográfica bastante irregular – iniciada há quase duas décadas –, o competente Lazzo faz a coisa certa no seu quinto álbum. A confluência musical de quem foi puxador do bloco afro Ilê Ayê e ouviu muito Marvin Gaye e Bob Marley espalha-se, devidamente suingada, por praticamente todo o disco. O repertório é de primeira linha, com destaque para "See You" (reggae romântico), "Estação Alfa", "Kindala" (soul funk composto em parceria com o poeta Capinan) e "Coração Rastafari". Dispensável mesmo era regravar "Charlie Brown", de Benito D. Paula em levada de reggae: ele poderia ter colocado coisa muito, mas muito melhor no lugar.

Hagamenon Brito

TYPE O-NEGATIVE
World Coming Down (8)
Roadrunner

Sonho dourado de qualquer suicida em forma de música

Depois do fracasso com discos influenciados, entre outros, por Cocteau Twins, o quarteto Type O-Negative volta à mistura de Black Sabbath com a depressão gótica que o tornou famoso em todo o mundo. E o resultado é bom, principalmente para quem pretende se matar: "Everyone I Love Is Dead" ("Todos Que Amo Estão Mortos"), "White Slavery" e "Creepy Green Light", além da faixa-título, estão entre as melhores. O som de guitarra saturado de eletrônica às vezes enche o saco, mas belos dedilhados e arranjos sinfônicos de teclados compensam quase tudo. No final, o ouvinte é brindado com um medley dos Beatles (incluindo "Day Tripper", "If I Needed Someone", "I Want You (She's So Heavy)", que bem poderia ter sido assinado pelo Cramulhão em pessoa.

Bernardo Araujo

VÁRIOS
The Blair Witch Project – Josh's Blair Witch Mix (7)
Gold Circle/Roadrunner

***Rocky Horror Show* para góticos destemidos**

Esta trilha traz uma seleção de músicas que estariam num cassete encontrado junto aos pertences dos jovens desaparecidos durante as investigações sobre a tal bruxa – ou "fenômeno". Da abertura tenebrosa com "Gloomy Sunday" (da musa da new wave, Lydia Lunch) ao encerramento com "The Cellar" (do autor da trilha, Antonio Cora), o que se escuta é de deixar orelhas e cabelos em pé: há desde a sintomática "The Order Of Death" (PiL), até góticos (Bauhaus, Tones On Tail), industriais (Skinny Puppy, Laibach) e grupos grunge (Afghan Whigs, Type O-Negative), em canções versando sobre medo, paranóias e assombrações. Para completar, o CD traz uma faixa interativa, com cenas assustadoras do filme.

Celso Pucci

VÁRIOS
Lounge-A-Palooza (8)
Hollywood/Roadrunner

Música de elevador em abordagem criativa

A grande sacada aqui é reunir ícones do lounge e bandas modernas em repertório com clássicos do pop e rock contemporâneo, com arranjos para coquetel. Estão aqui pérolas como "Mucissart", do maestro Juan Esquivel, com a banda Combustible Edison e o próprio autor, "This Guy's In Love With You" (Burt Bacharach) com o Fastball, e a dupla japonesa Pizzicato Five recriando "Garota de Ipanema". Entre as melhores faixas são "I'm Not In Love", do 10CC, com o Fun Lovin' Criminals, e "Black Hole Sun", hino do grunge do Soundgarden, numa releitura de dois ídolos da casa, Steve Lawrence & Eydie Gorme, popularíssimos três décadas atrás. Gostoso de ouvir, de preferência acompanhado por uma boa bebidinha.

Toninho Spessoto

MÔNICA SALMASO
Voadeira (10)
Eldorado

MPB sem contra-indicações e com uma grande voz

Com seu segundo álbum-solo, a paulista Mônica Salmaso inclui-se na galeria das melhores cantoras brasileiras. Com uma bela voz de contralto e bastante maturidade, ela se apropria das músicas e lhes dá novas feições, como na morna (gênero nostálgico do Cabo Verde) "Canto Em Qualquer Canto" (Na Ozzetti/Itamar Assumpção), no xote "A Violeira" (Tom Jobim/Chico Buarque) e no clássico praieiro "O Vento" (Dorival Caymmi). Aqui não existe espaço para o ecletismo banalizado, síndrome que, involuntariamente, Marisa Monte provocou a partir do final dos 80, quando iniciou a carreira. Mônica tem marca própria. Sua versão afro-samba para "Ilu-Ayê (Terra da Vida)", do repertório de Clara Nunes, é coisa de artista segura que prefere a sobriedade ao exibicionismo.

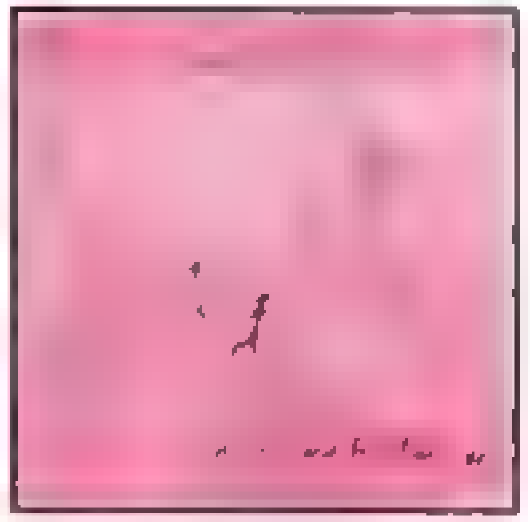
Hagamenon Brito

VÁRIOS
Man On The Moon (5)
Warner/WEA

R.E.M. é destaque em trilha sonora irregular

Andy Kaufman foi um comediante tão polêmico e cheio de excentricidades que só poderia terminar sendo biografado por Hollywood, com Milos Forman na direção e Jim Carrey no papel central. A trilha do filme *Man On The Moon*, que relata a saga do tal humorista – que foi amado por muitos e odiado por outros tantos por sua fama de arruaceiro e morreu de câncer em 1984 – saiu no Brasil antes mesmo que o filme ganhasse título em português. O motivo? Provavelmente, as músicas do R.E.M. presentes na trilha. A banda de Michael Stipe já havia homenageado Kaufman na sublime "Man On The Moon", sucesso do álbum *Automatic For The People*. O problema é o seguinte: a melhor música sobre o tema é a de um sujeito que viveu o personagem Latka Gravas na sitcom americana *Taxi* entre 1978 e 1983 (e que é exibida no Brasil pelos canais a cabo Sony e Multishow) já estava escrita e dá nome ao filme. Ela está na trilha sonora, claro – até em versão orquestrada. E não precisa ser fã de R.E.M. para tê-la ouvido pelo menos um milhão de vezes.

José Flávio Junior



JOE STRUMMER & THE MESCALEROS
Rock Art And The X-Ray Style (6)
Hellcat – IMPORTADO

Ex-líder do Clash, sempre na sombra do passado

Não há o que discutir, o legado do Clash é grandioso – do Public Enemy ao Rage Against The Machine, todos os roqueiros engajados curtiram (muito) e citam (sempre) suas músicas. Ser – como eles se autoproclamavam – "a única banda que importa", porém, custou um preço muito alto na carreira do líder Joe Strummer. Quando o Clash acabou, ele estava amarrado a um contrato para lançar cinco álbuns pela Columbia, hoje Sony. Foi preciso essa opção caducar para que Strummer finalmente retomasse a carreira. Depois de um disco-solo mal recebido, lançado em 1989, ele volta agora por uma gravadora independente de ska punk, comandada por ninguém menos que seu melhor imitador: Tim Armstrong, do Rancid. O álbum até lembra os dias de glória. São as mesmas letras raivosas e flertes assumidos com ska e reggae. Mas estamos no ano 2000 e a faixa "Techno D-Day" fala de um certo DJ Strummer lutando contra a lei numa rave. O que só faz aumentar ainda mais a saudade de "I Fought the Law"...

Marcel Plasse

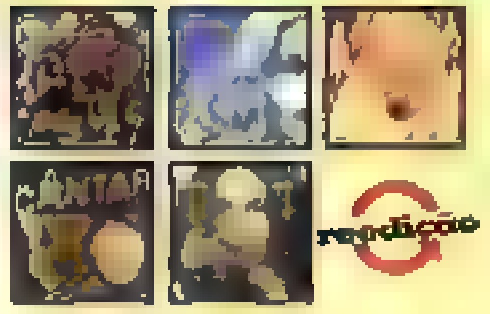
PERRY FARRELL
Rev (5)
Warner – IMPORTADO

Só duas inéditas no novo do ex-Jane's Addiction

É chato dizer isso, mas Perry Farrell vem jogando pelo ralo sucessivas oportunidades de virar um verbete nobre na História do Rock. Em 1990, quando saiu *Ritual De Lo Habitual*, do Jane's Addiction, ele poderia deixar a cena no auge. Não surpreenderia ninguém se a qualquer momento o vocalista Farrell tivesse uma overdose e entrasse na galeria dos jovens ídolos que não aguentaram a pressão dos escusos interesses multinacionais. Mas ele sobreviveu para criar o Lollapalooza, um dos emblemas da década passada. Sobreviveu também ao fim do festival, em 1997, sem nenhum conflito ou retaliação, apesar da dinheirama envolvida – e deixou passar a chance de se tornar um mártir da cultura alternativa, imolado em nome de escusos interesses multinacionais. Sem função e sem banda (o último disco de seu grupo Porno For Pyros, *Good God's Urge*, é de 1996) intensificou seu comprometimento com causas ecológicas e humanitárias – e nunca foi ameaçado por grupos terroristas a serviço de escusos interesses multinacionais por isso. Agora, reaparece com *Rev*, nada mais que uma compilação de músicas de suas duas ex-bandas acrescida de duas inéditas (a faixa-título e uma risível versão drum'n'bass de "Whole Lotta Love", do Led) e temas para o cinema ("Hard Charger"). Como das outras vezes, o único perigo que Farrell corre é esquecer um baseado aceso e incendiar sua casa em Venice Beach.

E.G.

A verdadeira baiana



GAL COSTA
Gal (7)
Legal (8)
Índia (9)
Cantar (9)
Gal Canta Caymmi (8)
Mercury/Universal

O MusiClub esta relançando toda a discografia de Gal Costa – 29 CDs –, incluidos ai titulos raros e há muito fora de catálogo que mostram a cantora em sua melhor fase. *Gal* (1969) é seu disco mais experimental, com arranjos ousados de Rogério Duprat e repertorio eclético que inclui "Cinema Olympia" (Caetano Veloso), "Tuareg" e "País Tropical" (ambas de Jorge Ben), esta última com Gil e Caetano nos vocais. *Legal* (1970) é outro disco marcado pelo ecletismo, indo de "Eu Sou Terrível" (Roberto Carlos) a "Falsa Baiana" (classico do samba sincopado, de Geraldo Pereira).

A intérprete passa a explorar visualmente sua sensualidade a partir de *Índia* (1973), que traz grandes canções como "Presente Cotidiano" (Luiz Melodia) e "Volta" (Lupicínio Rodrigues). Em *Cantar* (1974), Gal atinge o auge da forma vocal e apresenta repertório exemplar, incluindo "A Rã" (Caetano/João Donato) e "Jóia" (outra de Caetano). A fase de maior sucesso comercial começa a se desenhar em *Gal Canta Caymmi* (1975), que inclui classicos como "Só Louco", "Vatapá" e "São Salvador". As vendas são feitas exclusivamente pelo MusiClub (3037-2600; www.musiclub.com.br)

Toninha Spessoto

Reedições cobrem a melhor fase da carreira de Gal Costa

THE KINKS
The Singles Collection (9)
Castle/Abril

Banda fundamental do rock em coletanea

Os Kinks são um dos mais importantes e versateis grupos ingleses, mas há quase vinte anos a boa vontade das gravadoras brasileiras para com eles não costuma passar de uma ou outra coletanea da fase mais notória do grupo, de 1964 a 1970. Pois bem, aqui está mais uma, por sinal, a primeira obra dos Kinks a sair em CD nacional. De qualquer modo, é o proverbial fruto que provoca vontade de conhecer toda a árvore. Otima oportunidade para quem ainda não ouviu "You Really Got Me", "Lola", "Waterloo Sunset", "Sunny Afternoon" e outras perolas do grupo pop que melhor sabe viajar do pesado ao suave, do irônico ao lirismo e vice-versa. Detalhes: faltam algumas faixas de compactos ingleses (... "Shangri-La"). Por outro lado, algumas gravações estão sendo lançadas pela primeira vez no Brasil, como "You Still Want Me" (razoável imitação dos Beatles) e "Wonderboy" (uma das favoritas de John Lennon). Os Kinks são fruto saboroso e chegam em boa hora ao nosso combalido mercado. Enfim, antes tarde do que mais tarde.

Ayrton Mugnaini Jr.

OCEAN COLOUR SCENE
One From The Modern (8)
Island - IMPORTADO

Rock retro dos afilhados de Tio Noel

O quarto disco dos ingleses do Ocean Colour Scene não chega a decepcionar. Ou melhor, se eles foram capazes de produzir perfeições como *Moseley Schools* e *Marchin' Already*, este album decepciona sim. Ele não é maravilhoso. Vai ficando mais gostoso a cada audição, mas não possui baladonas ou rockões tão inspirados quanto os trabalhos anteriores. O OCS faz parte de um grupo de bandas inglesas que fazem a musica dos anos 60 e 70 soar diferente, sem ser retrô como nunca se ouviu. ... quatro anos ... por Noel Gallagher, que os colocou para abrir os shows do Oasis em 1996. Desde essa época eles vêm se aproximando do guitarrista Paul Weller e aprendendo muito sobre o velho r&b. São ótimos instrumentistas e o vocalista Simon Fowler sabe contar historias envolventes. Por isso é tão prazeroso ouvir canções como "Soul Driver", "July" e "Emily Chambers". ... da preocupada em renovar o passado. Não faz na mosca desta vez, mas...

José Flávio Júnior

DR. DRE
2001 (9)
Aftermath/Universal

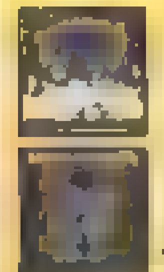
... do gangsta rap ... firma o talento

... anos 90 tiveram Nirvana ... mas é possível que um ... que pouco canta e até ... tenha gravado um disco ... uma influência mais ... Com seu antigo grupo N.W.A, Dr. Dre criou o gangsta rap ... álbum solo *The Chronic*, transformou o rap ... e desbocado na principal ... tendência musical da década ... de quebra Snoop Doggy Dogg. Se não veio nenhuma revolução em 2001 ... afirmação sete anos após ... de quanto Dre ... CD ... Snoop ... crucial para o sucesso de *The Chronic*. A dupla, que havia ... nos últimos anos, é uma das parcerias mais perfeitas do rap. Dre também investe em ... como Hitman ... Man. No ... de 1999, já ... seu toque de ... revelar ... rapper branco ... Eminem ... está no ... Dre ... para munição ... mestre ... musicais ... John ... Mas também ... desarmado ... de ... rapper ... Ao ... "The Message" ... de Mary J. Blige ... Acreditar que gangstas ... verdade ... que não soam gangsta.

Marcel Plasse

Robert Plant e Jimmy Page, artífices da pauleira seminal

Alicerces do peso



LED ZEPPELIN
The Early Years (10)
Atlantic/WEA

BLACK SABBATH
The Singles Collection (10)
Castle/Abril

Se você passou os últimos trinta anos preso ... de um ... de carvão ... como aqueles soldados perdidos numa ilha deserta que não sabem que a Segunda Guerra Mundial terminou, estes lançamentos vão ser muito ... a história de dois grupos que construíram os alicerces do rock pesado. A coletânea do Zeppelin ... traz logo nos primeiros álbuns do quarteto. O repertório foi selecionado pelo próprio Jimmy Page, ... Robert Plant, John Paul Jones e John Bonham estão aqui como arquitetos do blues pesado ... em clássicos como "Dazed And Confused", "Communication Breakdown" e "Good Times Bad Times". Para aliviar, há a belíssima folk "The Battle Of Evermore". E antes que você pergunte: tem "Stairway To Heaven", sim. E há ainda uma faixa interativa com o clipe raríssimo de "Communication Breakdown". Completando o pacote, um belo livreto com fotos e informações que vão deixar qualquer zeppelinmaníaco doido.

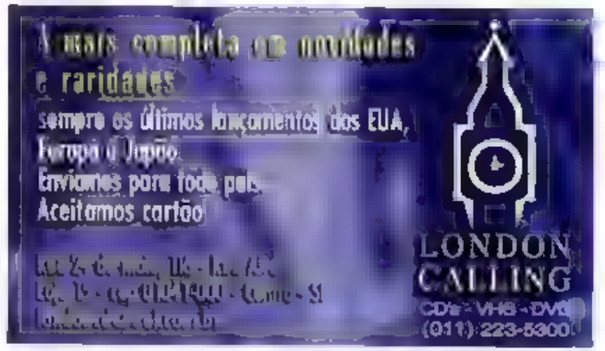
O Black Sabbath, mesmo aclamado por álbuns como *Paranoid* e *Masters Of Reality*, era uma boa banda de singles. Esta coletânea, produzida por Ozzy Osbourne e Geezer Butler, e ... estão aqui clássicos como "Iron Man", "War Pigs", "Paranoid". Não falta nada – a balada "Changes" fez mais sucesso no Brasil do que nos EUA ou Inglaterra, daí o fato de não estar nesta coletânea. O repertório foi concebido pela Castle inglesa. Musicalidade primitiva, poesia perneta, volume insuportável, acordes arrastados. O Sabbath fazia tudo isso e ainda por cima tinha a ferocidade incontrolável de Ozzy. Gostamos deles até hoje.

César Garcia

E mais...

As peruagens de Cher, uma bela coletânea com craques do rock, ska brasileiro, suingue e samba de verdade...

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
MUSIC FOR OUR MOTHER OCEAN (Hollywood/ Roadrunner)	A nata do pop/rock de hoje (Beck, Beastie Boys, Red Hot Chili Peppers), bozões de resposa (Brian Wilson, Paul McCartney) e alguns ETs.	No terceiro CD dedicado à preservação dos oceanos, com musicas onde não faltam palavras como "summer", "ocean", "surf", "sun" e "waves"	Claro! Só "Summer In The City" (hit dos anos 60 com o Lovin' Spoonful), na versão do Butthole Surfers, já vale o disco.
A MODA ANTIGA (RDS)	A banda paranaense Ska'ba, especializada em ska.	Em seu segundo disco, com participações especiais de Thaide, Alf (do Rumbora), Black Alien e Speedy.	Para os fiéis fãs do ska, com certeza. Faixas como "A Praieira", "A Patroa Liberou" e "Endividado" botam pra dançar.
GREATEST HITS (Universal/WEA)	A cantora, atriz e peruaça Cher.	Em coletânea de sucessos que vai dos tempos da dupla com Sonny Bono até "Believe", que a reconduziu ao topo das paradas em 1999.	Nem sempre. O repertório tem altos e baixos, mas "The Beat Goes On", "Love & Understanding" e "Shoop Shoop Song" se destacam do resto.
DEFICIENTE-MENTE A CAMINHADA CONTINUA (RDS)	A dupla Coban – banco, ao contrário - formada pelo DJ Mamute e pelo rapper Felix, assassinado aos 22 anos, em 1999.	Em raps barra-pesada como "Ponto de Partida" e "Kanalha Kagüeta" que retratam o submundo do crime e das drogas.	Para quem gosta, pode ser. O vocalista, ex-assaltante de bancos, fala dos problemas que teve com a polícia, em letras bem cruas.
ON THE LOOSE (Eldorado)	Flávio Guimarães, gaitista do Blues Etílicos, em seu segundo CD solo, com canjas de Charles Musselwhite (gaita) e do cantor J.J. Jackson.	Em temas próprios ("On The Loose", "Berimbau Não É Gaita") e blues clássicos ("You Was Wrong", de Freddie King).	É muito. Cercado de excelentes músicos, Flávio Guimarães vai do blues-rock aos sons do delta do Mississipi, conciliando técnica e emoção.
VERÃO DE 2001 (Lapa Discos)	A cantora mineira Titane.	Em disco com repertório variado, que vai de João Bosco ("Foi-se O Que Era Doce") ao Premeditando O Breque ("São Paulo, São Paulo").	Sim. Titane é uma grande intérprete, com bela voz e bom gosto na escolha do repertório MPBístico.
TRIBUTO A CAZUZA (Som Livre)	Barão Vermelho, Paula Toller, Ney Matogrosso, Paulinho Moska, Zeba Duncan, Engenheiros do Hawai e outras figuras de peso da MPB.	Num tributo a Cazuza, gravado no Metropolitan (RJ), com canções como "Pro Dia Nascer Feliz", "Exagerado", "Ideologia" e "Codinome Beija-Flor"	Parcialmente. Barão, Ney, Sandra de Sá e Engenheiros mandam bem, mas a tal Gilmelandia, da banda Beijo, destroi "Brasil". Cazuza não merecia.
PIRAJÁ ESQUINA CARIOCA (Dabliú)	Só sambistas de verdade: Dona Ivone Lara, João Nogueira, Luiz Carlos da Vila e Walter Alfaiate.	Em CD produzido pelo boteco paulistano Pirajá e gravado ao vivo, com maravilhas como "A.M.O.R. Amor" e "O Poder da Criação".	Direitinho. A gravação, feita no Tom Brasil (SP), reproduz o ambiente do bar, garantindo o clima.
ESPELHO MEU (Hill's Beverly)	Bebeto, suingueiro que fez sucesso nos anos 70 e 80, à sombra de Jorge Ben.	Com sua tradicional batida samba-rock no violão, acompanhado por musicos como o baixista Jamil Joanes e o trombonista Roberto Marques.	Em algumas faixas, como "Sopa No Mel" e "Meu Swing". Puxando para o romantismo baba, o repertório não é dos mais inspirados.



rec beat
carnaval 2000
o som do mangue cai na folia!
01 . 07 03 recife pe

programação

quarta 01.03
Festa de Montagem
Querosene Jacaré
John Bigu & Os Caronas
Dj Paulo Paris (Portugal)

quinta 02.03
Mestre Ambrósio
Eddie
Sistema X
Songo
Mônica Feijó
Dj Marc Regnier (França)

sexta 03.03
Faces do Suburbio
Ira! (SP)
Chão & Chinelo
Stela Campos
River Raid
Dj Arlequim (DF)

sabado 04.03
mundo livre S/A
Pinduca (PA)
Dj Dolores
Matalanamão
Sonic Jr. (AL)
Dj Engel & Alistair (Inglaterra)

domingo 05.03
Via Sat
Pedro Luiz & A Parede (RJ)
Fellini (SP)
Uptown Big Band
Los Canalhas Insensibles
Dj Renato L. (PE)

segunda 06.03
Naná Vasconcelos
Encontro de Mestres
Ortinho
Lia de Itamaracá
Tufo/Fernando Catatau (CE)
Dj Caphagérson (DF)

RECbitinho
(a partir das 16 H)
Boca de Forno
Daruê Malungo
Bloco Eu Acho É Pouquinho
Nação Erê

terça 07.03
Cordel do Fogo Encantado
Karnak (SP)
Textículos de Mary
DMP & Os Futanos
Paula Lima (SP)
Dj Cliffy (Inglaterra)

patrocinio
PREFEITURA DA CIDADE
apoio
REVISTA SHOWBIZZ
Chesf
Gerando o futuro
RÁDIO CIDADE FM 96,7 FM
realização
rEc bEat produções artísticas

De quem é a música?

Meça seus conhecimentos sobre autores e interpretes originais, **Pablo**!

1 **Numa das melhores cenas do filme *Pulp Fiction*, a personagem de Uma Thurman, pra lá de chapada, sai dançando pela sala ao som de "Girl, You'll Be a Woman Soon" (Garota, Você Será Mulher Em Breve), com o Urge Overkill. Quem é o autor – e intérprete original – da canção?**
a) Netinho, que na versão original cantava "te carreguei no colo, menina"
b) David Bowie, em canção dedicada a Brian Molko, do Placebo.
c) Neil Diamond, em começo de carreira, quando tinha visual à la Elvis.
d) Jerry Lee Lewis, especialista em ninfetas e pioneiro em transgressões rock'n'rol

2 **"Cocaine", um dos maiores sucessos da carreira de Eric Clapton, é de autoria de uma figura mitológica. Quem?**
a) Bob Marley, que, depois de compor "Kaya", foi em busca de emoçoes mais fortes.
b) Irving Berlin, também autor da bandeirosa "White Christmas"
c) Rafael Island, que compôs a obra baseado na experiência de passar no teste da farinha para integrar um grupo infantil
d) O guitarrista J.J. Cale, cuja carreira é apreciada por nove entre dez usuários do blues.

3 **A canção "Never Can Say Goodbye" foi escrita por Clifton Davis. Sua versão mais conhecida virou hino disco na voz de Gloria Gaynor, em 1974. A primeira gravaçao, porém, foi feita em abril de 1971 por...**
a) Isaac Hayes
b) Jackson 5.
c) Bronski Bisha.
d) The Armless Boys.

4 **"Dancin' Days", que fez sucesso com Lulu Santos, foi gravado originalmente por quem?**
a) Frenéticas. Elas eram garçonetes na boate carioca que deu nome à musica e se transformaram em rainhas das discotecas brasileiras.
b) Led Zeppellin. A musica faz parte do álbum Houses Of The Holy.
c) Ronaldo Reseda, bailarino e cantor que introduziu no Brasil a onda disco e muitas outras pragas.
d) Bee Gees. A canção fez parte da trilha do filme *Sunday Morning Diarrhea*

5 **"O Astronauta de Mármore", sucesso do Nenhum de Nós, é versão – nefasta, nefasta, nefasta – de uma canção de um dos maiores astros do pop/rock. Quem?**
a) Elton John
b) Principe Charles, que prefere outro sucesso do Nenhum de Nós: "Camila, Camila"
c) David Bowie
d) "Coco" – a fruta –, do Man Or Astro-Man. La de onde eles vieram, a tal canção é hino nacional (mas na versão forró, que é muito superior à do Nenhum de Nos)

6 **"She", atual sucesso de Elvis Costello, é, na verdade, uma baba de um ídolo da musica francesa. O nome do monsieur é...**
a) Serge Gainsbourg.
b) Jacques Cousteau
c) Jacques Cagueau Noupal
d) Charles Aznavour.

SEU NIVEL DE RECONHECIMENTO DE COVERS...

De 0 a 2 pontos
COVERGONHA
Você acredita em gnomos, acha que Zélia Duncan chegou à maturidade como compositora quando fez "Catedral" (que é de Tanita Tikaram) e adora "aquela musica do Rappa, 'Hey Joe'" (que, sentimos informar, também não é de autoria do Hendrix).

De 3 a 5 pontos
COVERDURA
Você não é goiaba, mas, na feira moderna de enganações do pop, de vez em quando leva pepino por rabanete. Cuidado: ao comprar um "Negro Amor" com os Engenheiros do Hawaii, você pega por tabela Caetano Veloso (que fez a versão) e Bob Dylan (autor da original, "It's All Over Now, Baby Blue"). Que salada...

6 pontos
PABLO, O GRANDE
Parabéns, luzidio e valoroso Pablo! Você é um grande entendido(a). Saia pela noite, se jogue e duble: mostre ao mundo o tamanho de seu talento, criatura.

Respostas: 1) c; 2) d; 3) b; 4) a; 5) c; 6) d

O primeiro single do novo álbum do **Oasis** chega fazendo furor na Inglaterra, mas sob acusações de plágio

"Go Let it Out"

Seriam roubados os versos que Noel botou na boca de Liam Gallagher?

(Noel Gallagher)

Paint no illusion, try to click with watcha got
Taste every potion 'cos if yer like yerself a lot
Go let it out, go let it in, go let it out

Life is precocious in a most peculiar way
Sister psychosis don't got a lot to say
She got let it out, she got let it in,
she got let it out
She got let it out, she got let it in,
she got let it out

Is it any wonder why princes and kings are
clowns that caper in their sawdust rings
And ordinary people that are like you and me
We're the keepers of their destiny

I'm goin' leaving this city,
I'm goin' drivin' outta town
You're comin' with me the right time
is always now
To go let it out, go let it in, go let it out
To go let it out, go let it in, go let it out

Is it any wonder why princes and kings are
clowns that caper in their sawdust rings
'Cos ordinary people that are like you and me
We're the builders of their destiny
We're the builders of their destiny
We're the builders of their destiny
We're the builders of their destiny

So go let it out, go let it in
Go let it out, don't let it in
Go let it out, go let it in
Go let it out, don't let it in
Don't let it in

© SONY MUSIC PUBLISHING UK

Inspiração suspeita

"Go Let It Out" segue a tradição oasiana: o single chegou às rádios cercado de polêmica. A letra causou grande alvoroço por ser muitíssimo parecida com a de "Book Of Rules", som gravado em 1973 pela banda Bobby & The Midnites. Compare você mesmo: em "Go Let It Out", Liam canta "Is it any wonder why princes and kings / Are clowns that caper in their sawdust rings? / And ordinary people that are like you and me / We're the keepers of their destiny" ("Não é de se estranhar por que principes e reis / São palhaços que dão cambalhotas em seus picadeiros de serragem / E pessoas comuns feito eu e você / Somos os responsáveis por nosso destino?"). Em "Book Of Rules", Bobby canta "Isn't it strange how princesses and kings / Can clown their capers in sawdust rings / Poor people like you and me will be builders for eternity" ("Não é de se estranhar que princesas e reis / Podem se macaquear em cambalhotas em picadeiros de serragem / Pobres como você e eu serão os construtores da eternidade"). Depois de ameaças de processo, há um acordo a caminho.

Solte-se

Não crie ilusões, tente se dar bem
com o que você tem
Experimente todas as poções porque,
se você gosta muito de si mesmo
Vá se soltar, vá se abrir

A vida é precoce de uma maneira
muito peculiar
A irmã psicose não tem muito a dizer
Ela tem de se soltar, ela tem de se abrir,
ela tem de se soltar
Ela tem de se soltar, ela tem de se abrir,
ela tem de se soltar

Não é de se estranhar por que príncipes e
reis são palhaços que dão cambalhotas
em seus picadeiros de serragem
E pessoas comuns feito eu e você
Somos os responsáveis por nosso destino?

Eu vou deixar esta cidade,
vou dirigir para fora da vila
Você vai vir comigo, o momento
certo é sempre agora
Para ir se soltar, ir se abrir, ir se soltar
Para ir se soltar, ir se abrir, ir se soltar

É algum mistério por que príncipes e
reis são palhaços que dão cambalhotas
em seus picadeiros de serragem?
Porque pessoas comuns que
são como você e eu
Somos os construtores do destino deles
Somos os construtores do destino deles
Somos os construtores do destino deles
Somos os construtores do destino deles

Então vá se soltar, vá se abrir
Vá se soltar, vá se abrir
Vá se soltar, vá se abrir
Vá se soltar, não se abra
Não se abra

ANTES DO MACH 5...

ANTES DA PRIMEIRA VITÓRIA...

A HISTÓRIA DE UM JOVEM COM ESPERANÇA NO CORAÇÃO E VELOCIDADE NAS VEIAS...

SPEED RACER™

RIGOROSAMENTE FIEL AO FAMOSO DESENHO ANIMADO DA TELEVISÃO.

MINI-SÉRIE INÉDITA EM TRÊS EDIÇÕES.

ROTEIRO E ARTE ESPETACULARES!

NAS BANCAS NO INÍCIO DE ABRIL.

Abril 50 anos

© SPEED RACER ENTERPRISES, INC.

LOS HERMANOS

"É o trabalho mais interessante do pop nacional em 99 até agora... E por isso promete ser a febre do próximo verão."
(O Globo)

"Rock pop na medida para quem está apaixonado."
(Folha de São Paulo)

"O melhor disco de estréia de uma banda Nacional em muito tempo."
(Showbizz)

"O maior passo na evolução do Rock brasileiro desde o mangue bit. A melhor estréia do ano e uma das melhores da década."
(Diário de Pernambuco)

"Eles são daqueles que todos reconhecem como o melhor espécime, o melhor exemplar, aquilo que todo mundo que faz Rock acha que deveria e merecia estar no rádio."
(Diário do Povo)

A Nova Cara do Rock!

Incluindo a linda Anna Julia.

Abril Music
A NOVA CARA DA MÚSICA

Verão da multiplicidade

Nacional

A parada SHOWBIZZ deste mês reflete bem os resultados do Prêmio Bizz: num mês com poucas mudanças, Raimundos e Charlie Brown Jr. foram as bandas que galgaram mais posições, fazendo bonito com suas novas músicas de trabalho. Entre os sons estreantes, **Gabriel O Pensador** merece destaque por ter conseguido, já na primeira semana, deixar para trás a Legião Urbana, eterna campeã de audiência. Pepeu Gomes não teve tanta sorte, mas também começou bem com sua versão para o clássico pop do Rádio Táxi.

		mês anterior
1º	"Bem Querer" / Maurício Manieri	2º
2º	"Papo De Jacaré – Live" / P.O. Box	8º
3º	"Anna Júlia" / Los Hermanos	3º
4º	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	1º
5º	"O Vento" / Jota Quest	4º
6º	"O Carcará E A Rosa" / Natiruts	5º
7º	"Me Lambe" / Raimundos	18º
8º	"Confisco" / Charlie Brown Jr.	14º
9º	"Astronauta" / Gabriel O Pensador c/ Lulu Santos	•
10º	"Hoje À Noite Não Tem Luar – Unplugged" / L. Urbana	7º
11º	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	15º
12º	"Garota Dourada" / Pepeu Gomes	•
13º	"A Mais Pedida" / Raimundos	11º
14º	"Eu Não Vou" / Fat Family	10º
15º	"Enquanto Ela Não Chegar" / Barão Vermelho	13º
16º	"Aluga-se" / Titãs	16º
17º	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	12º
18º	"Monte Castello" / Jerry Adriani	•
19º	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	20º
20º	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	17º

Internacional

Cantoras pop (em vertentes mais ou menos angustiadas) vêm refletindo uma das tendências mais fortes do mercado americano nos últimos anos, junto com a música "étnica" (*nosotros* latino-americanos). Pois as duas ondas estão batendo aqui: no caso "étnico", a explosão é do "El Arbi", do argelino Khaled, e do "Mambo # 5", de **Lou Bega**. Enquanto isso, Shania Twain, Celine Dion e Britney Spears estreavam seus agudos na parada nacional e Mariah Carey mantinha o primeiro lugar. Só Alanis é que parece estar em baixa: "King Of Pain" caiu.

		mês anterior
1º	"Against All Odds (Take A Look At Me Now)" / M. Carey	1º
2º	"Mambo #5" / Lou Bega	2º
3º	"El Arbi" / Khaled	8º
4º	"From This Moment On" / Shania Twain	•
5º	"Smooth" / Carlos Santana com Rob Thomas	5º
6º	"I Want You To Need Me" / Celine Dion	•
7º	"King Of Pain" / Alanis Morissette	4º
8º	"Learn To Fly" / Foo Fighters	10º
9º	"Genie In A Bottle" / Christina Aguilera	3º
10º	"(You Drive Me) Crazy" / Britney Spears	•
11º	"It's Alright" / Guns N'Roses	9º
12º	"Around The World" / Red Hot Chili Peppers	13º
13º	"Then The Morning Comes" / Smash Mouth	7º
14º	"Heartbreaker" / Mariah Carey com Jay-Z	18º
15º	"Sun Is Shining" / T.B. com Bob Marley & The Wailers	19º
16º	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	11º
17º	"Black Baloon" / Goo Goo Dolls	•
18º	"Last Kiss" / Pearl Jam	15º
19º	"The Chemical Between Us" / Bush	•
20º	"Steal My Sunshine" / Len	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em 12 rádios FM do Rio de Janeiro e 12 rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de dezembro de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB.

• estréia

Entre Leitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Belle & Sebastian: Flávia Ragazzo de Barros – Rua Luiz Vizeira, 1144, ap 44, bl. A2 – Jardim Elite – Piracicaba, SP – CEP 13417-530

Blind Melon: Talita Goulart Arrivabene – Rua Nelson Sampaio, 192 – Glória – Vila Velha, ES – CEP 29122-340

Blur: Lilian Oliveira Hayasaka – Rua Pereira da Nóbrega, 103, ap. 14 – V. Monumento – São Paulo, SP – CEP 01549-020 – E-mail: maggiemay@hehe.com

Deep Purple e Black Sabbath: Fernanda Dutra – Avenida Dr. Olívio Corrêa Pedrosa, 76 – Centro – Alegre, ES – CEP 29500-000

Korn: Fernanda Nascimento – Rua Casimiro Misskiniz, 100 – Itaquera – São Paulo, SP – CEP 08285-200

Mariah Carey: Aline Mavi – Rua Joaquina de Albuquerque, 61 – Nilópolis, RJ – CEP 26530-190

Marilyn Manson e Rammstein: Morticia Manson – Rua Campo das Pitangueiras, 693 – Jardim São Nicolau – São Paulo, SP – CEP 03685-010

Nirvana e Silverchair: Andreza da Silva – Rua Ciane, 35 – Ermelino Matarazzo – São Paulo, SP – CEP 08070-020

Pearl Jam: Érika Moriyama – Rua Rio Vitorino, 307 – Jardim Varginha – São Paulo, SP – CEP 04856-400

Ramones: fã em Ponta Grossa

Ramones e Replicantes: André Cristiano Arnaud – Rua General Cândido Rondon, 2000 – Nova Rússia – Ponta Grossa, PR – CEP 84070-020

Radiohead e Led Zeppelin: Vandson Lima – Rua Progresso, 23 B – Guainazes – São Paulo, SP – CEP 08460-550

Sheryl Crow: Luiz Gabriel Passos – Rua Hugo Caroteni, 471 – São Paulo, SP – CEP 05532-020

Smashing Pumpkins: Rodrigo Moreira – Rua 07, 48 – Bairro JK – Coronel Fabriciano, MG – CEP 35171-104

Sublime e Charlie Brown Jr: Daniela dos Santos Amadeo – Rua Vereador Frederico Veras, 466 – Pantanal – Florianópolis, SC – CEP 88040-200 – E-mail: danysc@zipmail.com.br

FÃS-CLUBES

Guns N'Roses: *The Best Rock Club* – Rua José da Silva Guimarães, 80 – Pirituba – São Paulo, SP – CEP 02943-060

Los Hermanos: *Hermanos de Los Hermanos* – Avenida Francisco Satriani, 207 – Jardim Panorama – Araraquara, SP – CEP 14807-077

Madonna: *Like A Prayer* – Rua General Miguel Costa, 196 – Vila Scarpelli – Santo André, SP – CEP 09050-410

No Doubt: *That's Just No Doubt* – Avenida Presidente Antônio Carlos, 615/302-B – Castelo – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20020-010

Radiohead: *Planet Telex* – Rua Pedro Falchi, 350 – Vila Falchi – Mauá, SP – CEP 09350-320

FANZINES

Cinema, TV, literatura: *Liquidificador* – Avenida Protásio Alves, 1655/21 – Petrópolis – Porto Alegre, RS – CEP 90410-001

Música, futebol, HQ: *Bizarr Zine* e *Queers From Outer Space* – Caixa Postal 31/Ag. Central – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20001-970

Paralamas do Sucesso: *Lunazine* – Rua Reskala Snege, 187 – Curitiba, PR – CEP 81850-080

Silverchair: *Silver Magazine* – Rua Tiradentes, 300 – Reduto – Belém, PA – CEP 66053-330

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril
SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: [illegible]
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970 - São Paulo - SP
[illegible]

Escritórios no Brasil
Belo Horizonte: [illegible]
Brasília: [illegible]
Curitiba: [illegible]
Porto Alegre: [illegible]
Rio de Janeiro: [illegible]
Escritórios no Exterior
Nova York: [illegible]
Paris: [illegible]
Portugal: Importação Exclusiva e Comercialização: [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
ALMANAQUE ABRIL • INFO EXAME • SUPERINTERESSANTE
GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE! • VEJA
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY • VIP EXAME
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • NOVA BELEZA MANEQUIM • PONTO CRUZ • FAÇA E VENDA • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARÍCIA • VIVA! MAIS
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
BONS FLUIDOS EM CASA
Entretenimento
MINHA NOVELA • REVISTA DA WEB! CONTIGO
SHOWBIZZ

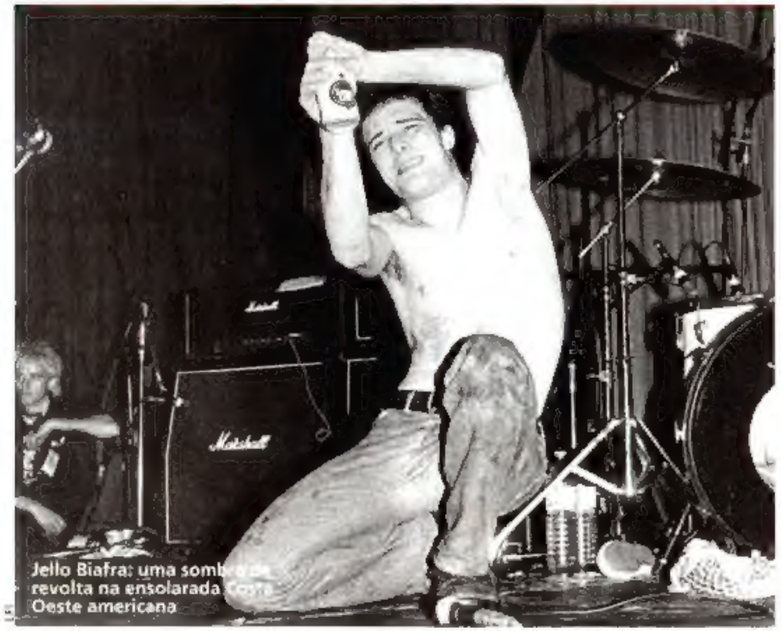
Revista Showbizz, Edição 176, Março de 2000, é uma publicação da Editora Abril S.A. [illegible] Assinaturas: [illegible] Edições Anteriores: [illegible]

Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800 55-2112

ANER IVC
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

De rajada, Califórnia

Em 1980, uma banda da riponga São Francisco cuspiu raiva articulada e politizada no punk americano


Jello Biafra: uma sombra de revolta na ensolarada Costa Oeste americana

Ficha técnica

Ano de Lançamento: 1980
Musicas: "Kill The Poor" • "Forward To Death" • "When Ya Get Drafted" • "Let's Lynch The Landlord" • "Drug Me" • "Your Emotions" • "Chemical Warfare" • "California Über Alles" • "I Kill Children" • "Stealing People's Mail" • "Funland At The Beach" • "Ill In The Head" • "Holiday In Cambodia" • "Viva Las Vegas"
Produção: Norm; gravado no estúdio Möbius Music, em São Francisco

Fresh Fruit For Rotting Vegetables foi lançado no Brasil pela gravadora Continental – só em 1987 – em edição de luxo, com vinil branco e o encarte-pôster com arte de Winston Smith. Foi divulgado que o LP vendeu 20 mil cópias, mas Jello jura que nunca recebeu um centavo. Hoje, a versão CD pode ser comprada em lojas importadoras.

Fresh Fruit For Rotting Vegetables

Dead Kennedys

Nos EUA de Ronald Reagan, era preciso peito para batizar uma banda de Kennedys Mortos. Imagine alguém entrar numa loja no Brasil e dar de cara com um disco da banda Fernandas Montenegros Esquartejadas ou Algozes do Frei Damião. O choque seria o mesmo. E Jello Biafra queria mesmo chocar. Quando ainda era conhecido por Eric Boucher, o rapaz já era revoltado: contra o governo, contra os direitistas, os militares, os yuppies, a sociedade de consumo, o rock. Depois que se mudou para a liberal São Francisco, no fim dos anos 70, Eric resolveu expelir todo esse ódio em forma de música. O resultado foi o Dead Kennedys. Seu primeiro LP, *Fresh Fruit For Rotting Vegetables*, caiu na cena californiana como uma bomba atômica. Até então o punk americano tinha tradição de bandas festeiras, tipo Circle Jerks e Ramones. Política não era o forte. Não havia um Clash ou um Sham 69 na terra do Tio Sam.

Mas Jello e seus colegas, o guitarrista East Bay Ray e o baixista Klaus Flouride, mudaram tudo isso. *Frush Fruit...* foi o primeiro manifesto anarquista punk americano. Com sua voz de personagem de desenho animado, Jello conclamava o povo a matar os pobres ("Kill The Poor"), linchar os síndicos ("Let's Lynch the Landlord"), tomar drogas ("Drug Me"), roubar correspondência ("Stealing People's Mail"), exterminar crianças ("I Kill Children") e visitar o Camboja ("Holiday In Cambodia"). Falava também de guerra química, golpes militares e conspirações direitistas. Tudo isso embalado por uma ironia corrosiva e por uma explosiva combinação de punk, surf music e experimentalismo. O Dead Kennedys nunca se encaixou na teoria simplista de que punk se faz só com dois acordes e um pulmão forte. Suas músicas têm arranjos elaborados e mudanças inesperadas de ritmo e andamento.

Jello colheu exatamente o que plantou: discórdia e incompreensão. Foi processado por obscenidade, teve discos recolhidos, brigou na Justiça e incomodou muita gente. Era uma mosca na sopa da sociedade americana, um câncer – necessário. Jello levou o lema "faça você mesmo" ao extremo: montou a própria gravadora, a Alternative Tentacles, e lançou todas as bandas de que gostava. Chegou a candidatar-se a prefeito de São Francisco, propondo que os policiais usassem nariz de palhaço. Teria o meu voto, fácil.

André Barcinski

"Este disco foi uma porrada. Era tão... qual é mesmo a palavra?... punk! Com muito sarcasmo e táticas de choque, Jello Biafra botou a molecada americana para pensar."
Dexter Holland, líder do Offspring

faixas exclusivas! sepultura e drugstore
dog eat dog
soulfly
tin star
sepultura
fear factory & gary numan
jesse camp
simon says
six by seven
buffalo tom
machine head
sprung monkey
the cramps
Lançamento
BRASIL 2000 107,3
nosso de cada dia
preços promocionais Saraiva MEGA STORE
ROADRUNNER RECORDS
ROADRUNNER BRASIL TEL> (011) 5507-4937 FAX> (011) 5507-4938

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®